

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

LEONARDO TALONE NETO

**SEBOS EM GOIÂNIA: LEVANTAMENTO E ESTUDO DE CASO DA LIVRARIA  
“FEIRA CULTURAL DE CAMPINAS”**

GOIÂNIA  
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE  
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):**

Nome completo do autor: **Leonardo Talone Neto**

Título do trabalho: **“Sebos em Goiânia: levantamento e estudo de caso da livraria ‘Feira Cultural de Campinas’”**

**2. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM  NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

  
\_\_\_\_\_  
Leonardo Talone Neto<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
\_\_\_\_\_  
Andréa Pereira dos Santos<sup>2</sup>

*Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos*  
Curso de Biblioteconomia  
FIC / UFG

Data: 18 / 12 / 2018

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

LEONARDO TALONE NETO

**SEBOS EM GOIÂNIA: LEVANTAMENTO E ESTUDO DE CASO DA LIVRARIA  
“FEIRA CULTURAL DE CAMPINAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás.

**Orientadora: Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos.**

GOIÂNIA  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Talone Neto, Leonardo

Sebos em Goiânia [manuscrito] : levantamento e estudo de caso da livraria "Feira Cultural de Campinas" / Leonardo Talone Neto. - 2018.  
144 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Biblioteconomia, Goiânia, 2018.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, fotografias, lista de figuras.

1. Sebos. 2. Mercado livreiro. 3. Livros usados. 4. Crise. I. Santos, Andréa Pereira dos, orient. II. Título.

CDU 02

LEONARDO TALONE NETO

**SEBOS EM GOIÂNIA: LEVANTAMENTO E ESTUDO DE CASO DA  
LIVRARIA “FEIRA CULTURAL DE CAMPINAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, aprovado em 12 de dezembro de 2018, pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:



---

Professora Dra. Andréa Pereira dos Santos – Presidenta da Banca  
Universidade Federal de Goiás

*Prof. Dra. Andréa Pereira dos Santos*  
Curso de Biblioteconomia  
FIC / UFG



---

Professora Dra. Maria das Graças Monteiro Castro – Membro Examinador  
Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>a</sup> Maria das Graças M. Castro  
FIC/UFG - SIAPE - 2307069

*“Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe – que faz a palma,  
É chuva – que faz o mar.”*

*(Castro Alves)*

*Buquinemos, amiga, neste sebo.  
A vela, ao se apagar, é sebo apenas,  
e quero a meia luz. Amo as serenas  
angras do mar dos livros, onde bebo.*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

## RESUMO

Aborda o mercado de livros usados de Goiânia a partir de um levantamento dos sebos existentes na cidade e de um estudo de caso da livraria Feira Cultural de Campinas, considerado o sebo mais antigo de Goiânia em funcionamento. Tem por objetivo, portanto, o de descrever a história e o funcionamento deste sebo, como também as características desse mercado em Goiânia. Ao atualizar um levantamento de sebos realizado em 2005, a pesquisa parte da hipótese de que o número de sebos tenha diminuído de lá para cá e de que as livrarias de livros usados estejam sendo afetadas pela crise no mercado livreiro brasileiro. Para isso, a metodologia utilizada é o estudo de caso a partir da abordagem qualitativa do problema, com o uso de entrevista não estruturada com a proprietária da livraria, observação simples do sebo e, para o levantamento, formulários como instrumentos de pesquisa. A pesquisa é, além disso, básica, indutiva e descritiva. Entre os resultados da pesquisa, foi detectada uma queda no número de sebos da cidade: de 32 foi para 23 em treze anos. A grande maioria deles realiza venda virtual e vendem outros materiais que não livros usados (como HQs, revistas e materiais audiovisuais). Os livreiros identificaram que seus clientes são variados, sem grandes distinções de classe, idade ou ocupação, e que um público muito frequente são os estudantes e os pais de alunos. Por fim, a maioria dos livreiros afirma que houve uma queda muito grande no número de vendas especialmente nos dois últimos anos. Conclui que as perspectivas não são boas e teme-se pela não sobrevivência deste tipo de mercado em um futuro próximo. Recomenda a realização de novos estudos que investiguem as razões e efeitos desta crise e de novos levantamentos a serem realizados periodicamente para observar se a queda no número de livrarias se concretiza.

**Palavras-chave:** Sebos. Mercado livreiro. Livros usados. Crise.

## ABSTRACT

It addresses the secondhand book market in Goiânia from a survey of the existing secondhand bookshops in the city and a case study of the store Feira Cultural de Campinas, considered the oldest bookstore of Goiânia in operation. Its purpose, therefore, is to describe the history and operation of this bookstore, as well as the characteristics of this market in Goiânia. When updating a survey carried out in 2005, the research is based on the hypothesis that the number of stores of this type has declined since then and that those stores are affected by the crisis in the Brazilian book market. For this, the methodology used is the case study from the qualitative approach of the problem, with the use of unstructured interview with the owner of the bookstore, simple observation of the store and, for the survey, forms as research instruments. The research is also basic, inductive and descriptive. Among the results, a decrease in the number of secondhand bookstores of the city was detected: from 32 to 23 in thirteen years. The vast majority of them conducts virtual sales and sells materials other than used books (such as comic books, magazines and audiovisual materials). Bookkeepers have identified that their clients are varied, with no distinction of class, age, or occupation, and that a very frequent client are students and parents of students. Lastly, most booksellers state that there has been a very large drop in sales especially in the last two years. It concludes that the outlook is not good and is feared by the non-survival of this type of market in the near future. It recommends carrying out new studies that investigate the reasons and effects for this crisis and new surveys to be carried out periodically to see if the fall in the number of bookstores is realized.

**Keywords:** Secondhand bookshops. Bookstores. Used books. Crisis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Objetivos específicos da pesquisa e etapas aos quais se aplicam.....	20
Quadro 2 – Registros de livrarias no Rio de Janeiro entre os anos de 1779 a 1900.....	25
Quadro 3 – Conceitos de leitura .....	30
Fotografia 1 – Área interna do Bazar Municipal, em 1982.....	42
Fotografia 2 – Livraria Cultura Goiana na Praça Cívica.....	43
Fotografia 3 – Grupo de intelectuais na Feira de Arte e Artesanato.....	44
Fotografia 4 – Escritores ilustres lançam seus livros na “Banca do Paulo” .....	44
Fotografia 5 – Livros expostos na Feira, nos anos 1970.....	45
Quadro 4 – Sebos físicos.....	63
Quadro 5 – Sebos exclusivamente virtuais listados na Estante Virtual .....	64
Quadro 6 – Estabelecimentos que não são sebos, mas que vendem livros ou revistas usados ..	64
Quadro 7 – Sebos de acordo com os bairros onde se localizam.....	65
Mapa 1 – Distribuição dos sebos por Goiânia .....	66
Mapa 2 – Distribuição dos sebos pelo Setor Central .....	67
Quadro 8 – Tipos de sebos em relação ao comércio virtual.....	68
Quadro 9 – Sebos presentes na Estante Virtual.....	69
Quadro 10 – Número aproximado de itens dos sebos.....	70
Quadro 11 – Situação atual dos sebos listados por Pereira (2005).....	72
Quadro 12 – Ano de fundação dos sebos .....	74
Gráfico 1 – Décadas em que os sebos foram criados.....	75
Quadro 13 – Materiais à venda nos sebos .....	77
Gráfico 2 – Número de livrarias que comercializam cada tipo de material .....	78
Gráfico 3 – Clientes dos sebos de acordo com os vendedores .....	83
Fotografia 6 – Rose Mary, proprietária da Feira Cultural de Campinas .....	89
Fotografia 7 – Sebo Feira Cultural, em 1982 .....	91
Figura 1 – Carimbos de outras livrarias .....	94
Figura 2 – Carimbos da Feira Cultural de Campinas.....	95
Fotografia 8 – Fachada da Feira Cultural de Campinas.....	96
Fotografia 9 – Área interna da Feira Cultural de Campinas.....	97
Fotografia 10 – Área interna da Feira Cultural de Campinas.....	98
Fotografia 11 – Caixa de mensagens .....	99
Fotografia 12 – Rose corta mensagens .....	99

Figura 3 – Exemplos de mensagens diárias.....	99
Fotografia 13 – Cliente escolhe pintura .....	100
Fotografia 14 – Rose elabora cartão de visita .....	100
Fotografia 15 – Dedicatória.....	111
Fotografia 16 – Impressões de leitura .....	111
Fotografia 17 – Regras de biblioteca .....	112
Fotografia 18 – Registros manuscritos em livro.....	112

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANL	Associação Nacional de Livrarias
BDTD/UFG	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Biblioteca da UFG
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBL	Câmara Brasileira do Livro
EV	Estante Virtual
HQs	Histórias em Quadrinhos
IEG	Instituto de Educação de Goiás
IFG	Instituto Federal de Goiás
IPEHBC	Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central
IPL	Instituto Pró-Livro
PUC-GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
SIBI/UFG	Sistema de Bibliotecas da UFG
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
UFG	Universidade Federal de Goiás

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1 OBJETIVOS .....	13
1.1.1 Objetivo geral .....	14
1.1.2 Objetivos específicos.....	14
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>15</b>
2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	15
2.1.1 Base lógica .....	15
2.1.2 Quanto à natureza .....	16
2.1.3 Quanto à forma de abordagem .....	16
2.1.4 Quanto aos objetivos .....	16
2.1.5 Quanto aos procedimentos técnicos .....	16
2.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	17
2.2.1 Formulários .....	17
2.2.2 Observação simples .....	18
2.2.3 Entrevista não-estruturada.....	19
2.3 ETAPAS DA PESQUISA .....	19
<b>3 O LIVRO E O COMÉRCIO LIVREIRO NO BRASIL</b> .....	<b>21</b>
3.1 A LEITURA E A CULTURA EM GOIÁS .....	34
<b>4 O MERCADO DE LIVROS NOVOS E USADOS</b> .....	<b>47</b>
4.1 SEBOS E SUAS DEFINIÇÕES .....	47
4.2 SEBOS EM GOIÂNIA .....	53
4.3 REVISÃO DE LITERATURA.....	55
<b>5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>62</b>
5.1 LEVANTAMENTO DE SEBOS.....	62
5.1.1 Sebos levantados.....	62
5.1.2 Comércio virtual.....	67
5.1.3 Comparando com o Guia dos Sebos de Goiânia de 2005 .....	71
5.1.4 O que vendem.....	75
5.1.5 Outras características e observações .....	79
5.1.6 Obras raras.....	81
5.1.7 Clientes .....	83
5.1.8 A crise no mercado de livros usados .....	85
5.2 ESTUDO DE CASO .....	88
5.2.1 História .....	88
5.2.2 Funcionamento e características da livraria .....	95
5.3 APONTAMENTOS GERAIS .....	113
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>122</b>
<b>APÊNDICE A – FORMULÁRIO PARA LEVANTAMENTO DE SEBOS</b> .....	<b>129</b>
<b>APÊNDICE B – RESULTADOS OBTIDOS EM BUSCAS POR SEBOS DE GOIÂNIA</b> ....	
.....	130
<b>APÊNDICE C – GUIA DOS SEBOS DE GOIÂNIA</b> .....	<b>132</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quem anda pelas ruas do Centro de Goiânia, Goiás, dificilmente deixará de ver um sebo. Seja na Avenida Goiás, seja na Rua 4, ou na Avenida Araguaia. Sebos são livrarias que vendem livros usados, raros e esgotados e fazem parte desde muitos anos da paisagem do Centro da capital. Esse tipo de livraria tem como uma particularidade, em relação às livrarias tradicionais, a possibilidade ao cliente de comprar, vender ou trocar livros. Em geral, também, os sebos apresentam livros com valores mais acessíveis por serem de segunda mão do que as livrarias que vendem livros novos. Os sebos podem vender também livros novos e outros tipos de materiais, como revistas, CDs, DVDs, entre outros.

Um estudo realizado em 2005 apontava a existência de 32 sebos em Goiânia (PEREIRA, 2005). Hoje, treze anos depois, buscamos nessa pesquisa atualizar este número, observando as características do mercado de livros usados na cidade. Para aprofundar essa observação, será realizado um estudo de caso com o sebo Feira Cultural de Campinas.

A Feira Cultural de Campinas é o sebo mais antigo de Goiânia que ainda está em funcionamento. Foi fundado em 1977 e, desde aquele ano, é conduzido pela proprietária Rose Mary do Camargos Lourenço. O sebo é, ao mesmo tempo, tradicional e incomum. É tradicional por não ter nada informatizado e por não realizar venda virtual de livros, o que, como aponta a pesquisa, vai contra a tendência dessas livrarias. E é, por isso mesmo, incomum. O sebo também é peculiar em outro sentido: quem passa por ele não sai indiferente. A livraria chama atenção pela sua decoração, caracterizada pelos cartazes e objetos espalhados por todo o ambiente nos quais Rose escreve frases e poesias com o intuito de passar uma mensagem aos clientes. Na porta é possível encontrar ainda uma caixa com mensagens soltas para que os visitantes peguem e levem consigo.

Nesse contexto, a pesquisa apresenta a seguinte **problemática**: Quais são as características do mercado de livros usados em Goiânia e como é o funcionamento e a história do sebo Feira Cultural de Campinas?

O trabalho se **justifica** pela ausência de pesquisas recentes similares que investigassem esse tipo de livraria tão presente em Goiânia, descrevendo sua história e como se distribuem pelo espaço da capital. A livraria Feira Cultural de Campinas foi escolhida para estudo de caso por ser o sebo mais antigo ainda em funcionamento na cidade e pelo fato de que sua proprietária se manteve no comando da livraria desde seu início há 41 anos, podendo, desse modo, contribuir em seu relato ao registro da história desse mercado. Com isso, a pesquisa contribuirá à Ciência da Informação no campo das práticas de leitura ao investigar a

história do comércio livreiro de Goiânia e ao observar os clientes que frequentam esse mercado. Com o levantamento que será realizado dos sebos de Goiânia, a pesquisa contribuirá ao acesso desse tipo de livraria pela população e poderá ser também útil para pesquisas futuras com temática relacionada aos sebos. Além disso, a pesquisa busca satisfazer a curiosidade pessoal do pesquisador, ele mesmo um leitor que tem o costume de frequentar sebos e o hábito de garimpar livros.

Aqui, parte-se da **hipótese** de que, em relação ao levantamento de sebos, tenha havido uma queda no número de livrarias desde a última vez em que esses estabelecimentos foram listados por Pereira (2005), frente à aparente crise em livrarias físicas que vêm acontecendo nos últimos anos no Brasil. Em formulário a ser aplicado aos livreiros, uma das questões os pergunta se têm sentido uma queda no número de vendas e frequência nos últimos anos. Imagina-se que as perspectivas não sejam boas, em parte explicadas pela compra de livros *online*, que vem substituindo cada vez mais a compra presencial. Notícias recentes sugerem essa inquietação, como o fechamento de lojas e pedidos de recuperação judicial de gigantes do comércio livreiro nacional, como a Fnac, a Saraiva e a Livraria Cultura (MEIRELES, 2018; MOURA, 2018; RODRIGUES, 2018b; SAMPAIO, 2018; SARAIVA..., 2018).

Este trabalho se divide em seis capítulos. O primeiro, a introdução. No segundo capítulo abordamos a metodologia utilizada na pesquisa. No terceiro, falamos sobre os aspectos históricos da leitura, do livro e do comércio livreiro no Brasil e em Goiás. No quarto, falamos sobre os aspectos conceituais dos sebos, sobre o contexto dos sebos em Goiânia e realizamos uma revisão de literatura dos estudos encontrados que tratam do assunto. O quinto capítulo é o de coleta e análise dos dados, e está dividido entre a análise do levantamento, a análise do estudo de caso e um balanço geral dos dois. Por último, temos a conclusão no sexto capítulo.

O presente estudo é parte integrante do projeto “A leitura e suas concepções teóricas, históricas e conceituais: perspectivas no campo do letramento informacional, da comunicação e comportamento informacional em diferentes instâncias educacionais formais e informais”, aprovado sob o parecer de número 2.543.521 do comitê de ética da Universidade Federal de Goiás (UFG).

## 1.1 OBJETIVOS

Nesta seção são apresentados os objetivos propostos para este estudo, divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

### **1.1.1 Objetivo geral**

Descrever a história e o funcionamento do sebo Feira Cultural de Campinas e as características do mercado de livros usados em Goiânia.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

- Realizar um levantamento dos sebos de Goiânia;
- Analisar as informações coletadas a partir da aplicação de formulários em todos os sebos da cidade;
- Comparar as informações obtidas com o levantamento realizado por Pereira (2005);
- Registrar a história, o funcionamento e as características do sebo objeto do estudo de caso;
- Observar o perfil dos clientes deste sebo.

## 2 METODOLOGIA

Método, de acordo com Gil (2010, p. 8), pode ser definido como o caminho para se atingir a determinado fim, e método científico se define como “o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Portanto, para que um conhecimento possa ser considerado científico, faz-se necessária a determinação do método que possibilite à chegada a esse conhecimento.

Pizzolatti e Rocha (2004 apud MATIAS-PEREIRA, 2007, p. 69-70) falam sobre a importância da escolha adequada do método na condução da pesquisa. De acordo com eles, a opção por um método na pesquisa é uma tarefa

fundamental na construção e condução da pesquisa e revela as qualidades do pesquisador em definir seus objetivos, traçar meios para atingi-los e avaliar os dados alcançados. O trabalho científico sem clareza no método tem, por sua vez, poucas chances de superar os questionamentos iniciais e continuamente exigem maiores cuidados que impeçam o desvirtuamento da proposta original da pesquisa. [...] A escolha pelo método adianta parte das inquietações do pesquisador e trazem à tona os encaminhamentos principais da análise teórica do autor.

Cabe, nesse sentido, definir os métodos pelos quais esta pesquisa se utilizará para chegar ao conhecimento pretendido.

### 2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa se classifica de acordo com os aspectos que se seguem.

#### 2.1.1 Base lógica

A base lógica da pesquisa é indutiva, pois se deu a partir da observação e coleta de informações do sebo analisado. Gil (2010, p. 10) afirma que, nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer. Em seguida, “procura-se compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles. Por fim, procede-se à generalização, com base na relação verificada entre os fatos ou fenômenos”. No mesmo sentido, o autor afirma que, aqui, “a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmados dessa realidade”.

Na presente pesquisa, as informações coletadas são a história, as características e o funcionamento do sebo Feira Cultural de Campinas, e a partir da coleta destes dados, podem ser elaboradas generalizações.

### **2.1.2 Quanto à natureza**

Sua natureza é básica, pois objetiva gerar conhecimentos úteis ao avanço da Ciência da Informação sem, porém, possuir aplicação prática prevista, de acordo com a definição de Silva e Menezes (2005 apud MATIAS-PEREIRA, 2007, p. 70).

### **2.1.3 Quanto à forma de abordagem**

Em relação à abordagem do problema, a pesquisa adotou a forma qualitativa. A pesquisa qualitativa “considera que há [...] um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20). Esta abordagem “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”.

Aqui, a abordagem qualitativa foi utilizada para a descrição das características, funcionamento e história do sebo Feira Cultural de Campinas. Em relação a isso, Goldenberg (1999 apud MATIAS-PEREIRA, 2007, p. 71) afirma que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim o aprofundamento da compreensão de um grupo social”. Para tanto, a pesquisa utilizou como instrumentos a observação simples e a entrevista não estruturada com a proprietária do sebo.

### **2.1.4 Quanto aos objetivos**

Do ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa se classifica como descritiva, pois visou descrever as características, funcionamento e história do sebo Feira Cultural de Campinas, conforme definição de Gil (1991 apud SILVA; MENEZES, 2005).

### **2.1.5 Quanto aos procedimentos técnicos**

Do ponto de vista técnico, por fim, o procedimento que a pesquisa utilizou foi o estudo de caso. De acordo com Gil (2008, p. 57-58), este procedimento “é caracterizado pelo

estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. O estudo de caso é utilizado com frequência para “explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos”, como é o caso nesta pesquisa, e por “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação”.

Critica-se este procedimento técnico ressaltando a dificuldade de generalização nos estudos de caso. Porém, “os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população a partir de procedimentos estatísticos, mas sim o de expandir ou generalizar proposições teóricas” (YIN, 1981 apud GIL, 2008, p. 58).

Nesta pesquisa, através da observação de um único sebo de Goiânia durante um dia inteiro, objetiva-se perceber o funcionamento desta espécie de estabelecimento em diversos aspectos. Foram observadas as características físicas do sebo, a organização do acervo, o que os clientes buscavam, seu perfil, o comportamento da atendente, a relação que se estabelece entre ambos os sujeitos, entre outras questões.

## 2.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, a pesquisa utilizou três instrumentos: formulários para o levantamento de sebos, observação simples do sebo objeto do estudo de caso e entrevista não-estruturada com a proprietária da livraria.

### 2.2.1 Formulários

Formulário, de acordo com Silva e Menezes (2005 p. 34), é uma coleção de questões a serem anotadas pelo próprio entrevistador em uma situação face a face com outra pessoa (o informante). Esta pesquisa utilizou este instrumento a fim de obter informações relativas ao funcionamento, características e histórico de cada um dos sebos levantados no guia de sebos de Goiânia. Tal levantamento é importante por contribuir ao acesso do mercado de livros pela população e poderá ser útil também para pesquisas futuras com temas relacionados aos sebos.

Os formulários foram aplicados aos donos ou vendedores de sebos e têm como base as informações coletadas em outros levantamentos: o de Goiânia (PEREIRA, 2005), Porto Alegre (ALMEIDA, 2013; ANTUNES, 2010) e São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades (SECCHIN, 2001).

### 2.2.2 Observação simples

De acordo com Gil (2008, p. 100), a observação é nada mais que o uso dos sentidos com vistas a adquirir conhecimentos necessários para o cotidiano, mas pode ser utilizada como procedimento científico, à medida que é sistematicamente planejada, serve a um objetivo formulado de pesquisa, e é submetida à verificação e controles de validade e precisão. O autor considera a observação, portanto, como um método de investigação por ser ela utilizada para a obtenção de dados em muitas pesquisas e por estar presente em outros momentos das pesquisas (“desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados”).

O autor considera que este instrumento de coleta de dados apresenta como principal vantagem a de que os fatos são percebidos diretamente, sem intermediações. Com isso, a subjetividade tende a ser reduzida. Como inconveniência, ele aponta para o fato de que a presença do pesquisador pode provocar mudanças no comportamento dos observados, afetando sua espontaneidade e produzindo resultados pouco confiáveis. As reações do grupo pesquisado à observação devem ser, portanto, levadas em conta no processo de investigação (GIL, 2008, p. 100-101).

Gil (2008, p. 101) classifica as formas de observação enquanto procedimento científico em três tipos: a observação simples, observação participante e observação sistemática. Esta pesquisa utilizou a observação simples, que é a observação em que o pesquisador observa de maneira espontânea os fatos que ocorrem, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar. Aqui, o pesquisador é muito mais um espectador do que um ator. O autor afirma que, “embora a observação simples possa ser caracterizada como espontânea, informal, não planejada, coloca-se num plano científico, pois vai além da simples constatação dos fatos”, pois “a coleta de dados por observação é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requeridos dos procedimentos científicos”.

Este tipo de observação é útil quando dirigida ao conhecimento de fatos ou situações que tenham caráter público ou que não se deem estreitamente no âmbito das condutas privadas. É, portanto, apropriada para o estudo de condutas visíveis na vida social, como hábitos de compra, de conveniência social, de frequência a lugares públicos, entre outros (GIL, 2008, p. 102). É apropriada, portanto, para a presente pesquisa, que observou estes fatores no sebo Feira Cultural de Campinas. A observação se deu durante um dia inteiro.

Gil (2008, p. 102) afirma que não existem regras fixas acerca do que observar, mas que há itens significativos que costumam ser considerados pelos pesquisadores, tais como os sujeitos (quem são, quantos são, a que sexo pertencem, quais as suas idades), o cenário (onde as pessoas se situam, quais as características do local), e o comportamento social (o que ocorre em termos sociais, como as pessoas se relacionam, o que buscam, o que compram). Estes itens foram observados nesta pesquisa e registrados em caderno de notas.

### 2.2.3 Entrevista não-estruturada

Gil (2010, p. 109) define entrevista como “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. É, portanto, “uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”.

Entre as vantagens deste procedimento, o autor (GIL, 2010, p. 110) afirma que a entrevista “é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano” e, em comparação a questionários, “oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista”. No mesmo sentido, Santos (2014, p. 32) afirma que na pesquisa, as entrevistas permitem esclarecimentos, correções, entendimentos e, em consequência, aprofundamentos nas análises.

Esta pesquisa utilizou este procedimento e, em específico, a modalidade de entrevista não-estruturada, na qual, de acordo com Silva e Menezes (2005, p. 33), não existe rigidez de roteiro, de modo que pode-se explorar mais amplamente algumas questões. Aqui, foi entrevistada a proprietária do sebo, que foi inquirida sobre a história de sua livraria, sua história de vida, o funcionamento do estabelecimento e o público que o frequenta. A entrevista foi gravada em áudio por telefone celular.

## 2.3 ETAPAS DA PESQUISA

A fim de atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, é relevante pontuar as principais etapas que foram necessárias para tal finalidade.

A **primeira etapa** consiste na realização de um levantamento de sebos da cidade a partir do “Guia dos sebos de Goiânia” (PEREIRA, 2005), pesquisas na internet e pesquisas em campo. Concluída essa etapa, procedeu-se à **segunda etapa**, que se baseia na aplicação de

formulários a sebatas de cada um dos sebos levantados a fim de obter informações relativas às características destas livrarias, como horários e dias de funcionamento, localização, dados para contato, formas de pagamento, número aproximado de itens do acervo, se realizam vendas virtuais, se possuem página em rede social, quais tipos de materiais vendem, entre outros aspectos. O formulário aplicado pode ser encontrado no Apêndice A.

Tendo em mãos esses dados e com a breve observação de cada um dos espaços, o pesquisador identificou um desses sebos para realizar um estudo de caso, passando à **terceira etapa** da pesquisa. O estudo de caso se deu através da observação de um sebo durante um dia inteiro e foram observados o funcionamento e as características desse ambiente, descrevendo o cenário, os sujeitos, e o comportamento social presentes no espaço. A **quarta etapa** se deu concomitantemente à observação, e se trata de entrevista com a proprietária do sebo, que foi solicitada a contar sua história de vida, a história de sua livraria, e a descrever o funcionamento do estabelecimento e sua clientela.

Após o levantamento, a observação e realização da entrevista, o pesquisador procedeu à **quinta e última etapa**, que é a da análise dos dados coletados.

Para demonstrar como as etapas aplicam-se aos objetivos estabelecidos na pesquisa, elaboramos o Quadro 1 relacionando cada etapa a seu respectivo objetivo específico, como pode ser observado a seguir.

Quadro 1 – Objetivos específicos da pesquisa e etapas aos quais se aplicam

Objetivos específicos da pesquisa	Etapas da pesquisa
Realizar um levantamento dos sebos de Goiânia.	1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> , 5 <sup>a</sup>
Analisar as informações coletadas a partir da aplicação de formulários em todos os sebos da cidade.	1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> , 5 <sup>a</sup>
Comparar as informações obtidas com o levantamento realizado por Pereira (2005).	1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> , 5 <sup>a</sup>
Registrar a história, o funcionamento e as características do sebo objeto do estudo de caso.	3 <sup>a</sup> , 4 <sup>a</sup> , 5 <sup>a</sup>
Observar o perfil dos clientes deste sebo.	3 <sup>a</sup> , 4 <sup>a</sup> , 5 <sup>a</sup>

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

### 3 O LIVRO E O COMÉRCIO LIVREIRO NO BRASIL

A fim de analisarmos as informações obtidas a partir do levantamento de sebos de Goiânia e o estudo de caso do sebo Feira Cultural de Campinas, é necessário primeiramente perpassarmos pela história do livro e do comércio livreiro no Brasil e em Goiânia, campo onde a pesquisa se desenvolve. A contextualização do panorama histórico destes elementos se faz necessária para a elucidação do tema de estudo, possibilitando a compreensão das circunstâncias nas quais os sebos goianienses surgiram e se desenvolveram.

A história do livro no Brasil se inicia nos primórdios da colonização, no início do século XVI. Há registros do ingresso desses materiais no país pelos porões dos navios e nas bagagens de colonizadores e jesuítas, de acordo com Hallewell (1985 apud ALMEIDA, 2013, p. 21). Os livros, escassos e predominantemente religiosos, foram trazidos principalmente pelos jesuítas aos colégios fundados em várias partes da colônia. Bibliotecas foram instaladas por eles em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Maranhão no decorrer do tempo. Essas bibliotecas cresceram no século XVII, mas com a expulsão da ordem jesuíta no século XVIII boa parte do acervo existente foi perdido (DELGADO, 1999, p. 30-31).

Delgado (1999, p. 32) registra que, com a instalação da Inquisição em Portugal no ano de 1536, a publicação de impressos na metrópole dependia “das ‘licenças’ concedidas pelos três serviços responsáveis pelo exercício da censura no reino português: o ‘Santo Ofício’ e o ‘Ordinário’ que representavam a Igreja, e o ‘Desembargo do Paço’, representante do poder civil”. Tal sistema vigorou até 1768, após o Marquês de Pombal unificar a censura no Reino e criar um órgão estatal que a exerceria, a Real Mesa Censória.

Com esse órgão, “todas as pessoas e entidades que possuíssem livros eram obrigadas a enviar [...] uma lista ou catálogo dos livros possuídos. Foi criada uma lista de livros proibidos e uma rígida fiscalização para os livros importados foi estabelecida”. Mesmo com a censura, sabe-se que, desde o século XVI, entravam na colônia por contrabando obras censuradas pela metrópole que questionavam “a Fé, a Lei e o Rei”, e que “a circulação legal de livros era responsável apenas por parte do comércio livreiro” (DELGADO, 1999, p. 32).

El Far (2006, p. 12) ressalta que as pessoas que importavam livros de Portugal durante esse período tinham que enfrentar uma série de trâmites burocráticos, custos de transporte e a censura lusitana, e que esse sistema de muitas hierarquias provavelmente foi uma das razões mais fortes para o afastamento da maior parte da população brasileira a um contato mais próximo e rotineiro com o impresso. Entretanto, por mais rigorosa que a censura portuguesa

tentasse ser, amplos, variados e por vezes subversivos acervos particulares foram compostos no período colonial.

Villalta (1997) realizou uma análise do acervo de bibliotecas particulares do Brasil colonial. A partir dos dados obtidos, o autor (VILLALTA, 1997, p. 360) relatou que no século XVI os livros que predominavam eram religiosos (obras de doutrina, de devoção mística e ascética) e “clássicos, expurgados de trechos considerados inconvenientes”. Além disso, circulavam no meio rural “livros de sorte”. No século XVII o panorama não era muito diferente, as bibliotecas eram raras e tinham “uma composição baseada em obras devocionais: catecismos, resumos de história santa, diretivas, exercícios espirituais e manuais para melhor aproveitar os sacramentos e a liturgia, livros de novenas e de orações”. Já a partir do século XVIII, observou-se uma mudança na composição das bibliotecas. Embora em geral a tendência era de continuidade do predomínio de obras devocionais e religiosas, pôde-se notar que em algumas bibliotecas pertencentes a pessoas que obtiveram uma “educação mais esmerada, abriu-se espaço para as ciências e os saberes profanos, deixando-se contaminar pela ilustração” (VILLALTA, 1997, p. 361).

Com base nas informações colhidas, o autor (VILLALTA, 1997, p. 385) pôde concluir que as bibliotecas particulares na Colônia foram poucas e a propriedade de livros se concentrava nas mãos de um pequeno número de pessoas, limitadas a poucos títulos e de cunho preponderantemente devocional. A maioria dos donos desses acervos eram membros das elites, compostos por “clérigos, advogados, médicos e funcionários públicos dos altos escalões”, e nessas bibliotecas havia um número maior de livros relacionados às profissões de seus donos. Ademais, Villalta registra que tais bibliotecas foram espaços de obediência à Fé, à Lei e ao Rei, mas também de contestação, pois “desde o século XVI os leitores adquiriram livros proibidos e, a partir do século XVIII, passaram a interessar-se por obras afinadas com as modificações científicas, com a ilustração e, ainda, escritas em língua francesa ou inglesa” (VILLALTA, 1997, p. 386), encontrados especialmente no acervo de inconfidentes mineiros.

Em relação às livrarias no período colonial, Moraes (2006, p. 45) afirma que os dados são escassos e pouco se sabe sobre a maneira usada no período para a aquisição de livros. De acordo com ele, com base em informações colhidas nas obras de viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil ao fim do século XVII, historiadores afirmam que as livrarias eram praticamente inexistentes. Um viajante registrou a existência de duas livrarias que vendiam livros religiosos e de medicina em 1793 no Rio de Janeiro, outro registro menciona apenas uma no mesmo período, e sabe-se da existência de duas em 1799. Já Cavalcanti (1995 apud ANTUNES, 2010, p. 62) afirma que havia quatro livreiros no Rio de Janeiro entre os anos de

1779 e 1789, com base em relatório do governo do vice-rei Luís de Vasconcelos. O autor cita também as livrarias apontadas por Moraes anteriormente.

Quanto à leitura, Villalta (1997, p. 375) relata que, na passagem do século XVIII ao XIX, ela “e os livros foram cada vez mais se agasalhando no espaço doméstico”. No interior das casas de pessoas da elite intelectual, “o livro e a leitura foram ganhando mobílias, instrumentos, espaços especialmente reservados” para a leitura. A leitura silenciosa e privada, “feita em bibliotecas de escolas, conventos ou residências, convivia com a leitura oral, desenvolvida no recôndito dos lares; e, ainda, com a leitura oral pública, realizada principalmente nas igrejas, sociedades literárias e salas de aula”. À medida que reinava o analfabetismo, proliferava a leitura oral, pública e privada, representando uma alternativa aos analfabetos (VILLALTA, 1997, p. 373-374).

Com a vinda da família real portuguesa ao Brasil em 1808, em fuga das tropas de Napoleão, uma série de mudanças e progressos desencadeou-se no país (EL FAR, 2006, p. 15). Para Moraes (2006, p. 90), a transferência da corte portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro transformou radicalmente a situação do livro e das bibliotecas no Brasil. A colônia foi revolucionada a partir das novas condições políticas, econômicas e sociais, e o afluxo de mais de dez mil pessoas criou novas necessidades de consumo de bens. Na frota, como relata Moraes (2006, p. 91), “vieram os tesouros do Estado: ouro, diamantes do monopólio, joias, prataria, [...] paramentos da Capela Real. Vieram os arquivos das repartições públicas, a Biblioteca Real da Ajuda, os Manuscritos da Coroa e os do Infantado”, além de prelos encomendados da Inglaterra e que ainda não tinham sido usados.

A insistência de Dom João de trazer a Biblioteca Real à nova corte pode ser esclarecida por ser ela um símbolo de poder e de prestígio, como demonstra Schwarcz (2014). A autora relata o longo caminho percorrido pela Biblioteca Real desde sua criação até o período da Independência do Brasil. Criada no século XV, a biblioteca possuía um amplo acervo quando foi destruída em 1755 após Lisboa sofrer um terremoto seguido de incêndio e maremoto que assolou a cidade. Reerguida por Dom José a partir de compras e doações, a Biblioteca chegou em 1809 ao Rio de Janeiro. O plano era que a Biblioteca viesse juntamente com a frota da família Real em 1808, mas, na pressa da fuga, os caixotes contendo o acervo foram esquecidos no porto de Lisboa.

Com a Independência do Brasil, em 1822, os portugueses demandavam que ela voltasse às terras lusitanas, mas o Imperador Dom Pedro I resistia. Por fim, acordos foram estabelecidos e a nova nação independente ficou com a Biblioteca mediante o pagamento de 800 contos, quantia exorbitante para a época, que correspondia a 12,5% do total que devia a

Portugal, em meio a outros objetos que o país europeu teria direito de reclamar ao Brasil. Schwarcz (2014, p. 401) demonstra o significado que esses livros representavam:

os livros [...] custavam caro e significavam mais do que seu valor objetivo. Objetos carregam dons, portam dádivas e se vinculam a outros ganhos, emocionais, políticos ou mesmo simbólicos. E era assim que se avaliava uma Real Livraria. Mais do que livros, lá se acumulavam ideias, projetos, ambições, e ainda a cultura possível de uma nação – sobretudo de uma monarquia independente, isolada no meio da América republicana.

Voltando ao momento da vinda da corte portuguesa ao Brasil, deve-se registrar a fundação da Imprensa Régia por D. João VI, em 13 de maio de 1808, com o objetivo, a princípio, de divulgar “toda a Legislação e Papéis Diplomáticos’ do serviço real”. Pouco tempo depois, com a falta de outras tipografias no Brasil e com a “demanda de feitos ligados a arte, cultura e oratória”, o governo “deu à Imprensa Régia, que ao longo do tempo receberia diferentes nomes, um uso mais difuso, permitindo em seus prelos a passagem de textos literários e de conhecimentos gerais” (EL FAR, 2006, p. 16).

O governo atribuiu à Mesa do Desembargo do Paço a responsabilidade de censura para controlar a soma de textos impressos, vigiando também “o conteúdo de cada obra, os títulos colocados à venda e a fidelidade das impressões”. El Far (2006, p. 16) relata que, com o fim da censura após a proclamação da Independência, “foram lançados a público pela Imprensa Régia 1427 documentos oficiais, periódicos de cunho político e dezenas de textos literários, entre eles peças de teatro, sermões, opúsculos, poesias e romances”.

Lajolo e Zilberman (2009b, p. 116-117) relatam que as condições para a publicação de livros não eram favoráveis na primeira metade do século XIX no Brasil. Mas, com o fim do monopólio estatal da imprensa e com a abolição da censura prévia em 1821, sopravam os “ventos favoráveis para os negócios da cultura escrita. Por essa época, multiplicam-se as tipografias e os livreiros, muito embora nos pontos de venda os livros continuem disputando espaço com outras mercadorias”.

Delgado (1999, p. 35) afirma que significativas mudanças no comércio de livros no Rio de Janeiro ocorreram no período, registrando-se “um aumento contínuo do número de estabelecimentos que vendem livros e outros tipos de impressos (jornais, revistas, estampas, músicas, etc.)”. Além da Imprensa Régia, Ipanema (apud DELGADO, 1999, p. 35) registra a existência em 1808 de duas outras livrarias. Já em 1809, mais três estabelecimentos são abertos na cidade. Verifica-se gradativamente um crescimento do número de estabelecimentos no decorrer dos anos: em 1821, de acordo com Delgado (1999, p. 36), havia dezesseis

livrarias na cidade, quinze em 1850 e quarenta e sete em 1900. Desse último número, cinco eram sebos, objetos dessa pesquisa. Em relação à quantidade de livrarias no Rio de Janeiro desde o fim do século XVIII ao final do século XIX, pode-se observar o Quadro 2, que se trata de uma adaptação do pesquisador de duas tabelas elaboradas por Antunes (2010), a partir de dados colhidos pela autora.

Quadro 2 – Registros de livrarias no Rio de Janeiro entre os anos de 1779 a 1900

	Hallewell	Moraes	Cavalcanti	Delgado	Machado
<b>1779-1789</b>			4 livrarias		
<b>1792</b>	2 livrarias	1 livraria	1 livraria		
<b>1793</b>		1 livraria			
<b>1794</b>		1 livraria	1 livraria		
<b>1799</b>		2 livrarias	2 livrarias		
<b>1808</b>	2 livrarias			2 livrarias	3 livrarias
<b>1809</b>				3 livrarias	
<b>1810</b>	6 livrarias				
<b>1817</b>		4 livrarias			
<b>1820</b>	16 livrarias				
<b>1821</b>				16 livrarias	
<b>1808-1822</b>		14 livrarias			
<b>1823</b>	13 livrarias				
<b>1826</b>					8 livrarias
<b>1829</b>	9 livrarias				
<b>1842</b>	12 livrarias				
<b>1847</b>	13 livrarias				
<b>1850</b>	12 livrarias			15 livrarias	
<b>1860</b>	17 livrarias				
<b>1863</b>	17 livrarias				
<b>1870</b>	30 livrarias				
<b>1875</b>				23 livrarias (8 delas sebos)	
<b>1890</b>	45 livrarias				
<b>1900</b>				47 livrarias (5 delas sebos)	

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de tabelas elaboradas por Antunes (2010).

De acordo com Lajolo e Zilberman (2009b, p. 107), o projeto de independência política foi decisivo para o desenvolvimento da leitura e escrita como práticas sociais no Brasil. Próximo à Independência já começa a distinguir-se a infraestrutura necessária para que a literatura tivesse condições de constituir uma porção significativa do patrimônio brasileiro, através de instituições criadas, alvarás, cartas régias, leis, decretos e debates. Para as autoras, “a pedra fundamental desse edifício institucional foi a Imprensa”, com a já relatada permissão de D. João para a utilização de prelos no país. Deve-se destacar, porém, que a implantação da

imprensa na colônia se tratou de uma medida isolada. Eram escassas as instituições e instrumentos necessários para a difusão de produtos impressos. Faltavam ainda escolas, bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias, jornais e editoras. Era precária e quase inexistente a presença de uma política educacional que dotasse o Brasil de uma rede escolar eficiente, uma das razões para a lentidão do processo de aclimatação no país de uma cultura letrada (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009b, p. 108-109).

Lajolo e Zilberman (2009b, p. 112-113) relatam que, à época da Constituinte de 1823, discussões eram travadas a respeito da educação. Um dos assuntos mais debatidos pelos constituintes foi o da criação de universidades, acabando por preferir a questão das escolas de primeiro grau. Nas discussões sobre o ensino da leitura e escrita, surge a questão do livro didático, inexistente à época. Embora o reconhecimento fosse unânime de que o problema do livro escolar devia ser resolvido, a discordância começava quando se discutia sobre a natureza dele. No final das contas, a lei acabou recomendando que, para o ensino da leitura, se preferisse a utilização da Constituição Imperial e a História do Brasil. Entretanto, com a criação “do Colégio de Pedro II e a presença de algumas outras escolas dispersas pela Corte e arredores criaram as condições necessárias para que os livros didáticos fossem se tornando uma presença regular na vida escolar brasileira” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009b, p. 113).

Segundo as autoras (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009a, p. 18), só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro passa a mostrar traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: “estavam presentes os mecanismos mínimos para produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos”, em decorrência da expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos dos ingleses.

Nesse período foram surgindo entidades e associações voltadas à cultura com o objetivo de incentivá-la e regulamentá-la. Suas trajetórias narram “os primeiros passos de uma prática fundada na escrita e as adversas condições disponíveis para seu florescimento”, fortalecendo a leitura e a escrita enquanto práticas sociais (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009b, p. 113). As autoras citam algumas das mais importantes: a Sociedade Jovial e Literária, criada em 1829 e em 1831 transformada na Sociedade Amante da Instrução; a fundação em 1847 de uma Biblioteca Fluminense que, em 1863 possuía 30 mil volumes; o Ginásio Científico-Literário Brasileiro, surgido em 1848; o Gabinete Português de Leitura, fundado em 1837 e que possuía 32 mil volumes em 1863; gabinetes de leitura inglês e da Sociedade Germânica; o Retiro Literário Português, fundado em 1859; o Grêmio Literário Português, surgido em

1856; a Sociedade Ensaios Literários, de 1859; o Instituto dos Bacharéis em Letras, de 1863; um Ateneu Literário; e, uma instituição que se destaca, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838 e que funciona ainda hoje.

Por volta dos anos de 1830, eram raros os pontos de distribuição de livros. A rede disponível para publicação e distribuição de materiais impressos no Rio de Janeiro confinava-se ao tripé Tipografia Nacional, casa de Plancher e a de Veiga, dois livreiros importantes do período. Destaca-se também o trabalho do livreiro Paula Brito, que editava livros e facilitou a estreia de Machado de Assis, entre outros autores importantes. O comércio livreiro crescia no período, mas, de acordo com Lajolo e Zilberman (2009b, p. 118), até a primeira metade do século XIX, as iniciativas de livrarias e editoras representavam esforços e projetos descontínuos, nunca se configurando como atividades coesas que sustentariam uma sólida prática social de leitura. Para as autoras, o novo estágio só ocorreria a partir do estabelecimento, no Rio de Janeiro, dos editores e livreiros Laemmert, Garnier e Francisco Alves, cujos nomes se tornaram marcas que dominaram a distribuição e produção de livros na segunda metade do século XIX e inclusive parte do século XX.

Os editores e livreiros estrangeiros que se estabeleceram no Brasil no período representavam firmas francesas “interessadas em manter filiais num mercado que, embora limitado, se mostrava tão cativo da cultura do país de onde provinham” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009b, p. 119). É o caso dos irmãos Laemmert, com sua Livraria Universal, fundada em 1833, e Garnier, com livraria fundada em 1846. Ambos eram concorrentes que dominaram o negócio livreiro e dividiram o mercado brasileiro por décadas. Enquanto o primeiro abarcava livros de história, ciência, obras de referência e, após a morte de Garnier, obras de ficção, o segundo ficava com a literatura, divulgação científica e guias práticos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009b, p. 121).

Já a terceira força livreira e editorial do país na segunda metade do século XIX teve sua origem na fundação, em 1854, da Livraria Clássica por Nicolau Antônio Alves. Seu sobrinho, Francisco Alves de Oliveira se associou a ele em 1882 e, em 1897, após a aposentadoria de Nicolau, a firma passou a se chamar Francisco Alves, “chancela sob a qual dobrou o século e marcou decisivamente a indústria livreira nacional, em particular a dos livros didáticos” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009b, p. 121).

Delgado (1999, p. 36) destaca as estratégias de vendas utilizadas pelos livreiros do período. Eles anunciavam livros em jornais, distribuía listas de livros e as afixavam em suas livrarias. Também imprimiam na última página de obras por eles publicadas uma lista dos livros que possuíam no estoque. A autora também aborda o hábito que se tinha de

comercializar livros juntamente a outros artigos variados. Podiam ser encontradas em livrarias, por exemplo, artigos de papelaria, guarda-chuvas, chapéus, bengalas, charutos e até mesmo pílulas e unguentos (DELGADO, 1999, p. 37).

É no século XX que o mercado brasileiro de livros fortalece seus passos com o pioneirismo de alguns livreiros e editores que foram surgindo. Nesse século, a produção editorial se desloca do Rio de Janeiro para São Paulo, e é lá que se organiza um dos mais importantes editores do país: Monteiro Lobato. Delgado (1999, p. 39) relata que Lobato revolucionou o mercado de livros ao inovar em estratégias de divulgação e distribuição de livros, além de ter lançado autores e pagado seus direitos autorais em uma época que isso praticamente inexistia. Como forma de divulgação, Lobato utilizou críticas favoráveis e comentários da imprensa como recurso para impulsionar a venda de livros, lançando-se a uma ampla publicidade em jornais. Lobato também investiu em uma malha de distribuição que proporcionou a venda de livros em todo tipo de loja de varejo por todo o Brasil: farmácias, padarias, bancas de jornal, papelarias, armazéns, etc. (HALLEWELL, 1985 apud DELGADO, 1999, p. 39).

Após Lobato, com sua Companhia Editora Nacional, foram surgindo outras grandes editoras, como a Livraria e Editora Globo, Livraria Martins Editora, Civilização Brasileira, Brasiliense e Livraria José Olympio Editora (DELGADO, 1999, p. 40). Esta última foi fundada em 1931 por José Olympio, que também revolucionou o mercado de livros, entre outras coisas, ao lançar nomes quase desconhecidos do público, investir na apresentação gráfica quando isso era incomum, inaugurar o método da crítica nas orelhas dos livros, modificar o formato usual dos volumes e adotar um sistema domiciliar de vendas (PAIXÃO, 1996 apud DELGADO, 1999, p. 41).

Com o tempo e com o crescimento contínuo do número de leitores do país, novas editoras foram surgindo, consolidando o mercado editorial brasileiro, diversificando e criando projetos inovadores. É o caso de editoras como Saraiva, Paz e Terra, Nova Fronteira, Melhoramentos, Ática, L&PM, Jorge Zahar, Companhia das Letras, Record, Rocco, Vozes, Abril Cultural, entre várias outras (EL FAR, 2006; DELGADO, 1999). O mercado editorial brasileiro, apesar de ainda concentrar boa parte de sua produção no eixo Rio-São Paulo, mostra ter ampliado consideravelmente suas fronteiras e diversificado sua produção.

El Far (2006, p. 45-46) afirma que, segundo dados da Câmara Brasileira do Livro (CBL), existiam até a publicação da obra 530 editoras ativas no território nacional (considerando editoras ativas como “empreendimentos comerciais que publicam pelo menos cinco livros por ano ou que alcançam uma tiragem de dez mil exemplares”). Não

conseguimos encontrar dados mais recentes que contabilizassem a quantidade de editoras ativas, mas pudemos constatar que a CBL representa atualmente mais de 400 editoras associadas no Brasil (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, 2016) e que o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (2018) (SNEL) possui o mesmo número de associados.

El Far (2006, p. 46) destaca que todas essas editoras (ainda que a maior parte delas se tratem de empreendimentos de pequeno porte), cada uma à sua maneira, levam “às livrarias brasileiras uma grande série de autores, obras inéditas, traduções especializadas, ilustrações criativas, designs gráficos diferenciados, edições de luxo e livros de bolso”, possibilitando aos leitores um acervo variado para todos os gostos e condições econômicas. Nesse sentido, diversos autores brasileiros despontaram no século XX, consagrando aqueles que editavam suas obras e revigorando o “imaginário da leitura e a difusão do conhecimento” no Brasil (EL FAR, 2006, p. 42).

Nesse contexto de leitura, cabe analisarmos brevemente alguns dos dados da 4ª edição da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (2016), que investiga desde 2000 o comportamento do leitor brasileiro. A pesquisa, encomendada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) ao IBOPE Inteligência, tem como principal objetivo “conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, forma, limitações, motivação, representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira” (RETRATOS, 2016, p. 8).

A pesquisa (RETRATOS, 2016, p. 21) considera como leitor “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses”, o que pode ser encarado como um conceito muito limitador. Chartier (2012 apud SANTOS, 2014, p. 92) criticou essa definição, argumentando que, na atualidade, ainda mais com o advento da Internet, não se pode considerar como leitor apenas aquele que lê livros. Frente a esta controvérsia, cabe perpassarmos pela multiplicidade de conceitos de leitura de acordo com alguns autores, expostos no Quadro 3.

Quadro 3 – Conceitos de leitura

Autor	Conceito
Chartier (1999, p. 77)	“A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. [...] Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores”.
Darnton (apud EL FAR, 2006, p. 62)	A leitura não é apenas uma habilidade, mas “uma ativa elaboração de significados dentro de um sistema de comunicação”.
Dumont (2002, p. 2-3)	“O ato da leitura não se efetiva em ações isoladas, nem mesmo lineares, mas sim em decorrência de complexa reação em cadeia de ações, sentimentos, desejos, especulações na bagagem de conhecimentos armazenados, motivações, análises, críticas do leitor [...]. A verdadeira leitura consiste em atribuir significado ao escrito e depende diretamente das informações que o indivíduo já possui sobre o mundo, o seu estoque simbólico”.
Fischer (2006, p. 11 apud SANTOS, 2014, p. 68)	“A leitura é a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos”.
Freire (1986, p. 22)	“A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.
Goulemot (2011, p. 107-108)	“Seja popular ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido [...]. Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências [...]. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário”.
Manguel (1997, p. 53)	Ler “não é um processo automático de capturar um texto [...], mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal”.
Martins (1984, p. 30)	“A leitura [deve ser considerada] como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano”.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Observamos, no Quadro 3, conceitos sobre a leitura que por vezes convergem e por vezes divergem entre si. O conceito de Fischer (2006 apud SANTOS, 2014), por exemplo, é um conceito clássico que liga a leitura à compreensão que se tenha de um texto, restrita aos limites do verbal. Na visão de Martins (1984), por outro lado, seria equivocada insistir na importância da leitura restringindo-a aos livros ou textos escritos em geral. As concepções de Chartier (1999), Darnton (apud EL FAR, 2006), Dumont (2002), Goulemot (2011) e Manguel (1997) enxergam os leitores como produtores de sentidos e a leitura não como um ato passivo, mas como uma ação. Dumont (2002) e Freire (1986) indicam como a bagagem do leitor

influencia nesta produção de sentidos e vão ao mesmo sentido de Goulemot (2011, p. 113), que afirma que ler é “fazer emergir a biblioteca vivida, [...] a memória de leituras anteriores e de dados culturais”.

Voltando à “Retratos da leitura no Brasil” (2016), com base no conceito de leitor que a pesquisa estipulou, o estudo estimou que, em 2015, 56% da população brasileira era composta por leitores, evidenciando um aumento em relação a 2011, com 50% de leitores. Quanto ao número médio de livros lidos nos três meses anteriores ao estudo em 2015, seu valor foi de 2,54 livros, mostrando um aumento em relação a 2011, cuja média era de 1,85 livros lidos no total (FAILLA, 2016, p. 33). Em relação ao número de livros lidos por ano, em 2015 foram 4,96 livros por habitante/ano, 2,43 inteiros e 2,53 em partes (RETRATOS, 2016).

O estudo também constatou que as mulheres leem mais do que os homens, sendo que 59% das mulheres são consideradas leitoras, e, dos homens, 52%. Podemos encontrar mais leitores entre os estudantes (84% deles são leitores), pessoas que possuem nível superior (82%), pessoas pertencentes à classe A (76%) e pessoas da faixa etária de 11 a 13 anos (84%) e 14 a 17 (75%). A grande maioria dos leitores mora em capitais e municípios com mais de 100 mil habitantes, e a região Sudeste é onde eles mais se concentram (61%). O Sudeste e o Centro-Oeste (com 57%) ficaram acima da média do Brasil no ano de 2015 (56%) (FAILLA, 2016, p. 34).

Os leitores, questionados sobre as razões para lerem livros, deram suas principais motivações: por gosto (25%), atualização cultural ou conhecimento geral (19%), distração (15%), motivos religiosos (11%) e crescimento pessoal (10%) (RETRATOS, 2016, p. 23). Em relação aos motivos dados pelos brasileiros para explicarem por que não liam mais, a pesquisa mostrou que a falta de tempo é o principal motivo alegado entre os leitores, os não leitores e os não estudantes. Entre os não leitores, a segunda principal razão é a falta de gosto pela leitura (FAILLA, 2016, p. 36).

Entre as pessoas consideradas leitoras pela pesquisa, os locais onde a leitura de livros mais costuma acontecer são em casa (para 81% dos leitores), em sala de aula (25%), em bibliotecas (19%), no local de trabalho (15%) e nos meios de transporte (ônibus, trem, metrô ou avião) (11%) (RETRATOS, 2016, p. 32).

Em relação à leitura em meio digital, alguns dados foram levantados pelo estudo. Questionados sobre as atividades relacionadas à leitura que as pessoas que usaram a Internet em algum período dos três meses anteriores à pesquisa, a maioria (52%) informaram que realizam a leitura de notícia e informações em geral, 35% estudam, fazem trabalhos acadêmicos ou pesquisam temas escolares, 32% indicam aprofundar o conhecimento sobre

temas de seu interesse, entre outros. Apenas 15% afirmaram utilizar a internet para a leitura de livros digitais (RETRATOS, 2016, p. 104).

Sobre livros digitais, 41% de todos os entrevistados afirmam já ter ouvido falar dos *e-books*. Dentre estes, apenas 26% informam já ter lido livros digitais. Tal percentual sobe para 34% entre as pessoas consideradas leitoras pela pesquisa e para 38% entre os que afirmaram gostar muito de ler. Quanto aos dispositivos de leitura digital, 56% leram livros no celular ou *smartphone*, 49% no computador, 18% em *tablets* ou *iPad*, e apenas 4% em leitores digitais, como *Kindle*, *Kobo* e *Lev* (RETRATOS, 2016, p. 106-108).

A pesquisa investigou também as formas de acesso ao livro e consumo pela população. Failla (2016, p. 39) nota que mais da metade dos leitores entrevistados pela pesquisa indicaram o empréstimo como principal meio de acesso, seja de familiares, conhecidos, bibliotecas ou outros locais. 43% dos leitores afirmaram ter comprado livros em lojas físicas ou virtuais. 30% dos entrevistados indicaram nunca ter comprado um livro, e nos três meses anteriores à pesquisa, apenas 26% dos entrevistados informaram ter comprado algum livro. Estes dados demonstram que o mercado livreiro nacional é movimentado por cerca de um quarto dos brasileiros.

Entre as pessoas que já compraram livros (excetuando os didáticos) em algum momento da vida, que compõem 65% da população, a pesquisa questionou sobre os locais onde as pessoas o fizeram. 44% informaram ter comprado livros em livrarias físicas, 19% em bancas de jornal, 15% em livrarias *online*, 9% em igrejas ou outros espaços religiosos, entre outros locais como escola, supermercados, lojas de departamentos, Bienais ou Feiras de livros, com vendedores ambulantes. Quanto aos sebos ou lojas de livros usados, objeto de estudo da presente pesquisa, 8% informaram a compra de livros nesses espaços em 2015. Em 2011, a porcentagem era de 11% (RETRATOS, 2016, p. 50). Esse decréscimo é um indicador de que a frequência aos sebos tem diminuído nos últimos anos.

Quanto às motivações que levaram as pessoas a escolher os locais de compra de livros, as principais razões apontadas foram o preço (para 42% dos compradores), a variedade (21%), comodidade ou proximidade (20%), garantia ou confiança (13%), costume de comprar no local (13%), a oferta de livros voltados a determinada área (10%), entre outros. Para 6% dos consumidores, uma motivação indicada foi a possibilidade de trocar livros, o que também é um dado relativo aos sebos. Em 2011, essa era a motivação de 7% dos leitores.

Cabe, por fim, abordarmos brevemente a recente crise pela qual as livrarias brasileiras têm passado. Notícias recentes de outubro e novembro de 2018 evidenciam esse contexto, com o fechamento de todas as lojas da livraria Fnac no Brasil (a última loja em Goiânia), o

pedido de recuperação judicial pela Livraria Cultura e o posterior fechamento de todas as suas unidades na cidade do Rio de Janeiro, e o anúncio de fechamento de 20 livrarias da Saraiva no país, seguido por pedido de recuperação judicial (MEIRELES, 2018; MOURA, 2018; RODRIGUES, 2018b; SAMPAIO, 2018; SARAIVA..., 2018).

As duas últimas são tradicionais livrarias brasileiras consolidadas no mercado. A Saraiva foi criada em 1914 e a Cultura em 1947 (LIMA, 2018). Já a Fnac foi fundada em 1954 na França, mas só passou a atuar no Brasil em 1998 e chegou a ter 12 lojas em sete estados. Em 2017, anunciou que estava saindo do Brasil, e a Livraria Cultura acabou adquirindo as operações da rede francesa no país. Na época, a Cultura já vinha enfrentando uma séria crise financeira, e com a compra da operação da Fnac, recebeu dinheiro da empresa para renegociar passivos e assim retomar a rentabilidade das lojas ou acabar de vez com a presença da empresa no país, alternativa que acabou por se concretizar (RODRIGUES, 2018a).

A aquisição da operação da Fnac pela Livraria Cultura, porém, intensificou a crise desta última. Desde que a cadeia de lojas foi incorporada, a receita líquida da livraria diminuiu 39% e o endividamento com os bancos chegou a R\$ 63 milhões, dados que explicam o pedido de recuperação judicial em outubro. Em relação ao anúncio, no final do mesmo mês, do fechamento de 20 lojas pela Saraiva, a livraria justificou que se tratava de uma medida voltada à evolução da operação e de continuidade do negócio, e que a livraria pretendia fortalecer o comércio eletrônico. As vendas *online* representam atualmente 38,4% do negócio, que passa a contar com 84 livrarias físicas (LIMA, 2018). Porém, na segunda metade de novembro, após o fechamento das lojas e depois de ter uma proposta de acordo recusada pelo SNEL, a Saraiva também entrou com um pedido de recuperação judicial. A livraria acumula uma dívida de cerca de R\$ 675 milhões (MOURA, 2018).

Desde 2015 o volume de vendas de livros tem caído cerca de 3% ao ano. Bernardo Gurbanov, presidente da Associação Nacional de Livrarias (ANL), elencou em julho de 2018 algumas das causas para o mau momento econômico por que passam as longevas redes de livrarias brasileiras: o contexto macro de recessão; o baixo índice de leitura dos brasileiros; o aumento expressivo dos aluguéis (sem apoio do poder público que poderia isentar o IPTU das livrarias, a exemplo de igrejas do país); e o crescimento do comércio eletrônico e da leitura em dispositivos digitais (LIMA, 2018).

Nesse sentido, além da crise econômica pela qual o país passou e que afetou diferentes setores, a chegada da norte-americana *Amazon* ao Brasil em 2014 atraiu para o comércio virtual clientes que antes compravam no varejo tradicional (LIMA, 2018). As facilidades e

promoções oferecidas pela multinacional têm atraído cada vez mais os consumidores brasileiros. Quando a *Amazon* passou a vender livros no Brasil, livrarias se mobilizaram e procuraram ajuda do poder público para limitar a atuação da multinacional, alegando risco ao mercado. Afinal, a empresa é conhecida por abalar os setores em que atua. Nos Estados Unidos, por exemplo, a força da *Amazon* e das compras virtuais iniciou um processo batizado de “apocalipse” do varejo, e enquanto os consumidores optam por comprar em casa, *shopping centers* e redes antes consolidadas fecham as portas (DESIDÉRIO, 2018).

Essa situação das grandes redes de livrarias brasileiras acaba por agravar também a crise do mercado editorial do país. Como a Cultura e a Saraiva não têm conseguido pagar ou têm atrasado o pagamento de seus fornecedores nos últimos meses, isso acaba gerando um efeito cascata, e os donos de editoras se veem obrigados a demitir, reduzir a quantidade de lançamentos e até mesmo lutar contra a possibilidade de fechamento (LIMA, 2018).

O regime de consignação é o modelo pelo qual este mercado funciona: as editoras emprestam os livros às livrarias, e só os que forem vendidos são pagos. Os pagamentos podem demorar meses para serem efetuados. Como as duas maiores livrarias brasileiras estão em uma situação financeira complicada, acredita-se que as editoras não vão querer continuar fornecendo livros sob este regime, segundo Moura (2018).

As perspectivas do mercado físico livreiro não são positivas e o futuro parece incerto. Nesse contexto, é de se questionar como os sebos têm sido afetados com a crise do mercado de livros. Por isso, durante a aplicação dos formulários dessa pesquisa, os sebestas são questionados se têm sentido uma diminuição no número de vendas nos últimos anos e quais razões atribuem a isso.

Passemos, a seguir, à história da leitura e da cultura em Goiás e Goiânia, campo de estudo da pesquisa.

### 3.1 A LEITURA E A CULTURA EM GOIÁS

Levando em consideração o âmbito desta pesquisa, é relevante abordarmos brevemente a leitura em Goiás, mais especificamente em Goiânia, através da história da imprensa, das instituições culturais e de ensino que aqui se estabeleceram.

Borges e Lima (2008) dividem a história da imprensa goiana em cinco períodos que se inter-relacionam. O primeiro período vai do ano de 1830 até 1834 e abrange o período de existência do primeiro jornal goiano, o *Matutina Meyapontense*, editado em Meia Ponte, na atual cidade de Pirenópolis. O jornal surge no contexto da luta dos jornais brasileiros contra a

dominação portuguesa, em meio a um clima e ardor de movimentos políticos. Um ano antes da fundação do jornal, em 1929, o presidente da Província de Goiás havia encaminhado um ofício ao Império solicitando a instalação de uma tipografia em Vila Boa (à época capital do estado, atual Cidade de Goiás), mas o Império não autorizou a instalação, argumentando que a província não precisava de uma tipografia.

Em desagravo ao veto imperial, o comendador Joaquim Alves de Oliveira, um dos homens mais ricos de seu tempo, comprou com recursos próprios uma tipografia do Rio de Janeiro, que foi instalada em Meia Ponte. No ano seguinte, o *Matutina* foi publicado pela primeira vez, e seu conteúdo refletia o ideário republicano e liberal que se espalhava pelo país, sendo oposição ao Império. Foram publicados, em seus quatro anos de existência, um total de 526 números, e dois anos após seu fim, a tipografia foi vendida ao presidente do Estado de Goiás, que criou a imprensa oficial em 1837 com o *Correio Oficial de Goiás*.

O segundo período da imprensa goiana, de acordo com Borges e Lima (2008) é caracterizado pela sua consolidação e engloba os anos de 1834, com o fim do *Matutina* e o início do *Correio Oficial de Goiás*, e 1890, com o fechamento deste último. Observa-se, no período, o surgimento de periódicos em muitas cidades do estado, no movimento de expansão da imprensa nacional. O *Correio* se instituiu como veículo de comunicação oficial do Estado e em sua primeira fase, circulou pelo período de quinze anos (de 1837 a 1852). Em sua segunda fase, voltou a circular em 1864 até seu fechamento em 1890. A partir desse período, os atos oficiais do governo passaram a ser publicados no jornal *Goyás*. Ao final do século XIX, a cidade de Vila Boa encontrava-se em meio a uma efervescência cultural, política e intelectual, e mais de trinta jornais circulavam na cidade, representando, em sua maioria, os ideais republicanos e liberais correntes na imprensa nacional.

O terceiro período abarca os anos de 1890 a 1934, caracterizado por Borges e Lima (2008) pelo lançamento de Goiás pela imprensa no cenário nacional. O período é marcado pelo fechamento do *Correio Oficial*, a expansão dos periódicos pelo Estado e a fundação da Associação Goiana de Imprensa. Nesse contexto, o Império já havia sido abolido, a República proclamada e Goiás não mais era uma província pobre e abandonada. Além da capital, outras cidades já tinham seus jornais e participavam abertamente do debate político, como Rio Verde, Catalão, Itaberaí, Luziânia, Silvânia, Pirenópolis, Anápolis, Jataí, entre outros.

Surgiram, nesse período, duas grandes oligarquias: os Caiado e os Ludovico. Com isso, intelectuais, políticos e jornais passaram a se dividir em favor de uma ou de outra, e os principais jornais antagonistas eram *O Democrata*, de Antônio Ramos Caiado e *A Voz do Povo*, de Pedro Ludovico. O embate entre essas oligarquias acabou por resultar na

transferência da capital para Goiânia. Tal mudança foi um dos grandes ícones da Marcha para o Oeste, movimento de Getúlio Vargas que objetivava combater a política café-com-leite e criar nichos de apoio político por meio do desenvolvimento do interior do país (BORGES; LIMA, 2008).

Desse modo, em 24 de outubro de 1933, Pedro Ludovico Teixeira lança a pedra fundamental da nova capital na localidade de Campinas. Em 20 de novembro de 1935, o município de Goiânia é instalado, e vários órgãos oficiais começam a ser transferidos para a nova capital. A transferência definitiva da capital goiana se dá no dia 23 de março de 1937 (MELO, 2007).

É em meio a esse processo de mudança de poder que se inicia o quarto período da história da imprensa goiana, entre os anos de 1936 e 1945, com a efetivação da transferência da capital e uma profunda alteração do jornalismo goiano. Em 1936, o *Correio Oficial* foi transferido a Goiânia e passou a chamar-se, em 1940, de *Diário Oficial de Goiás*. Com o discurso desenvolvimentista em que a transferência se baseou, diminuiu-se o espaço para o jornalismo opinativo e político e foram abertos caminhos para o jornalismo empresarial, e é nesse contexto que surge, em 1938, o jornal *O Popular*, de Joaquim Câmara Filho e irmãos (BORGES; LIMA, 2008).

Dados registram que, no ano de 1939, circulavam por volta de 40 periódicos impressos em Goiás, sendo 2 revistas e 6 jornais em Goiânia, 5 jornais em Anápolis e 27 jornais em outras cidades do estado. Um relevante periódico do período foi a *Revista Oeste*, lançada durante o batismo cultural de Goiânia em 5 de março de 1942, com financiamento e influência direta de Getúlio Vargas. A revista tornou-se um veículo oficial do governo de Getúlio e, em âmbito regional, um veículo de propaganda do governo do prefeito Pedro Ludovico, tendo sido transformada, em 1943, em veículo oficial deste com finalidade cultural e de divulgação literária e sociológica. Considera-se que a revista contribuiu grandemente no fomento da literatura goiana, tendo ganhado reconhecimento nacional em pouco tempo e sido considerada uma das melhores revistas de ênfase cultural do país (BORGES; LIMA, 2008).

Por fim, o quinto período, que abarca os anos de 1945, com o fim do Estado Novo, e 1964, com o golpe militar, sendo marcado pela emergência do modelo comercial de imprensa no Estado. Nesses anos surgiram os primeiros grupos de comunicação, como a Organização Jaime Câmara (hoje Grupo Jaime Câmara), que é o maior complexo de comunicação do Centro-Oeste. No período, o jornalismo nacional e goiano já contava com melhores tecnologias, garantindo uma melhor impressão (BORGES; LIMA, 2008).

Quanto às editoras na capital, o estudo de Hallewell (2005, p. 626) sobre a história do livro no Brasil cita brevemente Goiânia. O autor relata que, em 1959, a cidade já possuía um importante livreiro-editor, Olavo Tormin, que, com o selo editorial Oió, publicava obras de história e literatura goianas. Sua livraria, de mesmo nome, localizava-se na Praça do Bandeirante. Além dela, a cidade possuía, nos anos 1960, a Livraria e Editora Brasil-Central, de Antônio Resende, e a casa fundada em 1967 pelos irmãos José Modesto e Taylor Oriente, a Gráfica Oriente, depois denominada Editora Oriente. A editora foi desativada em 1982 após “editar quinhentos mil exemplares de trezentas obras sobre antropologia, arte, biografia, contos, crônicas, direito, ecologia, economia, educação, folclore, geografia, lexicologia, literatura, música, poesia popular e viagens, entre outros assuntos”.

Em relação à educação no estado, Bretas (1991) realizou um estudo sobre a história da instrução pública em Goiás, abarcando desde o Período Colonial (1787-1822), passando pelo Período Imperial (1822-1889) e finalizando no Período Republicano (1889-1930). Durante o Período Colonial, deve-se destacar a Escola Régia (onde começa, de fato, a instrução pública no estado), tendo sido a primeira criada em 1787 em Meia-Ponte e a última a existir tenha acabado em 1825, após a Independência do país.

Durante o Período Imperial, destaca-se, entre outras instituições de ensino e leitura, a criação do Liceu de Goiás e bibliotecas como o Gabinete Literário Goiano. Com o Ato Adicional de 1834 que criou as Assembleias Provinciais e lhes deu a competência de legislarem sobre a instrução pública, foram surgindo pelo país estabelecimentos de ensino secundário (sob nomes como Ateneu, Colégio ou Liceu). O Liceu goiano foi criado em 1846 e instalado em 1847, e foi o 12º a ser instalado no país, embora tenha sido o 17º a ser criado, levando em consideração que nem todos tiveram instalação imediata por falta de professores ou edifícios apropriados (BRETAS, 1991).

Em relação às bibliotecas no estado nos períodos colonial e imperial, são escassas as informações sobre a criação delas, como destaca Bretas (1991). Tem-se conhecimento de uma biblioteca de iniciativa popular inaugurada em 1830 em Meia Ponte, doada pelo supracitado Joaquim Alves de Oliveira, mas não se sabe por quanto tempo ela teria existido.

A primeira biblioteca pública de Goiás foi o Gabinete Literário Goiano, fundado em 10 de abril de 1864, e que funciona até hoje. Bretas (1991, p. 408) considera que a instituição foi “a maior e a melhor biblioteca que se fundou em Goiás e a que melhores serviços prestou à sociedade goiana”. Conforme Barra (2008, p. 88-89), no ato de sua instalação, a biblioteca contava com cem homens, entre os quais, 35 sócios presentes e 65 outros signatários. A autora considera que “conferir um certo destaque a esta instituição, originada graças à

iniciativa de um grupo de cidadãos goianos pode ser uma maneira de acessar um possível caminho de circulação de livros em Goiás no século XIX e [...] revelar uma certa elite letrada na capital”.

A primeira estante do Gabinete, de acordo com Bretas (1991, p. 409) foi instalada provisoriamente em um pequeno cômodo no Palácio da Assembleia Legislativa, mas teve que sair para dar espaço aos Correios, e de lá foi para uma sala junto ao Liceu, onde permaneceu até o ano de 1921 (GABINETE..., 2003). Com a morte de seu primeiro presidente, houve um desfalque expressivo no número de membros associados. Deu-se, em 1871, uma revitalização na instituição, com mudanças que implicavam na admissão de mulheres como sócias. No ano de 1872, a lista de sócios registrava a presença de 90 associados, 7 deles mulheres. Destaca-se que, entre os sócios honorários do Gabinete estavam o livreiro Baptiste Louis Garnier e o escritor Visconde de Taunay, ambos responsáveis pela doação de obras à biblioteca (BARRA, 2008, p. 89-90). O Gabinete é elogiado ainda por Machado de Assis em uma crônica de 1866, que destaca sua dificuldade de sobrevivência pela falta de verbas para seu funcionamento (MELO, 2007, p. 52).

No Período Republicano, Bretas (1991) destaca a criação da Academia de Direito em 1904, a reforma do ensino secundário do Liceu e da Escola Normal no mesmo ano, o advento dos Grupos Escolares no estado, a instalação da Faculdade de Direito em 1916, da Escola de Farmácia e Odontologia em 1922, as escolas e colégios particulares que surgiam (sendo o primeiro o Colégio Santana, de 1889), entre outras instituições de ensino. O autor destaca também outras instituições de fundo educativo e cultural, como o Instituto Pedagógico, o Teatro São Joaquim, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e a Academia Goiana de Letras.

Bretas (1991, p. 567-568) aborda ainda o uso de livros didáticos nas escolas goianas no período. De acordo com ele, “o magistério goiano não cogitou de produzir livros didáticos para as escolas goianas, com exceções raras, pelo simples fato de não haver para esses livros em Goiás, nem editores nem mercado para o consumo em bases comerciais”. O que se adotava eram materiais vindos de fora do estado, e no final do século XIX eram adotados os livros de leitura e a gramática de Abílio de César Borges para o ensino primário. No início do século XX, eram predominantes os livros de Felisberto de Carvalho, e para o ensino da leitura manuscrita, era muito utilizado “O Paleógrafo”, de Carlos Silva. Já no ensino secundário, em geral eram utilizados livros adotados no Colégio de Pedro II, do Rio de Janeiro.

Passemos aos espaços de leitura da nova capital do estado, Goiânia, fundada após o fim da chamada República Velha. Melo (2007) realizou um mapeamento desses espaços que,

segundo a autora, deslocam-se entre as instituições públicas e privadas, formais e informais e que percorrem ainda algumas instituições culturais que motivam a leitura.

Entre as instituições de leitura públicas e formais, a autora (MELO, 2007) destaca a Biblioteca Pública Municipal de Goiânia (atualmente Biblioteca Pública Municipal Marieta Telles Machado), criada em 1936. A biblioteca foi idealizada por um grupo de moças, jovens estudantes vindas da Cidade de Goiás, chamado “Bando da Alegria”. O grupo promovia leituras, eventos e foram responsáveis também pelo primeiro jornal de Goiânia, manuscrito. Faziam parte do grupo Rosarita Fleury, Célia Coutinho Seixo de Britto, Maria das Graças Fleury Pires de Campos e Eurydice Natal e Silva Juliano (SANTOS, 2014, p. 44). A biblioteca surgiu a partir da iniciativa do grupo, que organizou o “Baile do livro”, cujo ingresso para os participantes era um livro. Como descreve Fleury (1985, p. 66 apud SANTOS, 2014, p. 44-45), a sessão inaugural foi seguida de um baile realizado no edifício da Assembleia, e foram arrecadados 78 volumes e uma estante. Nota-se que, na inauguração, apenas a elite estava presente, excluindo-se o público geral, principal destinatário da biblioteca (SANTOS, 2014, p. 43).

Por sua trajetória, a biblioteca passou por vários deslocamentos e foi renomeada diversas vezes. Foi de início denominada Biblioteca Pública de Goiânia, em 1942 passou a se chamar Biblioteca Pública Dr. Pedro Ludovico Teixeira, em 1947 Biblioteca Pública Municipal e a partir de 1987, passou a ser denominada pelo nome atual. Sua sede já foi nas dependências do Departamento de Imprensa e Propaganda, na Praça Cívica, depois foi transferida para a Rua 1, posteriormente à Avenida Anhanguera e, desde 1968 situa-se na Praça Universitária (MELO, 2007, p. 89).

Em Goiânia, atualmente, existem mais de vinte bibliotecas abertas ao público, sendo que o empréstimo, em alguns casos, é livre mediante cadastro, e em outros, como em bibliotecas universitárias, é permitido apenas para alunos e funcionários, mas a consulta é livre. Além da Biblioteca Marieta Telles Machado, temos a Biblioteca Municipal Cora Coralina, a Biblioteca Estadual Escritor Pio Vargas, o Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), a Sala Verde, a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás, a Biblioteca Setorial da UFG, a biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), a Biblioteca Braille José Alvarez de Azevedo, a Irmãos Oriente, a Biblioteca Centro Atividade Sesc Façalville, a Biblioteca Sesc Campinas, a Biblioteca Sesc Centro, a Biblioteca Sesc Universitário, a Biblioteca João Popini Mascarenhas, a Biblioteca Prof. Ribas Botelho de Campus, a Biblioteca Faculdades Alfa, a biblioteca da Faculdade Padrão e as do Instituto Federal de Goiás (IFG): a Biblioteca

Professor Jorge Félix de Souza e a Biblioteca do Câmpus Goiânia Oeste, entre outras (GOIÂNIA, 2018; LOBO, 2015).

Também como instituições públicas e formais de leitura consideradas por Melo (2007) estão as escolas públicas que se estabeleceram na cidade. Entre elas, a autora destaca o Liceu de Goiânia, que foi transferido de Goiás por decreto de 27 de novembro de 1937 e se instalou na Rua 21, no centro da cidade; a Escola Normal Oficial, que foi criada na Cidade de Goiás como apêndice do Liceu em 1884, se tornou autônoma em 1929, foi transferida para Goiânia em 1938 e em 1947 passou a se chamar Instituto de Educação de Goiás (IEG); e o Grupo Escolar Modelo, primeira escola primária pública de Goiânia, instalada em 1938 nas dependências do Liceu e que passou a funcionar em prédio próprio em 1940, na Rua 25, no centro.

Em relação às primeiras duas instituições de ensino, Melo (2007, p. 105) pôde identificar, através de entrevistas, que elas promoviam práticas culturais e de leitura, e que a leitura podia ser detectada acontecendo nas salas de aula, nos pátios e nas bibliotecas. Na terceira instituição, a autora (MELO, 2007, p. 118) identificou práticas de leitura ocorrendo principalmente em sala de aula, a partir da adoção do livro didático, e também a partir dos jornais escolares, impressos pela Imprensa Oficial, que eram organizados e escrito pelas crianças e supervisionado pelas professoras.

Melo (2007) também fala sobre as instituições particulares formais que foram surgindo na cidade e que são considerados espaços de leitura. São exemplos as escolas particulares que foram se espalhando a partir do fim da década de 1930. Entre as escolas confessionais, podemos citar o Colégio Santa Clara (1922), Colégio Santo Agostinho (1939), Colégio Ateneu Dom Bosco (1941), Externato São José (1948) etc., e entre as escolas laicas, a Escola Santana (1936), Escola Maria Camargo (1939), Instituto Betânia (1935), Educandário Goiás (1959), entre outros (MELO, 2007, p. 122).

Além das escolas, as livrarias e bancas de jornal da cidade eram locais onde a prática de leitura se mostrava presente, como atestou Melo (2007) a partir de entrevistas a goianienses que frequentavam esses espaços. Um entrevistado afirma que as livrarias na cidade eram poucas, como a Vanguarda, de Lucas Freire, o Bazar Municipal, de Antonio Scartezini, e o Bazar Oió, de Olavo Tormin. Esta última, fundada em 1951, era considerada um grande centro cultural na época, ponto de encontro da intelectualidade goiana. Lá eram realizados lançamentos de livros, debates sobre variados assuntos, e era um espaço de consulta bibliográfica aberto à população, à semelhança de uma biblioteca. Autores como Pablo Neruda, Jorge Amado e Cora Coralina participaram de eventos na livraria.

A livraria vivenciou seu momento áureo até o ano de 1964. O golpe civil-militar acabou marcando o início de seu declínio, até seu fechamento no ano de 1974, dez anos depois. A ditadura não chegou a impedir efetivamente o funcionamento da livraria, mas fez com que o empreendimento ficasse insustentável através de uma série de ações, como a apreensão de vários bens de Tormin, inclusive parte do estoque da livraria (MOLLO, 2016).

Em matéria de jornal do início dos anos 1970, relata-se que em Goiânia existiam apenas quatro livrarias: o Bazar Oió, a Planalto, a Livraria e Editora Cultura Goiana e o Bazar Municipal. O artigo, porém, não considera este último propriamente como uma livraria, por ter boa parte de suas instalações ocupada com objetos que não livros (GOIANO..., [197-]). Outro artigo, já de 1983, também lista quatro livrarias: a Livraria Cultura Goiana, a Livraria Planalto, o Bazar Municipal e o Bazar Cultural (vinculado à Fundação Cultural de Goiás), além das “lojas revendedoras de livros usados, o conhecido ‘sebo’” (BIRAM, 1983, n.p.), tema que abordaremos no tópico 4.2.

O Bazar Municipal foi fundado em 1957 e não se limitava a vender apenas livros, como também artigos escolares, materiais de escritório e brinquedos. Em reportagem de 1982, o proprietário do estabelecimento, Francisco Ribeiro Scartezini, atribuía a essa diversidade comercial um dos fatores que possibilitaram a existência ininterrupta do Bazar por décadas, além da “perseverança, a organização, e a responsabilidade nos compromissos”. Cerca de metade dos livros do acervo naquele período eram voltados à área do espiritualismo, com livros espíritas, esotéricos, de ioga, maçônicos e rosacruz (A ARTE..., 1982, n.p.). Podemos observar a área interna do Bazar Municipal à época na Fotografia 1. A Livraria Planalto, fundada em 1965 e de propriedade de Sebastião de Miranda, vendia livros literários e didáticos (BIRAM, 1983). Não foram encontradas informações acerca dos anos em que ambas as livrarias foram fechadas.

Fotografia 1 – Área interna do Bazar Municipal, em 1982



Fonte: A ARTE... (1982, n.p.).

A Livraria Cultura Goiana, por sua vez, foi fundada na década de 1960. Paulo Araújo, seu proprietário, foi um destacado livreiro da cidade. Ainda jovem, vendia livros literários em domicílio a centenas de pessoas (entre eles, escritores consagrados) em Goiânia e parte do interior. Em 1968, para expandir os negócios, expôs seus livros para vender na calçada do

Parque Mutirama, no momento em que os *hippies* iniciaram um movimento de artesanato no parque, onde se originou a já tradicional Feira *Hippie*. A feira posteriormente foi transferida para a Avenida Goiás e depois para a Praça Cívica. Aos domingos, na feira, Paulo vendia seus livros em uma banca, que passou a ser ponto de encontro entre escritores e leitores. Lá frequentaram e lançaram livros escritores como Jorge Amado, Fernando Sabino, Cora Coralina e Bernardo Élis. O local foi palco da 1ª Feira de Livros de Goiás, em 1972, organizada por Paulo (BIRAM, 1983; MENEZES, 2014). Podemos observar registros da exposição de livros na feira da Praça Cívica e escritores e intelectuais presentes na mesma nas Fotografias 2, 3, 4 e 5.

Sua primeira livraria foi aberta na Rua 7, no centro da cidade, e com o tempo foi expandindo suas filiais. Em artigo de jornal de 1982, registra-se que Paulo Araújo era proprietário da maioria das livrarias existentes em Goiânia, possuindo ao todo seis livrarias (O ESTERTOR..., 1982, n.p.). Na Avenida Araguaia, Paulo fundou uma grande livraria. Conforme Menezes (2014, p. 6), “a sede da Livraria Cultura Goiana chegou a ser considerada por muitos como o ‘santuário da cultura goiana’, sendo uma referência no estado por mais de quarenta anos”. Em 2008, dois anos antes da morte de Paulo Araújo, a livraria entrou em declínio e foi fechada, abrigando um acervo de mais de 60 mil livros, que foram posteriormente adquiridos pelo estado.

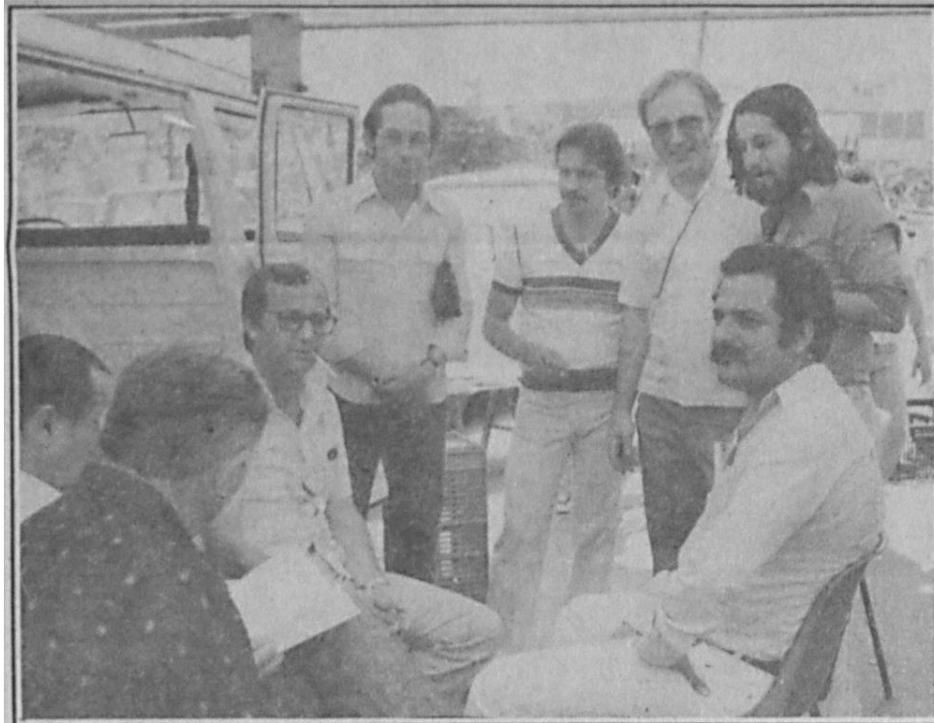
Fotografia 2 – Livraria Cultura Goiana na Praça Cívica



A Livraria na Praça e o povo

Fonte: Biram (1983, n.p.).

Fotografia 3 – Grupo de intelectuais na Feira de Arte e Artesanato



**Um grupo de intelectuais na Feira de Arte e Artesanato:  
Zaccarioti, Aécio Leone Teixeira, Valdivino Braz, Paulo Araújo,  
Brasigóis Felício e Aidenor Aires**

Fonte: Biram (1983, n.p.).

Fotografia 4 – Escritores ilustres lançam seus livros na “Banca do Paulo”



**Na “Banca do Paulo”, escritores ilustres lançam seus livros.  
Aqui vemos Cora Coralina e Bernardo Élis**

Fonte: Biram (1983, n.p.).

Fotografia 5 – Livros expostos na Feira, nos anos 1970



Uma foto antiga, dos anos 70: Paulo Araújo expunha na Feira os livros no chão e tinha a cobertura dos escritores Carmo Bernardes, Anatole Ramos, Yêda Schmaltz e Modesto Gomes

Fonte: Biram (1983, n.p.).

Melo (2007, p. 138) perpassa também por instituições informais onde a leitura podia ser detectada, presente em bibliotecas particulares, hotéis, bares, farmácia e casas de família, locais onde ocorriam encontros literários informais.

A autora destaca, por fim, a leitura nas instituições culturais públicas e privadas, que vinham surgindo desde a criação da cidade, reflexos da preocupação com a área cultural dos mudancistas da capital. Esse sentimento moveu intelectuais e políticos a idealizarem um grande evento em 1942, o Batismo Cultural de Goiânia, promovido pelo governo do Estado, “com atividades culturais, literárias, artísticas e econômicas, com a finalidade de despertar a atenção do Brasil para Goiânia” (MELO, 2007, p. 151). Nesse sentido, “o Batismo Cultural significou o nascimento de uma cidade culta”, que era uma das principais preocupações de Pedro Ludovico (SANTOS, 2014, p. 49).

Merecem destaque algumas dessas instituições culturais goianas que foram criadas entre as décadas de 1930 e 1970, como o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1932), o Museu Estadual (1934), a Associação Goiana de Imprensa (1934), a Biblioteca Pública

Municipal de Goiânia (1936), o Clube de Leitura Infantil Branca de Neve, do Grupo Escolar Modelo (1937), a Academia Goiana de Letras (1939), o Cine Teatro Goiânia (1942, inaugurado durante o Batismo Cultural), a Comissão Goiana de Folclore (1948), a Associação Goiana de Teatro (1948), a Galeria Cine Ouro (1960), o Grupo Escritores Novos (1963), a Biblioteca Pública Estadual de Goiás (1967, atual Biblioteca Estadual Pio Vargas), o Teatro Inacabado da AGT (1967) e a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (1969) (SANTOS, 2014, p. 42).

Abordamos, neste capítulo, primeiramente a história dos livros e do comércio livreiro no Brasil, e nesse tópico, a história da leitura em Goiás, passando pela imprensa, pela educação, por diversas instituições públicas e privadas, incluindo as livrarias goianas. Possuímos, com isso, uma base histórica para chegarmos à análise do contexto atual dos sebos de Goiânia. Antes dessa análise, porém, devemos passar aos aspectos conceituais deste tipo de livraria que vende livros usados, tema do capítulo seguinte.

## 4 O MERCADO DE LIVROS NOVOS E USADOS

Abordaremos neste capítulo as definições de sebos bem como outros aspectos conceituais associados a este tipo de estabelecimento. Em seguida, um breve histórico acerca dos sebos de Goiânia. Ao fim do capítulo, realizaremos uma revisão de literatura dos trabalhos encontrados que tratam do assunto.

### 4.1 SEBOS E SUAS DEFINIÇÕES

De modo simples, podemos definir sebos como as livrarias que vendem livros usados. Podem vender não somente livros usados, como novos, e também revistas, gibis, CDs, DVDs e fitas VHS de segunda mão, a depender do estabelecimento. Uma particularidade presente na maioria dos comércios desta espécie é a possibilidade ao cliente de vender, trocar ou consignar livros ou outros materiais. Os preços nesses estabelecimentos costumam ser mais acessíveis do que em livrarias comuns, e costumam abrigar edições esgotadas e obras raras (MATOS, 2014, P. 25). Segundo Secchin (2001, p. 11), “os sebos vendem livros usados, em geral lidos e manipulados por seu primeiro proprietário, que, após algum tempo de convívio com a obra, opta por trocá-la ou vendê-la para ter acesso a outras leituras ou fazer dinheiro”. É a chance que o livro tem de nascer de novo para outro leitor.

O dicionário Houaiss define o verbete “sebo” como “livraria onde se compram e vendem livros usados” e “sebista” como “aquele que compra e vende livros usados; proprietário de sebo” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2530). Já o dicionário Michaelis define, respectivamente, como “lugares onde se vendem livros usados; casa de alfarrabista; caga-sebo”, e “proprietário de casa comercial que vende livros usados; proprietário de sebo” (MICHAELIS, 1998, p. 1904).

Outros termos são utilizados para denominar essas livrarias, tais como “antiquário de livros”, “casa de alfarrabista” e “caga-sebo”. Os livreiros também são conhecidos, em algumas regiões, como “caga-sebista”, “Belchior” e “alfarrabista”. O segundo termo tem origem em um comerciante chamado Belchior, “que estabeleceu no Rio de Janeiro a primeira casa de compra e venda de roupas e objetos usados” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 426). Já “alfarrabista” é definido como “que ou aquele que compra e vende alfarrábios e livros usados”, “que ou quem coleciona, lê ou consulta alfarrábios com frequência” e “local onde se vendem alfarrábios; antiquário de livros, sebo” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 151).

O termo “alfarrábio” é definido como “livro antigo ou velho, de pouca ou nenhuma importância” e “livro velho, ou há muito editado, e que tem valor por ser antigo” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 151). O termo tem origem em Al-Farabi (872-950), filósofo muçulmano nascido no Turquestão e que viveu em Bagdá. Secchin (2001, p. 9) afirma que, “por seus conhecimentos e reputação de grande leitor, emprestou seu nome aos livros e documentos antigos ou velhos de pouco préstimo ou valiosos, raros ou comuns”. O filósofo tornou-se símbolo do que é antiquado (CUNHA, 2007, p. 29) e “a vulgaridade de citação de sua pessoa acabou por depreciar a sua obra, juntando-lhes os conceitos de antiguidade, falta de interesse” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 151).

Os termos que utilizamos nesta pesquisa são “sebos” e “sebistas”, que são os mais comumente utilizados. A origem da palavra “sebo” no contexto de livrarias é incerta e existem várias teorias para explicá-la. O livreiro Amadeu Rossi Cocco, em entrevista a Delgado (1999, p. 50), afirma que o nome vem do tempo em que não havia energia elétrica e as pessoas liam à luz de velas amarelentas, que acabavam por sujar e engordurar os livros. Para Alexandre Obelins, também livreiro, “sebo” teria sido um apelido dado pelos cariocas no século XIX, quando surgiram no Rio de Janeiro as primeiras casas de comercialização de livros de segunda mão. Quando os clientes pegavam os exemplares, diziam que estavam ensebados. No mesmo sentido, para Secchin (2001, p. 9), o termo “parece estar relacionado à aparência já manuseada e, por isso, ‘ensebada’ das obras ali vendidas”.

A palavra sebo, para Josué Montello (apud SECCHIN, 2001, p. 9), tem todos os indícios de estar ligada ao substantivo “sebenta”, que quer dizer “apostila”, “apontamentos de aula”, que teriam uma aparência de uso constante. De acordo com Miranda (2005, p. 6), sebatas “eram as anotações dos ‘pontos’ das matérias em estudo feitas pelos estudantes da Universidade de Coimbra. Reproduzidas com as técnicas da litografia, que faz uso de cera e outros materiais gordurosos, as sebatas eram depois trocadas ou vendidas entre acadêmicos”. É possível também que o termo “sebo” “derive do arcaico ‘sabenta’, que significa ‘veículo do saber’” (GUIA..., 2002 apud PEREIRA, 2005, p. 12).

É importante destacar que o termo “sebo” não é consenso no mercado livreiro. Muitos não gostam de ter seus estabelecimentos chamados de “sebos”. Afinal, a palavra é comumente utilizada para se referir à segregação gordurosa das glândulas sebáceas. Sebosidade é popularmente compreendida como “sujeira”, “porcaria” e sebo é aquele “sem higiene, porcalhão” (DELGADO, 1999, p. 51). Nesse sentido, alguns livreiros acham que o termo é motivo de depreciação, e que a palavra traz consigo uma carga pejorativa (MATOS, 2014, p.

27). Talvez seja por conta desse termo que, no imaginário popular, os sebos sejam vistos como lugares sujos, confusos e desorganizados (DELGADO, 1999, p. 52).

Para muitos, porém, o charme dos sebos reside justamente nessas características. Carlos Drummond de Andrade (apud MATOS, 2014, p. 27), por exemplo, elogia um sebo descrevendo-o como “agradavelmente desarrumado, como convém ao gênero de comércio, para deixar o freguês à vontade”. Mansur (2007 apud MATOS, 2014, p. 27) acredita que o sebo “não pode ser muito limpo [...]. As seções não devem ser muito organizadas, pois um dos principais atrativos do sebo é o elemento-surpresa, é encontrar aquilo que jamais se esperaria encontrar naquela prateleira”. Ruy Castro, outro adepto da prática de garimpar livros, afirma:

O sebo arrumadinho demais não é bom, pois nitidamente o dono se preocupou em colocar à venda só os livros em melhor estado. Ou seja, os mais novos. Coisas importantes do passado podem acabar ignoradas porque estão feias, velhas, estragadas. O sebo bem bagunçado é ótimo de ser visitado porque a gente encontra coisas que não está esperando (GIRÃO, 2016, n.p.).

Moraes (1960 apud DELGADO, 1999, p. 52) se refere aos sebos do início do século XX no Rio de Janeiro dizendo que, à época, o comércio de livros usados era primitivo e “a própria instalação, a apresentação da mercadoria, era rudimentar. Os livros estavam misturados nas estantes e espalhados aos montes pelo chão”. À semelhança do sebo que muitos idealizam, “o freguês tinha que remexer, que ‘fuçar’, para encontrar o que lhe convinha. Era uma tradição dos Sebos deixar os livros em desordem para dar ao freguês o gosto de remexer e a ilusão de descobrir”.

A história dos sebos, como destaca Delgado (1999, p. 54), por não ter sido escrita, é uma história que “conta com a memória dos livreiros mais antigos de profissão para ser reconstituída, acrescida das impressões e registros de pessoas que frequentaram esses espaços”. Sua história surge na Europa no século XVI, quando mercadores de livros iniciaram a venda de manuscritos e livros antigos, iniciando um comércio de livros usados ou esgotados. A finalidade desses comerciantes era “suprir a necessidade dos leitores e pesquisadores com dificuldade de encontrar o livro pretendido no comércio usual, ou obtê-lo a um preço mais acessível” (SILVA, 2002, p. 167).

No Brasil, os chamados alfarrabistas surgiram no Rio de Janeiro no século XIX. Em 1828 teria sido inaugurado o primeiro estabelecimento do tipo no Brasil, a loja *A Casa do Livro Azul*, localizada na Rua do Ouvidor, fundada pelo francês Albin Jordan. Com a morte

do proprietário, a loja encerrou suas atividades em 1852. Na década de 1850 outra loja de livros usados foi inaugurada no centro do Rio de Janeiro, próxima ao Colégio Pedro II. A partir de então, várias livrarias foram abertas pelo Brasil (MACHADO, 2000 apud SILVA, 2002, p. 168). Delgado (1999, p. 54) registra que, de acordo com Ipanema, oito das 23 livrarias existentes no Rio de Janeiro em 1875 eram sebos. Em 1900, esse número passou a ser cinco das 47 livrarias.

Almeida (2013, p. 26) explica que os sebos no país começaram a surgir com mais intensidade na segunda metade do século XIX, quando as primeiras máquinas de impressão foram importadas. Em Salvador existiam dez livrarias de livros novos e no Rio de Janeiro esse número se aproximava de 50. Com a demanda crescente da necessidade de trocar e vender livros antigos houve, a partir de então, um crescimento no número de sebos. Afinal, como afirma Moraes (1960 apud DELGADO, 1999, p. 54), “onde há muita livraria, há sebo”. Cavaglieri e Steindel (2009, p. 57) afirmam que só no ano de 1953, em Recife, que a primeira livraria de livros usados foi registrada com o nome de “sebo”.

Atualmente existe uma enorme variedade no mercado de sebos, como descreve Delgado (1999, p. 52): “existem desde sebos alojados em um espaço minúsculo, pouco ventilados, com baixa renovação de estoque até sebos mais sofisticados, com música ambiente, ar refrigerado, [...] e computadores com o propósito de melhor atender aos pedidos de usuários”. Do mesmo modo que existem ainda aqueles sebos desorganizados e empoeirados, essa realidade vem sendo cada vez mais transformada por grande parte dos sebos para atrair e conquistar novos clientes. Muitos desses estabelecimentos estão se assemelhando cada vez mais com as livrarias tradicionais, com espaços limpos, claros, organizados e informatizados. Um número crescente de sebos ingressou no mercado virtual de livros, constituindo os sebos virtuais (ANTUNES, 2010, p. 46; MATOS, 2014, p. 26).

Conforme Cavaglieri e Steindel (2009, p. 56-57), a partir do avanço tecnológico, muitas das livrarias de livros usados passaram a se aliar às novas tecnologias de modo a “automatizar seus sistemas, facilitando a outras pessoas de diferentes áreas geográficas o acesso ao seu acervo, não só para conhecerem os materiais disponíveis, mas também para os adquirir pela internet”. Com isso, surgiram portais de sebos como a Estante Virtual, o Livronauta, Sebos *Online*, entre outros, que reúnem sebos de todo o Brasil, além de sites dos próprios sebos para a realização da venda virtual de livros.

O portal mais importante no país é a Estante Virtual (EV), que reúne atualmente 2.370 sebos, bancas e livreiros de todos os estados da federação. Como destaca Antunes (2010, p. 48), os acervos dos sebos que participam do portal ficam disponíveis para pesquisa e compra

de forma totalmente eletrônica, o que “beneficia tanto livreiros quanto clientes, que podem comprar e vender materiais, independente de sua localização espacial, de forma simples e prática”.

De acordo com informações divulgadas pelo site, o portal foi criado em 2005 e, antes de sua criação, menos de 1% dos sebos do país tinham estoque informatizado. Na época, existiam apenas 6 sebos com catálogos *online* no Brasil, 100 sebos com sites simples e impossibilidade na busca de livros usados. Hoje, o portal possui cerca de 16 milhões de livros no acervo virtual (sendo 80% de livros usados), e 16 milhões de livros já foram vendidos desde que o site foi criado. Contam com 3,6 milhões de leitores cadastrados. Pesquisando o perfil dos leitores que utilizam o portal, identificaram que 64% são mulheres e 36% homens, 91% são graduados ou graduandos, e, em relação à idade dos usuários, 31% têm entre 25 e 34 anos, 21% entre 35 e 44, e 19% entre 18 e 24 anos (ESTANTE VIRTUAL, 2018a). Observou-se, portanto, uma revolução no comércio eletrônico de livros usados.

Torres (2009 apud ANTUNES, 2010, p. 50) destaca as vantagens no comércio virtual de livros usados: “a economia de tempo, a praticidade, a organização dos acervos dos sebos, a qualidade dos mecanismos de busca disponibilizados, a variedade dos meios de pagamento e a logística de entrega”.

Levando em conta o comércio *online*, podemos categorizar os sebos em três tipos diferentes: aqueles que possuem uma loja física e não realizam venda virtual; aqueles que possuem uma loja física e realizam venda virtual; e aqueles que não possuem loja física e realizam venda exclusivamente virtual.

No mesmo sentido, Almeida (2013, p. 40) separa os usuários de sebos em dois tipos: o usuário presencial e o usuário virtual. O primeiro é aquele que utiliza o espaço do sebo, circula entre as estantes, folheia e olha o material de seu interesse e por vezes consulta o livreiro. O segundo, um tipo de usuário que tem crescido, é aquele que realiza sua compra em lojas de sebos virtuais, utilizando-se de serviços de pesquisa em catálogos através da internet.

Existem, evidentemente, diversos perfis de leitores que frequentam sebos. Existem os compradores eventuais e também os chamados ratos de sebos, que garimpam o acervo em busca de novas descobertas, sejam eles colecionadores bibliófilos ou não. Como afirmam Cavaglieri e Steindel (2009, p. 57), “os sebos vêm suprir a necessidades daqueles leitores apaixonados pelo raro, pelo antigo, nos quais é nítida a alegria quando conseguem localizar livros raros, há muito tempo esgotados”.

O livro raro, para Rodrigues (2006, p. 115 apud AMORIM, 2013, p. 8), “é aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, ou

ainda por ter pertencido a uma personalidade de reconhecida projeção [...], ou reconhecidamente importantes para determinada área do conhecimento”. No mesmo sentido, Silva (2002, p. 173) cita critérios adotados por algumas bibliotecas para identificar obras raras, que podem servir de referência para a compreensão do conceito de raridade: “edições: editadas até o século XVIII; brasileiras do século XIX; edições *princeps*; primeiras edições; especiais; apreendidas, esgotadas ou não reeditadas; suspensas ou recolhidas; clandestinas; ilustradas por artistas de renome; fac-similares, autografadas pelos autores”. Esses critérios, destaca a autora, não são definitivos e variam de acordo com bibliotecas e colecionadores.

Os sebos têm um papel muito importante em relação à aquisição de obras raras. Importantes bibliófilos brasileiros, como José Mindlin e Rubens Borba de Moraes praticaram por décadas garimpagens e caça a preciosidades em sebos brasileiros e estrangeiros (AMORIM, 2013, p. 8). Mindlin, que começou a se interessar pelos livros aos 13 anos, formou uma biblioteca pessoal com mais de 27 mil livros, tendo passado mais de 70 anos dedicados à bibliofilia (SILVA, 2002, p. 173).

E o que é a bibliofilia? De acordo com o dicionário Aurélio (apud SILVA, 2002, p. 173), é a “arte de colecionar livros tendo em vista circunstâncias especiais ligadas à publicação deles”. Mais do que isso, para Mindlin (1998 apud SILVA, 2002, p. 173), ela “é uma forma de conservação do patrimônio cultural da humanidade”. Mindlin (2005, p. 15-16) explica como se dá a bibliofilia e a paixão pelo livro enquanto objeto:

O livro exerce uma atração multiforme, que vai muito além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental. Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade se consegue. Depois vem o desejo de ter à mão o maior número possível de obras de um autor de quem se gosta – já é o começo de uma coleção. Conseguindo o conjunto, que sempre se quer o mais completo possível, surge o interesse pelas primeiras edições, geralmente raras, e a atração pelo livro como objeto, e também como objeto de arte, em que entra a qualidade do projeto gráfico, a ilustração, a diagramação, o papel, a tipografia, a encadernação; e aí já surge a busca da raridade. Quando se chega a esse estágio, aquele que pensava em ser na vida apenas um leitor metódico está irremediavelmente perdido. Sua relação com o livro passa a ter uma dimensão quase patológica, pois a compulsão de possuí-lo é mais ou menos irresistível.

Para Delgado (1999, p. 53), a importância dos sebos reside no fato de que, além de possibilitarem um preço mais acessível aos livros, esses espaços permitem que sejam encontradas edições esgotadas, fora de circulação no mercado, como também livros raros e coleções valiosas. Desse modo, conforme Oliveira (2012, p. 10), “os sebos atuam como uma

fonte de preservação da cultura, de objetos que não possuem somente um valor comercial, mas uma dimensão social carregada de uma significação mística”. O sebo é, portanto, um mediador cultural da leitura (SILVA, 2002, p. 175).

Os sebos não são obrigados a seguirem a lógica mercadológica das livrarias tradicionais, que não dão tanto espaço às obras antigas ou raras e priorizam os *Best Sellers* e últimos lançamentos. Com isso, os sebos tornam-se pontos de acesso à informação e de práticas de leitura ao abrirem espaço para leituras mais diversificadas. Nesse sentido, segundo Silva (2002, p. 172), “os sebos mantêm um espaço de circulação de informações, resguardando-as das imposições da forma de dominação vigente na sociedade”. Para Zilberman (2003 apud MATOS, 2014, p. 28), essas livrarias cumprem o papel de salvar do esquecimento a literatura e garantir sua circulação.

Silva (2002, p. 171), por fim, destaca que os sebos contribuem também aos estudos de práticas de leitura, pois os livros que lá são encontrados “são testemunhas das mudanças ocorridas durante sua passagem através do tempo e do espaço, dos leitores e das diversas épocas e os diversos lugares nas suas mais variadas concepções”. As práticas de leitura podem ser percebidas através dos vestígios deixados pelos leitores nos livros revelando sua circulação, como “marcas, anotações, autógrafos, páginas soltas, gastas ou mesmo a ausência de vestígios de manuseio”. Delgado (1999) registrou em sua pesquisa aos sebos de Belo Horizonte livros que traziam dentro de si cartas, bilhetes, anúncios de época, folhas secas, notas ficais, marcadores, santinhos, dedicatórias e anotações diversas. Ao analisarmos as anotações que os livros trazem às margens de suas páginas, por exemplo, percebemos que cada leitor apreende a leitura de um modo diferente (SILVA, 2002, p. 171).

Vimos neste tópico as definições dos sebos, bem como as possíveis origens de seus termos, sua história, características e contribuições às práticas de leitura, ao acesso à informação e à preservação da cultura. Passemos, no tópico seguinte, a uma contextualização dos sebos existentes em Goiânia, campo onde esta pesquisa se realiza.

## 4.2 SEBOS EM GOIÂNIA

São quase inexistentes os estudos que tratam dos sebos de Goiânia. Como apontaremos no tópico seguinte de revisão de literatura, o pesquisador só conseguiu encontrar dois estudos: um, que se trata de um guia dos sebos goianienses (PEREIRA, 2005) e outro, que trata mais especificamente da bibliofilia em Goiânia (COELHO, 2013). Por esse motivo, para abordar os sebos da cidade neste tópico, o pesquisador se utilizou, além do guia, de duas

matérias jornalísticas *online* que tratavam de dois sebos da cidade e de artigos de jornais goianienses das décadas de 1970 a 1990 do acervo de documentos históricos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás.

A pesquisa coordenada e orientada por Pereira, de 2005, conseguiu reunir um total de 32 sebos, espalhados pelos bairros do Centro (com 22 sebos), Campinas (4 sebos), Oeste (2), Coimbra, Novo Horizonte, Pedro Ludovico e Vila Nova (com um sebo para cada bairro). Dos sebos listados à época, 10 foram fundados nos anos 2000, 14 na década de 1990, 5 em 1980 e 3 em 1970 (PEREIRA, 2005).

O primeiro sebo de Goiânia teria sido aberto no ano de 1969, de acordo com Drummond (1995, p. 10), mas não foi possível ao pesquisador constatar qual livraria seria esta. Em artigo de jornal datado de 1982, registra-se a existência de cinco sebos na cidade, sendo quatro no Centro e um em Campinas (AZEREDO, 1982). Na matéria são citados nominalmente apenas três: o Boca do Livro Usado e a Feira Cultural, que já não existem, e a Feira Cultural de Campinas, o sebo mais antigo ainda em atividade e, por esta razão, tema desta pesquisa.

O sebo Feira Cultural de Campinas foi fundado em 1977 e funciona já há 41 anos. Méndez (2016) descreve a decoração do ambiente, repleto de objetos e cartazes nos quais a proprietária, Dona Rose, escreve suas poesias e frases inspiradas em livros, com o intuito de passar uma mensagem aos que visitam o espaço. Na entrada é possível encontrar caixas com mensagens soltas para que as pessoas as peguem e levem consigo. No sebo podem ser encontrados, além de livros, revistas antigas, gibis e vinis.

Cabe citar para registro o que um artigo de jornal de 1982 relata sobre a livraria, no ano em que esta completava cinco anos:

Segundo Joaquim Lourenço, da Feira Cultural de Campinas, “o estoque é variável e mais ainda quando se trata de livros técnicos, pois só são vendidos em função da necessidade financeira”. Para ele, que possui inúmeros clientes habituais e já com tradição em seu comércio, o que se deve fazer é “procurar sempre”. Ele aceita encomendas ou reservas de livros, e se o mesmo surge em seu estabelecimento ele liga e informa ao cliente que o livro se encontra à disposição (AZEREDO, 1982, n.p.).

Outro tradicional sebo é a Hocus Pocus, que possui um dos maiores acervos de histórias em quadrinhos do país e o maior do Centro-Oeste. Sua origem se dá no início dos anos 1990, quando os irmãos Luiz Fafau e Moacir Junior abriram uma banca que vendia livros e vinis na antiga Feira *Hippie*, chamada Banca Nacional de Literatura Independente. Já

em 1992 mudaram para um endereço fixo, na Avenida Araguaia, e fundaram a livraria, longe do eixo dos sebos tradicionais da cidade. De início, a Hocus Pocus não possuía móveis, e as Histórias em Quadrinhos (HQs), discos e outros materiais eram expostos no chão (CURTA MAIS, 2017).

Na transição dos anos 1990 aos 2000, Goiânia construía a cena de *rock* independente, e com ela a popularidade da livraria foi se consolidando, com a frequência de clientes mais alternativos, ligados à cultura *pop* e ao *rock'n'roll*. Com o hábito de promover *shows* e encontros entre bandas na loja, a livraria foi concretizando sua popularidade e atraindo novos clientes. Uma característica do espaço é que os proprietários preservam o autoatendimento, dando aos frequentadores a liberdade de circularem por onde quiserem sem serem incomodados. Luiz explica que este é um aspecto que eles não querem perder, pois, para eles, a garimpagem, que é uma coisa muito pessoal, faz parte da filosofia do sebo. Se o cliente tiver alguma dúvida, é só perguntar (CURTA MAIS, 2017).

Vários outros sebos se destacam, como o Páginas Antigas Livraria, de 1984; o Armazém do Livro, fundado em 1999 e que abriu duas filiais em 2008 e 2010, sendo ambas sebos e papelarias; a Livraria Didática, de 1983; a Livraria Opção Cultural, de 1996; o Universo do Livro, de 2003; o Bazar do Livro, de 1989, a Livraria Feirão do Livro, anteriormente denominada Feirão do Livro Usado, de 1999; e a Amigos do Livro, de 2002, que também possui filial (PEREIRA, 2005).

Essa pesquisa propõe-se a atualizar o levantamento de sebos de Goiânia realizado por Pereira (2005), treze anos após sua publicação, e os resultados obtidos podem ser encontrados no tópico 5.1 e também no Apêndice C.

#### 4.3 REVISÃO DE LITERATURA

Neste tópico apresentamos uma revisão de literatura dos estudos que abordam a temática de sebos. Ao buscarmos os termos “sebo”, “sebos” e “livros de segunda mão” em diferentes bases de dados, pudemos constatar que os resultados voltados à área são escassos, sendo que boa parte do que é encontrado utilizando as variantes da palavra “sebo” refere-se ao sebo animal. Das bases de dados, a que se mostrou mais efetiva nos resultados foi o *Google Acadêmico*, mas também foram realizadas buscas no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), no *Scielo*, e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Biblioteca da Universidade Federal de Goiás (BDTD/UFG). Realizou-se ainda uma pesquisa no acervo do Sistema de Bibliotecas da UFG (SIBI/UFG).

Apesar da escassez da temática, foram obtidos dezenove artigos, trabalhos de conclusão de curso e resumos apresentados em congressos, e todos eles serão resumidos abaixo em ordem cronológica de publicação. Constatou-se a predominância de estudos sobre sebos na área da Biblioteconomia, com 8 trabalhos, havendo também estudos nas áreas da Administração, Antropologia, Ciências Sociais, História, Comunicação, Jornalismo e Educação.

A pesquisa de Bragança et al. (2005), atividade acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo de 1992, objetivava conhecer o perfil sociocultural do consumidor de livros de segunda mão de São Paulo e Rio de Janeiro, detectar o posicionamento desse consumidor em relação à tradição e às novas tecnologias de informação e cultura e perceber suas aspirações e anseios diante do mercado de livros usados, antigos ou raros. Para tanto, aplicaram um questionário composto por 34 questões, e algumas delas serviram de base para a entrevista da presente pesquisa. Os autores discutem, além do perfil do consumidor de livros usados, a bibliofilia, o colecionismo e o culto ao objeto livro. Concluem que, embora esteja em crise, o fenômeno de colecionar não perdeu o seu agente, e que a figura do colecionador, do bibliófilo, continuará existindo.

Delgado (1998), em artigo, realizou uma pesquisa que se propunha a investigar os sebos da cidade de Belo Horizonte, a partir de trabalho de campo em sete sebos da cidade com entrevistas a alfarrabistas e coleta de uma série de registros, buscando assim um delineamento cartográfico desse universo.

Também Delgado (1999) realizou posteriormente uma “cartografia sentimental” dos sebos de Belo Horizonte em dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, mais tarde transformada em livro. A autora realiza uma incursão histórica no mercado de livros do Brasil, perpassa pelas definições de sebos e a história desse tipo de livraria, aborda seus frequentadores, tudo a partir de ampla pesquisa bibliográfica e entrevistas a sebigistas e bibliófilos. Por tudo isso, o livro é referência na temática de sebos, podendo ser encontrado na bibliografia da grande maioria dos trabalhos aqui citados.

O artigo de Silva (2002), graduanda de História, apresenta, através de pesquisa bibliográfica, reflexões sobre os sebos e sua importância enquanto agentes propagadores e mantenedores das práticas de leitura. Trata-se do estudo mais próximo ao tema da presente pesquisa por relacionar os sebos às práticas de leitura. Após abordar o histórico da leitura, do livro, dos sebos brasileiros, a importância do livro na vida acadêmica, os caminhos percorridos pelos livros, os bibliófilos e a aquisição de livros em sebos, a autora conclui que

essas livrarias são mais do que uma alternativa de aquisição de livros, e que, enquanto mediadores culturais da leitura, contribuem à possibilidade de investigação de novas fontes para a história do livro, da coletividade e das práticas culturais.

A pesquisa coordenada e orientada por Pereira (2005) é de grande importância à presente pesquisa, por se tratar de um guia dos sebos da cidade de Goiânia. Como afirmado anteriormente, a presente pesquisa se utilizará deste guia para atualizá-lo, treze anos após sua publicação. Publicado em cordel, o trabalho foi resultado de uma atividade realizada na disciplina de “Planejamento e estudo de usuário” do curso de Biblioteconomia da UFG em 2004 por quatro estudantes e sua orientadora. O levantamento dos dados se deu através de entrevistas com livreiros, proprietários e administradores de sebos com aplicação de questionários, além de pesquisa documental em meios impressos e eletrônicos. Os pesquisadores conseguiram reunir um total de 32 sebos, informando nome, endereço, telefone, fax, *home page*, *e-mail*, horários, produtos, serviços e formas de pagamento oferecidas por cada uma das livrarias.

Biasotto (2005) realizou um estudo de cunho etnográfico em uma rede de sebos de Porto Alegre, verificando o comportamento de seus consumidores através de observação sistemática e participante. A pesquisadora pôde observar a presença de clientes que buscam raridades e veem essa atitude de compra como um diferencial de quem tem maior qualificação profissional ou vínculo com a academia. Observou também comportamentos que revelam que a relação com o livro possui um componente emocional, não se limitando ao mero ato de compra e venda. Biasotto pôde verificar a presença de consumidores aficionados por livros, como também consumidores que procuram obras mais voltadas ao gosto popular, destacando-se os que buscam livros de autoajuda.

Caballero e Santos (2005) realizaram uma pesquisa antropológica com orientação etnográfica em dois sebos situados em Porto Alegre a partir de observação direta e entrevistas semiestruturadas. As pesquisadoras objetivavam demonstrar como ambos os locais são espaços que resguardam a memória coletiva e individual, configurando-se ao mesmo tempo como espaços de sociabilidade. Elas perceberam as duas livrarias enquanto espaços que evocam diferentes passados, por apresentarem uma enorme diversidade de livros usados, edições raras e antigas, além de conjuntos de imagens nas paredes e objetos antigos.

No artigo de Cavedon et al. (2007), os autores, das áreas da Administração, Antropologia Social e Ciências Sociais, buscam observar o comportamento de consumo dos colecionadores de livros por meio de um estudo etnográfico, percorrendo o universo de bibliófilos que frequentam dois sebos de Porto Alegre. Os pesquisadores puderam notar

algumas particularidades desses colecionadores, como sociabilidades masculinas, consumo obsessivo e construção de uma identidade por meio do consumo.

Em outro artigo, Cavedon e Stefanowski (2008), das áreas da Administração e das Ciências Sociais, procuram investigar como o humor e o riso presente na relação estabelecida entre proprietários, clientes e fornecedores podem evidenciar a identidade de um sebo do centro de Porto Alegre. A pesquisa utilizou-se do método etnográfico e da observação participante como técnica. As pesquisadoras puderam observar que o riso é uma característica importante do sebo por estar presente diariamente e revelar sobre as pessoas quem elas são, quais são seus valores, como se relacionam, pensam e moldam a identidade da livraria. Elas notam que as sociabilidades em manifestações cômicas presentes no estabelecimento permitem o desvendamento de uma identidade predominantemente masculina demarcada e reforçada através das brincadeiras e conversas estabelecidas entre os homens que circulam naquele local.

Em trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia, Santos (2008), buscou conhecer o surgimento dos sebos no Brasil e relatar em especial a migração destas lojas para o comércio virtual. A pesquisa resultou em um levantamento do tipo de acervo que as lojas virtuais de livros usados disponibilizam na internet, bem como da maneira pela qual os livros são adquiridos nesses espaços. O autor percebe que há um aumento na venda de livros usados através das lojas virtuais, ressalta a importância do livro enquanto instrumento de preservação da memória da sociedade e veículo de informação e conhecimento, e afirma que nesse mercado há um desconhecimento das potencialidades de atuação do bibliotecário tanto por parte dos profissionais da informação quanto dos proprietários dos sebos.

Cavaglieri e Steindel (2009), das áreas da Biblioteconomia e da Educação, analisam, em artigo, sebos da cidade de Florianópolis instalados em meados da década de 1980. Através de diferentes instrumentos para coleta de dados (observação, questionário e entrevista semiestruturada), os pesquisadores buscaram compreender algumas funções socioculturais desses sebos. Abordam os sebos segundo os proprietários, as características dos usuários desses sebos e como os sebitas percebem suas atividades. Os dados apontados pelos autores mostram a importância dos sebos como pontos de acesso à informação, lazer e conhecimento, evidenciando a complexidade das atividades desenvolvidas por essas livrarias.

Em trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia, Antunes (2010) analisa as formas de organização da informação utilizadas pelos sebos de Porto Alegre. A pesquisa, de abordagem quanti-qualitativa, apoiada em questionário com questões abertas e fechadas, avaliou seis sebos da cidade. A autora conclui que a forma de organização utilizada por todos

esses sebos é a organização por grandes assuntos e de ordem alfabética do sobrenome do autor em cada área. Os sebigtas mostraram-se satisfeitos com a forma de organização utilizada e não encontraram pontos negativos nesse arranjo. A pesquisadora aponta ainda que a principal maneira pela qual os clientes identificam os materiais que desejam é pelo título, campo coberto pela descrição nos catálogos.

Rocha, Silva e Sousa Neto (2011), da área da Administração, abordam em artigo o comércio eletrônico através de um estudo de caso com os sebos de Natal, questionando se essa ferramenta, com o portal “Portal dos Sebos”, se configura como formadora de alianças e rede organizacional aos proprietários dessas livrarias ou se serve apenas para fomentar a concorrência. Os autores concluem, a partir da obtenção de dados por meio de entrevistas, que a relação entre os sebos com a ferramenta não se configura como uma rede organizacional, mas como uma aliança comercial estratégica para os sebigtas.

O trabalho de conclusão de curso de Jornalismo de Oliveira (2012) mostra o processo de criação de um blog voltado aos sebos de Curitiba, o blog “Confraria do Sebo”. O autor conclui que a temática dos sebos da cidade é ainda pouco explorada pelos meios de comunicação locais, tradicionais e impressos, evidenciando uma lacuna na área. O pesquisador viu que um modo de evitar essa falta seria com a criação desse canal na internet que teria por objetivo mostrar, discutir e refletir sobre os sebos de Curitiba.

Em artigo de Amorim (2013), bacharel em Biblioteconomia e mestranda em História, a autora realizou um estudo preliminar sobre os sebos de Fortaleza e o acesso à memória escrita. A autora aborda o conceito de memória e de sebos, o mercado de livros de Fortaleza e, através de entrevistas a sebigtas e clientes de sebos, a importância do ofício dos sebigtas ao mercado livreiro da cidade. Em conclusão, a pesquisadora percebe o papel fundamental que os sebos têm exercido para o acesso ao livro impresso, pois através da compra, venda e troca, muitos livros (inclusive os esgotados) chegam às mãos de leitores e colecionadores. Além disso, constata que o sebigta é essencial nessa dinâmica de acesso à memória escrita.

Almeida (2013), em trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia, aborda o percurso, histórico e a formação de acervos dos sebos de Porto Alegre, através de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas a alguns livreiros. O autor conclui que o acervo dos sebos se amplia com as possibilidades de navegação pela internet e que o percurso do livro não é estático, se alterando de acordo com as necessidades do usuário e com as novas tecnologias.

Coelho (2013), em trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia, realizou uma pesquisa sobre a bibliofilia, abordando seu conceito, seu histórico, seus praticantes (os

bibliófilos), a maneira como é praticada, as obras raras, o colecionismo e sua existência em Goiânia. Coelho (2013) afirma que, nos principais sebos da cidade, ao serem questionados sobre a possível existência de bibliófilos, os proprietários e funcionários afirmaram desconhecê-los. A autora entrevistou cinco colecionadores goianos de livros, e através das respostas, analisou suas motivações, seus assuntos de interesse, o tamanho de seus acervos, o significado dos livros como objetos materiais e o futuro dos livros na visão deles, entre outros aspectos. Conclui que a prática de bibliofilia é desconhecida em Goiânia e que, mesmo existindo os que colecionam livros, suas coleções não se pautam nos princípios e práticas da bibliofilia.

Marcello Neto e Ienczak (2014), mestrandos em História, problematizaram a memória construída pelos donos de sebos da cidade de Pelotas a partir de entrevistas nas quais os quatro narradores, donos dos maiores sebos da cidade, compartilharam a memória relativa ao seu ofício, sua origem e sua importância para a cidade. Os pesquisadores objetivavam entender as narrativas sobre a origem desse ofício e entender a relação dos vendedores com os objetos vendidos, se havia ou não uma relação comercial e/ou de afeto. Eles observaram que dentre os entrevistados havia em comum a paixão pelos itens por eles negociados, e alguns dos sebistas se consideravam bibliófilos, outros tratavam seu trabalho como um negócio e havia quem considerava seu trabalho essencial para a disseminação da leitura na cidade.

Por fim, Matos (2014), em trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia, realiza uma análise do impacto da internet no comércio de sebos da cidade de Porto Alegre. A pesquisa tem como foco os sebos que atuam como loja física e com comércio eletrônico ao mesmo tempo, e, através de abordagem qualitativa, procura identificar os aspectos positivos e negativos que a internet proporcionou a esse comércio, de acordo com a visão dos donos dos sebos. A autora conclui que a internet não substitui a existência do espaço físico dos sebos, mas não deixa de ser uma ferramenta de suma importância para o comércio de livros usados.

Com base nos trabalhos apresentados acima, pôde-se constatar a predominância de estudos voltados à área dos sebos na Região Sul do país. Nessa região, 7 das pesquisas foram realizadas em Porto Alegre, 2 em Florianópolis (apesar de que uma delas não limita seu campo de estudo à cidade), 1 em Curitiba e 1 em Pelotas, correspondendo a aproximadamente 58% dos estudos encontrados. Na Região Sudeste, 2 pesquisas foram realizadas em Belo Horizonte, 1 em São Paulo e Rio de Janeiro e 1 em Pedro Leopoldo (também não se limitando à cidade). No Nordeste, 1 pesquisa em Fortaleza e 1 em Natal. Já no Centro-Oeste, 2 pesquisas realizadas em Goiânia, sendo que uma se trata de um guia de sebos e outra não trata especificamente destas livrarias, mas dos bibliófilos, clientes potenciais de sebos. A presente

pesquisa possui, nesse sentido, ineditismo ao realizar um estudo de caso de um sebo de Goiânia, e mostra-se relevante ao observarmos os anos de publicação dos trabalhos: os últimos foram realizados em 2014, ou seja, há quatro anos. É hora, portanto, de trazermos os estudos sobre sebos para a atualidade.

## 5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Parte-se aqui à análise dos dados coletados. Será analisado, primeiramente, o levantamento dos sebos de Goiânia e, posteriormente, o funcionamento e a história do sebo Feira Cultural de Campinas, objeto de estudo de caso.

### 5.1 LEVANTAMENTO DE SEBOS

Para a realização do levantamento de sebos de Goiânia, foi utilizado como base principalmente o supracitado “Guia dos sebos de Goiânia” (PEREIRA, 2005) a fim de realizar uma atualização treze anos após sua publicação. Além do guia, a pesquisa utilizou como fontes matérias jornalísticas em meio eletrônico que listavam sebos goianienses (SIMMONDS, 2015; CURTA MAIS, 2018), a lista de sebos e livreiros que vendem na Estante Virtual (2018b), lista telefônica eletrônica com as palavras-chave “livros usados” em Goiânia no Telelistas.net (2018), site que reúne uma lista de Sebos do Brasil (2018), sites que listam empresas (GUIA MAIS, 2018; ENCONTRAGOIÁS, 2018) e a busca com os termos “sebo Goiânia” e “livros usados Goiânia” no *Google Maps*.

Com a reunião dos sebos registrados em todas essas fontes, o pesquisador conseguiu reunir uma lista de 54 livrarias, que podem ser conferidas em quadro do Apêndice B. O passo seguinte consistiu em conferir quais dos registros se tratam realmente de sebos e quais deles estão atualmente em atividade, através de visitas aos locais, contatos telefônicos e pesquisas pelos endereços no *Google Street View*.

Comprovado o funcionamento dos estabelecimentos, partiu-se para a aplicação dos formulários aos livreiros no dia 17 de outubro para a obtenção das informações que serão analisadas nesta pesquisa. Os dados questionados têm como base os levantamentos de sebos de Pereira (2005), Almeida (2013), Antunes (2010) e Secchin (2001), e o formulário aplicado pode ser conferido no Apêndice A. No Apêndice C estão listados todos os sebos com informações de contato e outros dados pertinentes.

#### 5.1.1 Sebos levantados

A partir da reunião de estabelecimentos listados como sebos em diferentes fontes e a posterior conferência do pesquisador de quais deles ainda estão em funcionamento e quais se tratam efetivamente de sebos, o pesquisador optou por separar os resultados em três

categorias diferentes. Primeiramente, os sebos tradicionais, que possuem loja física e que podem ou não realizar venda virtual. Foram encontrados 23 sebos, que estão listados em ordem alfabética no Quadro 4.

Quadro 4 – Sebos físicos

Sebos físicos
Amigos do Livro Livraria & Papelaria (Centro)
Amigos do Livro Livraria & Papelaria (T-63)
Animus Livraria
Armazém do Livro (Matriz)
Armazém do Livro (Nova Suíça)
Armazém do Livro (T-63)
Bazar do Livro
Espaço Cultural Vídeo
Feira Cultural de Campinas
Hocus Pocus
Intellectus
Livraria Didática
Livraria Feirão do Livro
Livraria Opção Cultural
Livraria Parlenda
Livrocultura
Livros & Cia
Mercado dos Livros
Oliveira's Livraria
Páginas Antigas Livraria
Portal dos Livros
Primus Papelaria & Livraria
Universo do Livro

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Em segundo lugar, foram listados os sebos que não possuem loja física e realizam venda exclusivamente virtual. Foram identificados oito sebos que se encaixam neste perfil no portal Estante Virtual (2018b), listados alfabeticamente no Quadro 5. Foram encontrados também dois livreiros de Goiânia, que não estão incluídos na lista.

Quadro 5 – Sebos exclusivamente virtuais listados na Estante Virtual

Sebos exclusivamente virtuais listados na Estante Virtual
A Casa de Vidro
Avalon Revistaria
Excelência Livraria
Gold Livros
Livros e Livros
Livros Gyn
Manuscritos Livraria
Sebo Figura de Linguagem

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Por último, estabelecimentos que não são identificados como sebos, mas que vendem livros ou revistas usados, razão pela qual entraram neste levantamento. Os três estabelecimentos podem ser conferidos no Quadro 6. O primeiro, Avalon Variedades, se trata de uma loja que vende HQs usadas, além de camisetas, itens de decoração, *piercings*, chaveiros, etc. O local era sede da Avalon Revistaria, que era um sebo propriamente dito, mas que mudou de proprietário e passou a ser um sebo exclusivamente virtual, não tendo relação com a loja física atual. Quanto aos dois outros estabelecimentos listados, tratam-se de bistrôs que vendem também livros usados.

Quadro 6 – Estabelecimentos que não são sebos, mas que vendem livros ou revistas usados

Estabelecimentos que não são sebos, mas que vendem livros ou revistas usados
Avalon Variedades
Evoé Café com Livros
Namastê - Livros, Cafés e Cervejas

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Observando a distribuição espacial dos estabelecimentos que vendem livros usados em Goiânia, é possível constatar que a maioria dos sebos se localiza no Centro da capital. No Quadro 7, listamos os sebos físicos de acordo com os Bairros onde se situam. Dos 23 sebos em funcionamento em Goiânia, 13 situam-se no Centro (ou seja, aproximadamente 56% de todos os sebos). Os setores Bueno, Campinas e Nova Suíça têm dois sebos cada, e as quatro livrarias restantes encontram-se no Jardim América, Leste Vila Nova, Pedro Ludovico e Vila Santa Helena.

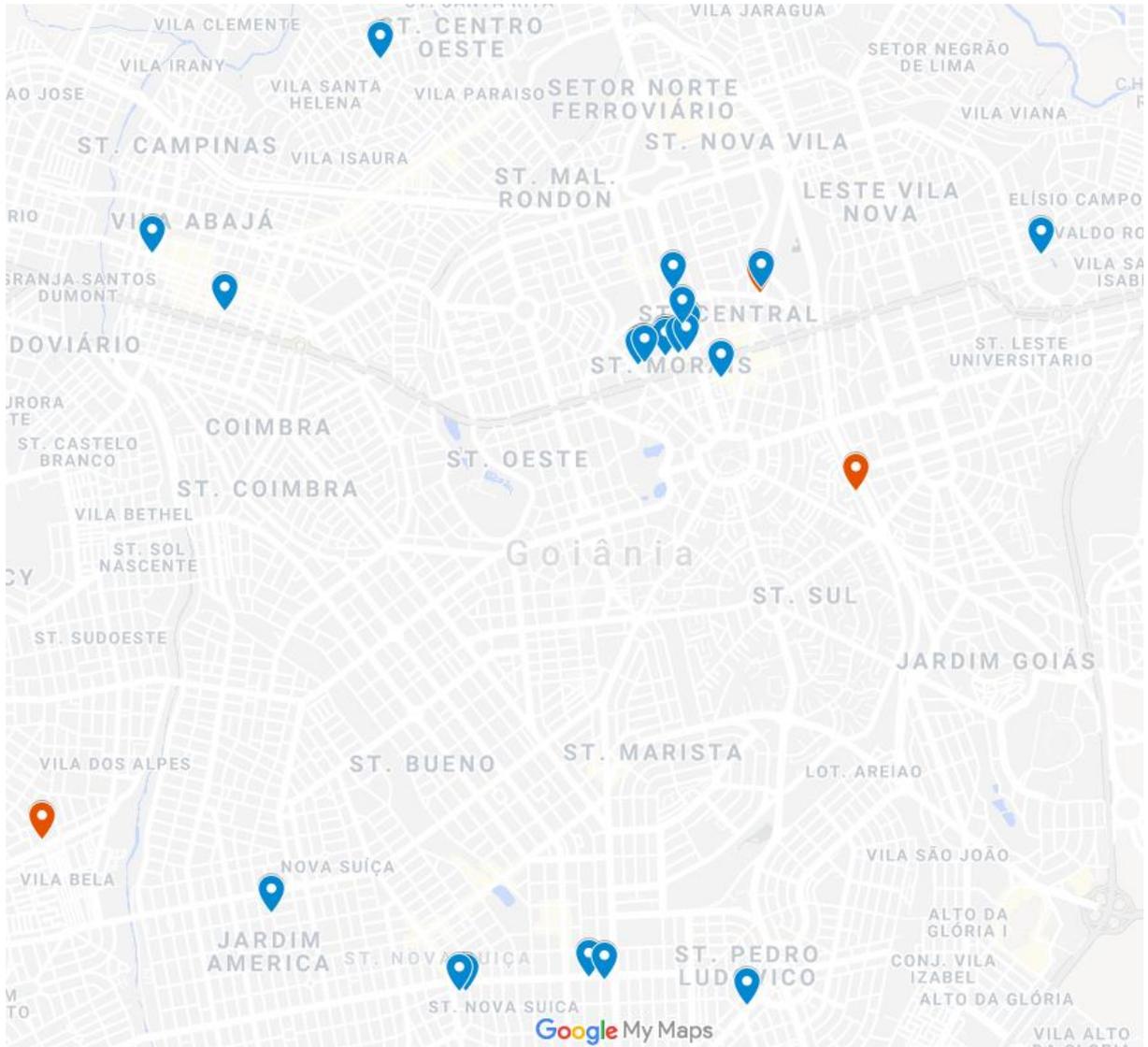
Quadro 7 – Sebos de acordo com os bairros onde se localizam

Bairro	Sebos físicos
Bueno	Amigos do Livro Livraria & Papelaria (T-63)
Bueno	Armazém do Livro (T-63)
Campinas	Feira Cultural de Campinas
Campinas	Livrocultura
Centro	Amigos do Livro Livraria & Papelaria (Centro)
Centro	Armazém do Livro (Matriz)
Centro	Bazar do Livro
Centro	Espaço Cultural Vídeo
Centro	Hocus Pocus
Centro	Livraria Didática
Centro	Livraria Feirão do Livro
Centro	Livraria Opção Cultural
Centro	Livros & Cia
Centro	Oliveira's Livraria
Centro	Páginas Antigas Livraria
Centro	Portal dos Livros
Centro	Universo do Livro
Jardim América	Livraria Parlenda
Leste Vila Nova	Intellectus
Nova Suíça	Armazém do Livro (Nova Suíça)
Nova Suíça	Primus Papelaria & Livraria
Pedro Ludovico	Mercado dos Livros
Vila Santa Helena	Animus Livraria

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

No Mapa 1 é possível observar mais claramente a distribuição espacial dos sebos por Goiânia. Trata-se de um mapa da cidade e os pontos marcam os estabelecimentos que vendem livros usados. Os pontos azuis representam os sebos físicos, conforme listados no Quadro 4, e os pontos vermelhos representam os estabelecimentos que vendem livros ou revistas usados, listados no Quadro 6. O mapa pode ser também visualizado e explorado através do link <https://drive.google.com/open?id=1PaWWPKggAY4Q4hUsmKQdOBYZRiqrJQFE&usp=sharing>.

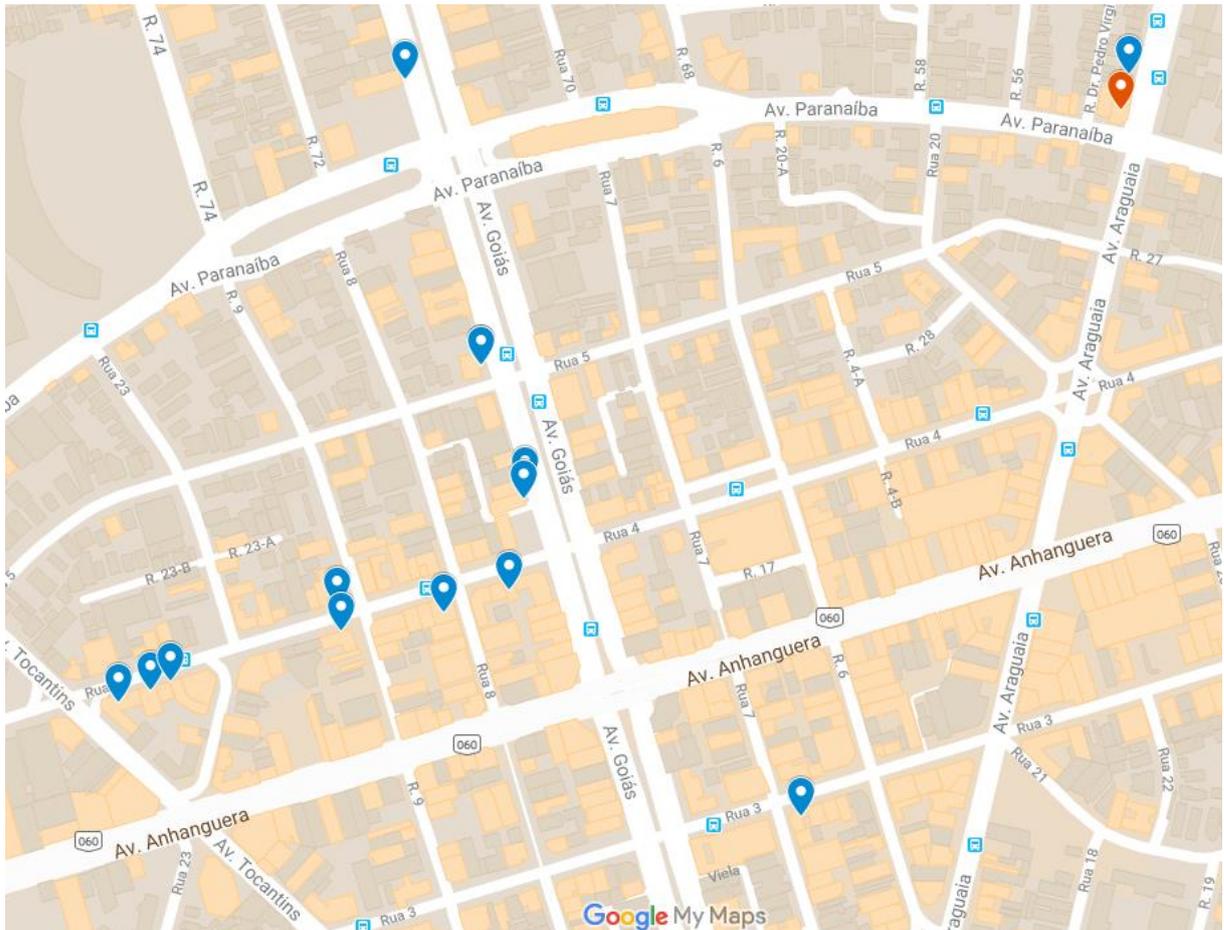
Mapa 1 – Distribuição dos sebos por Goiânia



Fonte: Google My Maps, elaborado pelo autor (2018).

No Mapa 2 podemos observar o Centro de Goiânia, onde a maioria dos sebos se localiza. É possível observar que há uma concentração de livrarias na Rua 4 e na Avenida Goiás. Na primeira, constatamos a existência de sete sebos e na segunda, quatro sebos. Nesta região existem também dois estabelecimentos na Avenida Araguaia e um na Rua 3 com a Rua 7. Cabe destacar que parte destas livrarias e outras que já não mais existem foram fundadas em um momento em que o Centro da cidade era um bairro residencial, razão que pode explicar a concentração de sebos na região. Hoje o bairro é predominantemente comercial, e o mesmo se aplica a Campinas.

Mapa 2 – Distribuição dos sebos pelo Setor Central



Fonte: Google My Maps, elaborado pelo autor (2018).

### 5.1.2 Comércio virtual

Ao levarmos em conta o comércio *online*, podemos retomar à categorização que definimos no tópico 4.1, que separa os sebos em três tipos distintos: os que possuem uma loja física e não realizam venda virtual, os que possuem loja física e realizam venda virtual e os que não possuem loja física e realizam venda virtual. Com isso, os sebos de Goiânia podem ser separados conforme o Quadro 8. Optamos por não incluir os estabelecimentos do Quadro 6 nos quadros seguintes por não os considerarmos sebos.

Quadro 8 – Tipos de sebos em relação ao comércio virtual

Loja física sem venda virtual	Loja física com venda virtual	Venda exclusivamente virtual
Feira Cultural de Campinas	Amigos do Livro (Centro)	A Casa de Vidro
Livrocultura	Amigos do Livro (T-63)	Avalon Revistaria
Mercado dos Livros	Animus Livraria	Excelência Livraria
Oliveira's Livraria	Armazém do Livro (Matriz)	Gold Livros
	Armazém do Livro (Nova Suíça)	Livros e Livros
	Armazém do Livro (T-63)	Livros Gyn
	Bazar do Livro	Manuscritos Livraria
	Espaço Cultural Vídeio	Sebo Figura de Linguagem
	Hocus Pocus	
	Intellectus	
	Livraria Didática	
	Livraria Feirão do Livro	
	Livraria Opção Cultural	
	Livraria Parlenda	
	Livros & Cia	
	Páginas Antigas Livraria	
	Portal dos Livros	
	Primus Papelaria & Livraria	
	Universo do Livro	

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

A partir do Quadro 8, podemos constatar que são poucos os sebos que não se renderam ao comércio virtual de livros. Apenas quatro estabelecimentos não realizam venda virtual. Um deles, o sebo Feira Cultural de Campinas, é objeto do estudo de caso desta pesquisa, e sua proprietária mostra certa aversão às tecnologias digitais, como veremos adiante. Vale destacar que um destes quatro sebos, o Livrocultura, já fez parte do comércio virtual, mas optou por sair deste tipo de mercado.

Quanto aos que realizam comércio virtual, 19 possuem loja física aberta ao público e oito são exclusivamente virtuais. Destes oito, como afirmado anteriormente, todos foram encontrados no site da Estante Virtual. Em relação aos 19 sebos, a grande maioria participa da Estante Virtual, mas não todos. Realizam vendas apenas pelo Mercado Livre os sebos Espaço Cultural Vídeio e a Livros & Cia. Já a Intellectus vende virtualmente apenas pelo site da própria livraria. Quanto à Livraria Parlenda, é o único sebo que realiza venda *online* em mais de um local: pela Estante Virtual, Livronauta, Sebos *Online*, Mercado Livre e site próprio.

No Quadro 9, listamos todos os sebos físicos e virtuais presentes na Estante Virtual, acompanhados de duas informações fornecidas pelo site: o ano em que entraram no portal e a quantidade de itens disponíveis no acervo. A quantidade de itens, é evidente, varia a cada minuto à medida que novas vendas são realizadas e novos itens são incluídos no acervo. Os números são referentes ao que foi coletado no dia 10 de novembro de 2018.

Quadro 9 – Sebos presentes na Estante Virtual

Sebos presentes na Estante Virtual	Físico ou virtual	Ano em que entrou no site	Livros cadastrados
A Casa de Vidro	Virtual	2016	348
Amigos do Livro Livraria & Papelaria*	Físico	2008	16.528
Animus Livraria	Físico	2014	3.440
Armazém do Livro (Matriz)	Físico	2006	19.272
Armazém do Livro (Nova Suíça)	Físico	2006	7.964
Armazém do Livro (T-63)	Físico	2009	9.449
Avalon Revistaria	Virtual	2007	5.684
Bazar do Livro	Físico	2010	12.263
Excelência Livraria	Virtual	2018	916
Gold Livros	Virtual	2017	1.904
Hocus Pocus	Físico	2005	59.987
Livraria Didática	Físico	2011	10.649
Livraria Feirão do Livro	Físico	Não encontrado**	Idem
Livraria Opção Cultural***	Físico	2008	42.187
Livraria Parlenda	Físico	2016	3.309
Livros e Livros	Virtual	2017	25.950
Livros Gyn	Virtual	2016	3.112
Manuscritos Livraria	Virtual	2008	227
Páginas Antigas Livraria	Físico	2008	26.859
Portal dos Livros	Físico	2012	12.399
Primus Papelaria & Livraria	Físico	2008	5.742
Sebo Figura de Linguagem	Virtual	2015	4.798
Universo do Livro	Físico	2007	8.951

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

\* As duas lojas do Amigos do Livro mantêm uma página conjunta na Estante Virtual.

\*\* Durante a aplicação do formulário, a Livraria Feirão do Livro informou que realiza venda pela Estante Virtual, mas não conseguimos encontrar a página do sebo no site.

\*\*\* A Livraria Opção Cultural tem duas páginas na Estante Virtual. Optamos apresentar no Quadro o ano da página mais antiga e a soma da quantidade de livros de ambas as páginas. A segunda página foi criada em 2016.

Entre os sebos goianienses que vendem na Estante Virtual, a Hocus Pocus é a livraria que disponibiliza há mais tempo itens do acervo no site. A livraria entrou em 2005, ano em que o portal foi criado. Com aproximadamente 60 mil itens, é o sebo goiano com mais livros cadastrados e o 36º de todos os 2.370 vendedores do Brasil.

Também estão na Estante Virtual desde os primeiros anos do site o Armazém do Livro (Matriz e Nova Suíça), desde 2006. Em 2007, entraram a Avalon Revistaria (que, na época, possuía loja física) e o Universo do Livro. O ano de 2008 é o que registra o maior número de novos membros, cinco sebos: o Amigos do Livro, a Opção Cultural, a Páginas Antigas, a Primus e, virtual, a Manuscritos Livraria. De 2009 a 2018, outras doze livrarias passaram a participar do portal. Foi neste período que a maioria das livrarias exclusivamente virtuais entraram no site: seis das oito existentes.

Em relação ao número de livros cadastrados no acervo, a Hocus Pocus é seguida pela Opção Cultural, com aproximadamente 42 mil itens. Com aproximadamente 27 mil itens, a terceira livraria com mais livros cadastrados é a Páginas Antigas. Em quarto lugar, a virtual Livros e Livros, com aproximadamente 26 mil itens, e, em quinto, o Armazém do Livro (matriz), com aproximadamente 19 mil itens. Se considerarmos as três lojas conjuntamente do Armazém do Livro, seriam aproximadamente 37 mil títulos, e a livraria ocuparia a terceira posição.

Deve-se destacar que os livros disponíveis na Estante Virtual de cada livraria não refletem necessariamente o real acervo de cada sebo. Nem todos os sebos cadastraram todos os itens que possuem. Durante a aplicação do formulário, os vendedores foram questionados quanto ao número aproximado de itens de seus estabelecimentos. Os valores podem ser conferidos no Quadro 10.

Quadro 10 – Número aproximado de itens dos sebos

Sebos físicos	Número aproximado de itens
Livraria Opção Cultural	300 mil itens
Espaço Cultural Vídeo	150 mil itens
Intellectus	100 mil itens de 57 mil títulos
Hocus Pocus	50 mil na sobreloja e 20 mil no térreo
Armazém do Livro (Matriz)	40-50 mil itens
Universo do Livro	40-45 mil itens
Páginas Antigas Livraria	Não soube responder (27 mil itens na EV)
Livraria Didática	25 mil itens
Livraria Feirão do Livro	25 mil itens
Amigos do Livro Livraria & Papelaria (ambas)	17 mil itens
Armazém do Livro (T-63)	12 mil itens
Bazar do Livro	Não respondeu (12 mil itens na EV)
Portal dos Livros	Não soube responder (12 mil itens na EV)
Armazém do Livro (Nova Suíça)	10 mil itens
Mercado dos Livros	10 mil itens
Oliveira's Livraria	10 mil itens
Livraria Parlenda	8 mil itens
Primus Papelaria & Livraria	8 mil itens
Animus Livraria	3.500 itens
Feira Cultural de Campinas	Não soube responder
Livrocultura	Não soube responder
Livros & Cia	Não soube responder

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

A partir do Quadro 10, podemos observar que a Livraria Opção Cultural afirma ter o maior número de itens, com o número aproximado de 300 mil. Em seguida, o Espaço Cultural Vídeo, que afirma possuir por volta de 150 mil itens. A Intellectus possui cerca de 100 mil

itens de 57 mil títulos. Em quarto lugar, a Hocus Pocus, com 50 mil itens na sobreloja e 20 mil itens no térreo (a sobreloja vende livros e a loja do térreo HQs). O quinto sebo com mais livros no acervo é o Armazém do Livro, que afirma possuir entre 40 e 50 mil itens. Alguns dos proprietários não souberam responder quantos livros possuem. Em alguns desses casos, foram acrescentadas à tabela a quantidade aproximada que possuem na Estante Virtual (EV).

### **5.1.3 Comparando com o Guia dos Sebos de Goiânia de 2005**

O Guia dos Sebos de Goiânia, elaborado por Pereira e publicado em 2005, contabilizava a existência de 32 sebos na capital. Hoje, treze anos depois, conseguimos reunir 23 sebos, nove a menos do que a pesquisa anterior. Houve uma queda, portanto, de 28% no número de estabelecimentos desta espécie, comprovando nossa hipótese. No Quadro 11 relacionamos os sebos listados por Pereira (2005), indicando a situação em que se encontram atualmente.

Quadro 11 – Situação atual dos sebos listados por Pereira (2005)

Sebos listados por Pereira (2005)	Situação atual
Amigos do Livro	Aberto
Armazém do Livro	Aberto
Bazar do Livro	Aberto
Feira Cultural de Campinas	Aberto
Feirão do Livro Usado (atual Livraria Feirão do Livro)	Aberto
Hocus Pocus	Aberto
Livraria Didática	Aberto
Livraria Opção Cultural	Aberto
Livrocultura	Aberto
Livros e Cia	Aberto
Mercado dos Livros	Aberto
Páginas Antigas Livraria	Aberto
Universo do Livro	Aberto
Avalon Revistaria	Exclusivamente virtual
Livraria e Papelaria Modelo	Passou a ser só papelaria
Alternativa Cultural	Fechado
Bazar Cultural	Fechado
Book Shop, A	Fechado
Casa dos Livros, A	Fechado
Escolar, A	Fechado
Espaço Cultural	Fechado
Feira Cultural	Fechado
Feira do Livro Usado	Fechado
Feirão do Livro	Fechado
Literart	Fechado
Livromania	Fechado
Livros e Livros	Fechado
Páginas Antigas Livraria	Fechado
Point Rock & Cia	Fechado
Preguinho	Fechado
Sherazade Mercado de Livros Usados	Fechado
Toca do Livro	Fechado

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Como observamos no Quadro 11, dos 32 sebos levantados por Pereira (2005), 13 ainda estão abertos e 17 foram fechados. Em mais dois casos, um dos sebos fechou sua loja física e passou a vender exclusivamente *online* pela Estante Virtual, e o outro não funciona mais como sebo, passando a ser papelaria. Como sebos virtuais também são sebos, pode-se constatar que, dos sebos listados em 2005, 14 ainda funcionam e 18 não. Os que não mais funcionam são, portanto, a maioria dos sebos, constituindo aproximadamente 56% do total.

Desde que o Guia foi elaborado, oito novos sebos foram abertos: as filiais na T-63 e da Praça Nova Suíça do Armazém do Livro (em 2008 e 2010, respectivamente), o Espaço Cultural Vídeo em 2008, o Portal dos Livros em 2010, a filial da T-63 da Amigos do Livro

em 2011, a Livraria Parlenda em 2012, a Oliveria's Livraria no mesmo ano, onde antes era uma das lojas da Páginas Antigas, e a Animus Livraria, em 2015. Duas outras livrarias já existiam na época em que o levantamento foi realizado, mas não foram listadas: a Intellectus, de 1978 e a Primus, de 2003.

Esta comparação evidencia a flutuação que há neste mercado. De acordo com Secchin (1997 apud DELGADO, 1999, p. 60), “o mercado de sebos tem muita rotatividade. Eles mudam de endereço, abrem e fecham muito rapidamente”. Mas a queda de quase 30% do número de sebos e o fechamento de mais de 50% dos sebos levantados por Pereira (2005) podem indicar também uma crise pela qual o mercado de livros usados esteja passando, tema que abordaremos mais adiante.

Outra questão em relação ao levantamento de Pereira (2005) são os anos em que as livrarias foram fundadas, que constam no Guia de Sebos. Durante a aplicação do formulário desta pesquisa, questionou-se também o ano de fundação. Pudemos observar, porém, que a maioria dos números difere daqueles de Pereira (2005). Em apenas três casos o ano informado pelos livreiros e o informado no Guia são os mesmos. De resto, as diferenças variam de um a nove anos. Não há maneira de dizer aqui qual ano é o mais correto. A data informada pelos livreiros está sujeita a suas memórias, os números não foram conferidos em documentos e podem também ter havido arredondamentos. Quanto ao Guia, Pereira (2005) não informa a metodologia adotada para a obtenção destas informações. Tudo isso pode ser conferido no Quadro 12, com o ano de fundação dos sebos de acordo com as duas fontes de informação.

Quadro 12 – Ano de fundação dos sebos

Sebos físicos	Ano de fundação de acordo com os livreiros	Ano de fundação de acordo com Pereira (2005)
Livraria Didática	1974	1983
Feira Cultural de Campinas	1977	1976
Intellectus	1978	Não listado
Páginas Antigas Livraria	1981	1984
Mercado dos Livros	1990	1992
Hocus Pocus	1992	1991
Livrocultura	1994	1997
Livraria Opção Cultural	1996	1996
Livros & Cia	1996	2004
Armazém do Livro (Matriz)	1999	1999
Amigos do Livro Livraria & Papelaria (Centro)	2002	2002
Universo do Livro	2002	2003
Primus Papelaria & Livraria	2003	Não listado
Armazém do Livro (T-63)	2008	Não listado
Espaço Cultural Vídeó	2008	Não listado
Armazém do Livro (Nova Suíça)	2010	Não listado
Portal dos Livros	2010	Não listado
Amigos do Livro Livraria & Papelaria (T-63)	2011	Não listado
Livraria Parlenda	2012	Não listado
Oliveira's Livraria	2012	Não listado
Animus Livraria	2015	Não listado
Bazar do Livro	Não informado	1989
Livraria Feirão do Livro	Não informado	1999

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

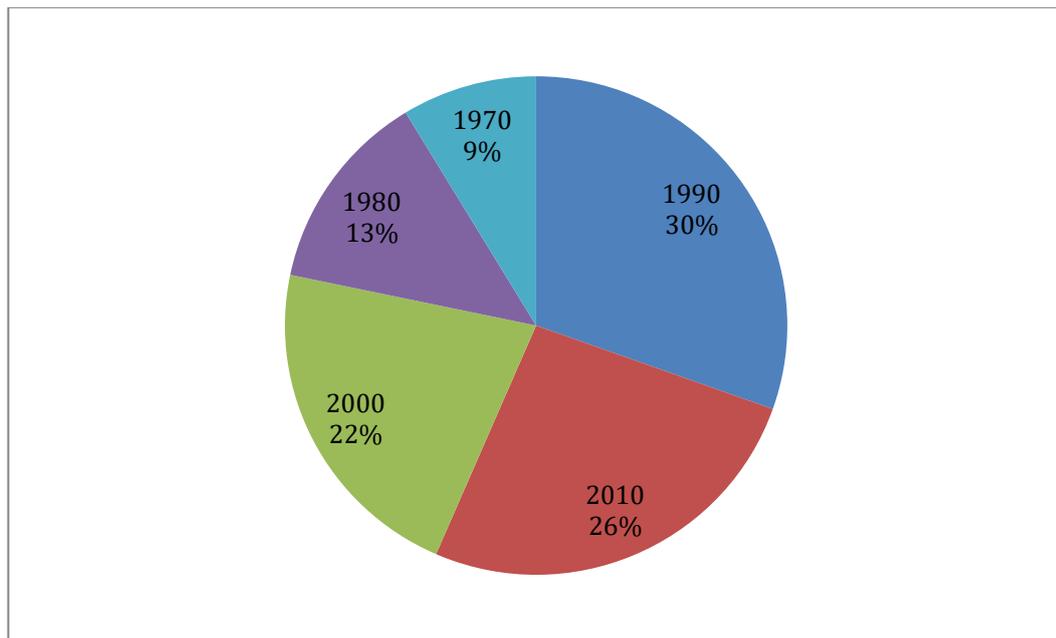
A partir do Quadro 12, é possível observar o histórico de criação dos sebos em funcionamento de Goiânia. Antes disso, um adendo deve ser feito em relação ao sebo Livraria Didática, cujo livreiro afirma que foi criada em 1974 e que seria a mais antiga em atividade, destoando da informação apresentada por Pereira (2005), que indica que o sebo foi criado em 1983.

Esta observação é relevante nesta pesquisa, pois o estudo de caso aqui realizado na Feira Cultural de Campinas se justifica por ser este considerado o sebo mais antigo em funcionamento de Goiânia. Em relação ao ano de fundação da Livraria Didática, optamos por considerar como mais próxima da realidade a informação apresentada por Pereira (2005), por ser uma fonte publicada e por mais duas razões: uma matéria jornalística que apresenta a Feira Cultural de Campinas como o sebo mais antigo (MÉNDEZ, 2016) e o relato de Dona Rose, proprietária da livraria. Questionada sobre a informação de que o proprietário da Livraria Didática afirma ter a livraria mais antiga, ela, que o conhece, afirmou que o ano informado

por ele provavelmente faz referência ao ano em que ele entrou para esse mercado. Segundo ela, ele trabalhava em outro sebo e, só na década de 1980, abriu a própria livraria.

Feito o adendo, voltemos a observar o Quadro 12. Com exceção da Livraria Didática e dos sebos cujos proprietários não informaram o ano, serão desconsiderados nessa análise os dados de Pereira (2005). Com isso, o sebo mais antigo, como já informado, é a Feira Cultural de Campinas, de 1977. Em segundo, a Intellectus, que foi criada em 1976 enquanto empresa, mas que só passou a ser sebo em 1978. Dos anos 1980 temos ainda em funcionamento a Páginas Antigas Livraria, a Livraria Didática e o Bazar do Livro. Dos anos 1990, sete sebos ainda estão ativos. Na década de 2000, mais cinco sebos, e, entre 2010 e 2015, seis sebos foram criados. Entre 2012 e 2018 apenas uma livraria de livros usados foi criada, o que denota um possível reflexo da crise do mercado livreiro. Observemos, no Gráfico 1, a porcentagem de sebos criados em cada década.

Gráfico 1 – Décadas em que os sebos foram criados



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

No Gráfico 1 é possível observar a porcentagem de sebos em funcionamento em relação às décadas em que foram criados. Dos 23 sebos, 30% foram fundados na década de 1990 (a maior parte, portanto), 26% na década de 2010, 22% nos anos 2000, 13% na década de 1980 e 9% na década de 1970.

#### 5.1.4 O que vendem

Abordando a seleção de materiais praticada pelos sebistas, Almeida (2013, p. 48) afirma que uma das principais características dos sebos e de seu critério de seleção é a presença de livros usados, manuseados e esgotados, e é justamente essa presença que identifica tais livrarias como sebos. Mas os sebos nem sempre se limitam à venda destes materiais. Segundo o autor, “alguns sebos incorporaram outros objetos de informações com armazenamento de texto, som e filmes, em mídias como CDs, vinil etc., objetos de segunda mão que passam a compor o seu acervo e tornam-se, portanto, passíveis de procedimento de seleção, pelo sebista”.

No formulário aplicado procuramos descobrir quais são os objetos vendidos nestas livrarias. Os livros usados estão, evidentemente, presentes em todos os sebos. É, afinal, o que diferencia os sebos das livrarias tradicionais. Os livros novos, por outro lado, não são obrigatórios em sebos, mas estão presentes em quase todas as livrarias levantadas. Além dos livros, outros materiais podem ser encontrados à venda nestes estabelecimentos, como HQs, revistas, jornais, CDs, discos de vinil, Fitas K7, DVDs, Blu-rays, Fitas VHS, além de artigos de papelarias e outras variedades. No Quadro 13 identificamos com um “X” quais sebos comercializam cada um destes materiais.

Quadro 13 – Materiais à venda nos sebos

	Livros usados	Livros novos	HQs	Discos de vinil	CDs	DVDs	Artigos de papelaria	Revistas	Variedades	Blu-rays	Jornais	Fitas VHS	Fitas K7
Espaço Cultural Vídeo	X		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
Armazém do Livro (Matriz)	X	X	X	X	X	X			X	X			
Hocus Pocus	X	X	X	X	X	X			X				
Páginas Antigas Livraria	X	X	X	X	X	X				X			
Armazém do Livro (T-63)	X	X	X	X		X			X				
Livraria Opção Cultural	X	X	X	X	X	X							
Mercado dos Livros	X	X	X				X	X			X		
Portal dos Livros	X	X	X		X	X		X					
Livrocultura	X	X	X		X			X					
Universo do Livro	X	X	X				X	X					
Amigos do Livro (Centro)	X	X	X				X						
Amigos do Livro (T-63)	X	X	X				X						
Feira Cultural de Campinas	X		X	X				X					
Livraria Parlenda	X	X	X					X					
Primus Papelaria & Livraria	X	X	X				X						
Armazém do Livro (Nova Suíça)	X	X					X						
Livraria Feirão do Livro	X	X					X						
Livros & Cia	X	X	X										
Oliveira's Livraria	X	X		X									
Animus Livraria	X	X											
Bazar do Livro	X	X											
Intellectus	X	X											
Livraria Didática	X	X											

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

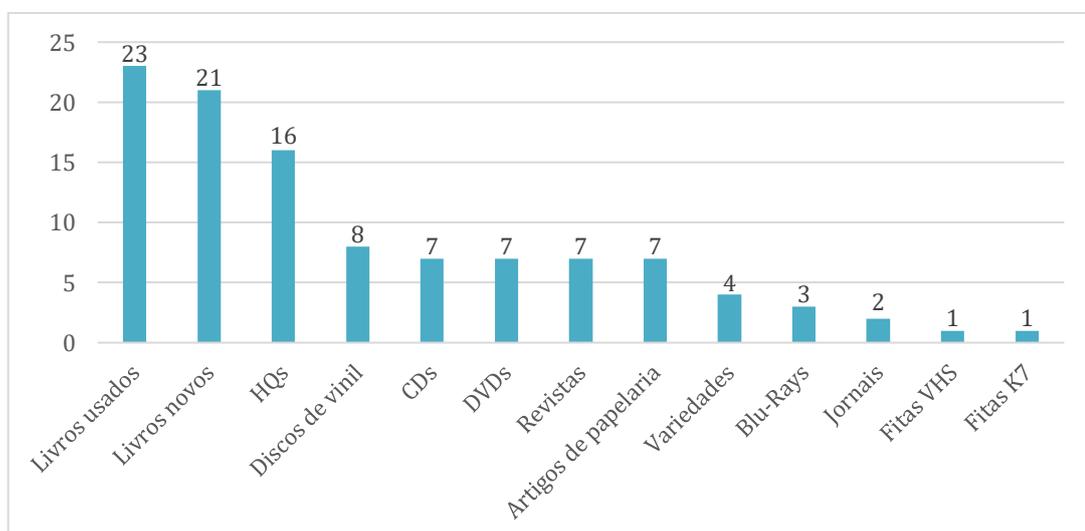
A partir do Quadro 13, é possível afirmar que o sebo que possui maior diversidade nos tipos de itens que comercializa é o Espaço Cultural Vídeo. De todas as 13 categorias observadas, a livraria só não vende livros novos nem itens de papelaria. É interessante realizar aqui uma breve descrição desta loja. A livraria ocupa um grande espaço, um galpão repleto de corredores com materiais de todos os tipos. Lá, é possível comprar e trocar livros, HQs, revistas, jornais, além de materiais audiovisuais em todos os formatos (de discos de vinil a CDs, de fitas VHS a Blu-rays). Pelo que o pesquisador pôde observar, este é o sebo que mais se assemelha ao sebo idealizado por alguns: os materiais se encontram bastante empoeirados e, ainda que os tipos de materiais estejam relativamente separados uns dos outros, há uma aparência de caos no estabelecimento. É, por isso, um ambiente muito propício para a prática da garimpagem. Os livros não estão organizados em nenhuma ordem alfabética, mas estão

mais ou menos categorizados por gêneros. As revistas estão separadas em pilhas por nome, também sem ordem. A separação mais clara que há se dá entre os DVDs que são filmes, os que são seriados, e os que são pornográficos. O proprietário aceita de tudo para troca, sem distinção de gênero, exceto livros didáticos. O sistema não é informatizado e não há um catálogo listando os itens à venda. O sebo também não realiza venda virtual na Estante Virtual, mas alguns itens estão à venda no Mercado Livre. Em geral, os livros não têm o preço inscrito, e o cliente deve levar o item de interesse ao balcão, onde o proprietário irá pesquisar na internet preços do mesmo na Estante Virtual ou em outros sites e, com base neles, informar um valor. O acervo, de acordo com o proprietário, tem por volta de 150 mil itens.

Voltando ao Quadro 13, a segunda livraria com maior diversidade de materiais à venda por tipo é a matriz do Armazém do Livro, que comercializa oito das 13 categorias. Em terceiro lugar, empatadas, a Hocus Pocus e a Páginas Antigas, com sete das categorias. Vendem seis dos itens o Armazém do Livro da T-63, a Opção Cultural, o Mercado dos Livros e o Portal dos Livros. Apenas quatro dos sebos vendem apenas livros usados e novos: a Animus Livraria, o Bazar do Livro, a Intellectus, e a Livraria Didática.

No Gráfico 2 é possível observar os materiais mais vendidos nos sebos. As 23 livrarias, é evidente, vendem livros usados. 21 delas vendem livros novos. 16 comercializam HQs. Oito vendem discos de vinil. Sete distintas vendem CDs, DVDs, revistas e artigos de papelaria. Quatro vendem variedades (quadrinhos, camisetas, itens de decoração, etc.). Três comercializam Blu-rays. Dois vendem jornais usados (o Mercado dos Livros vende jornais por quilo). Apenas uma comercializa fitas VHS e K7.

Gráfico 2 – Número de livrarias que comercializam cada tipo de material



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Como vimos, sete dos sebos vendem artigos de papelaria. Três dos sebos inclusive têm em seus nomes as palavras “livraria” e “papelaria”. Como um público importante dos sebos são os estudantes ou pais de estudantes que compram livros didáticos ou literários indicados nas escolas, é comum que sebos vendam materiais de papelaria, como cadernos, fichários, mochilas, estojos, canetas, papéis e outros do gênero, de modo a manter o comércio mais rentável.

Quanto à venda de itens variados que não se relacionam a materiais bibliográficos ou audiovisuais, como placas decorativas, camisetas, chaveiros, etc., quatro sebos comercializam este tipo de produto. Se incluirmos neste gênero os artigos de papelaria, o número passa a ser de onze livrarias. Assim sendo, é possível realizar um paralelo histórico com as livrarias e sebos dos primeiros séculos do comércio livreiro nacional. Delgado (1999, p. 37) relata que a comercialização de livros ligada a de outros artigos é comum no século XIX. O editor e tipógrafo carioca Paula Brito, por volta de 1840, vendia chás em sua livraria. Na mesma época, Baptiste Louis Garnier também vendia “desde artigos de papelaria, guarda-chuvas, chapéus de sol, bengalas, charutos, até pílulas e unguentos”. Em Salvador, Manuel Antônio da Silva Serva, editor e dono de uma tipografia, “vendia livros juntamente com móveis, lustres, vidros de Boêmia e ‘rapé da fábrica boa’, como anunciava”, conforme Moraes (1960, p. 40 apud DELGADO, 1999, p. 34). O autor explica que em algumas cidades brasileiras, na época, “os compradores não eram suficientemente numerosos para sustentarem um negócio só de livros”. Do mesmo modo, hoje em dia, é possível observar que para algumas livrarias o comércio de livros e outros materiais bibliográficos ou audiovisuais não é suficiente para a manutenção do comércio. Durante a aplicação do formulário, um dos livreiros afirmou que, não fosse pela venda de itens variados, sua livraria já teria fechado. Abordaremos o assunto mais adiante.

### **5.1.5 Outras características e observações**

Neste tópico, destacaremos algumas das características dos sebos obtidas durante a aplicação dos formulários.

Em relação ao horário de funcionamento destas livrarias, a maioria abre de segunda a sexta das 8h às 18h e aos sábados das 8h às 13h, que é o horário comercial. Em certos casos há algumas diferenças. Aos sábados, a Amigos do Livro (Centro) e a Intellectus funcionam só até meio-dia. A Animus Livraria vai até as 19h de segunda a sexta. A sobreloja da Hocus

Pocus abre às 9h e o térreo às 10h de segunda a sábado, fechando no horário normal. Nestes dias, a Feira Cultural de Campinas abre às 9h30. O Portal dos Livros abre às 9h e fecha mais cedo que o comum, às 17h de segunda a sexta e 12h aos sábados. O sebo que fica aberto por mais tempo é o Espaço Cultural Vídeo, que abre todos os dias às 7h e fecha às 19h de segunda a sexta e 15h aos sábados. Os sebos Animus Livraria e Livraria Parlenda estão sujeitos à disponibilidade das atendentes, que, por falta de outros funcionários, podem ter que fechar a livraria para atender a algum compromisso pessoal.

Quanto às formas de pagamento, todos, com exceção da Feira Cultural de Campinas e o Mercado dos Livros, aceitam pagamento em cartão de crédito e débito. Em relação à compra e troca de itens pelo sebo, todos, excetuando a Hocus Pocus e o Mercado dos Livros, realizam estas duas operações. No caso destes dois sebos, eles só admitem a troca de livros.

A maioria dos sebos mostra ter aderido às redes sociais para a divulgação do negócio. Quinze das livrarias têm perfis nas redes sociais e oito não possuem. O sebo que mais investiu neste quesito é a Hocus Pocus, que tem páginas no Facebook (uma para a sobreloja e outra para o térreo), Instagram (idem), Twitter e Tumblr. Sete sebos têm perfil no Facebook e no Instagram, seis têm perfil somente no Facebook e uma tem perfil somente no Instagram. Quanto a sites próprios, oito livrarias os possuem, sendo que duas delas realizam venda virtual pelo endereço eletrônico: a Intellectus e a Livraria Parlenda.

O termo “sebo”, como abordamos anteriormente, não é consenso no mercado de livros usados. Conforme Matos (2014), alguns livreiros acham que o termo é motivo de depreciação, e que a palavra possui uma carga pejorativa. Afinal, como destaca Delgado (1999, p. 51), sebosidade é entendida popularmente como “sujeira”, “porcaria” e sebososo é aquele “sem higiene, porcalhão”. No formulário que aplicamos na pesquisa infelizmente não questionamos aos livreiros o que eles pensam da palavra, mas cabe ressaltar que, durante a aplicação, o vendedor da livraria Portal dos Livros destacou que não gosta do termo “sebo”, que considera antiquado e pejorativo. Ele prefere que se use o termo “livraria de livros novos e usados”. Sua opinião é respeitada pelo pesquisador, mas optamos por continuar a utilizá-lo na pesquisa por ser o termo mais comumente atribuído a estas livrarias (inclusive nos trabalhos acadêmicos presentes na revisão de literatura), e vale lembrar que nem todos os livreiros consideram que o termo é ofensivo, já que até mesmo a Estante Virtual, o maior portal nacional de venda de livros usados, utiliza o termo.

Outra observação que vale destaque, referente a um sebo específico, a Hocus Pocus. Na sobreloja, todos os livros são vendidos pelo valor de R\$ 10,00, independente do título. O valor é diferente do que é vendido virtualmente pela Estante Virtual, que tem preços variados

de acordo com cada título. E há dois anos, em todo o último sábado de cada mês, o sebo realiza um feirão na calçada do estabelecimento no qual todos os livros expostos saem por R\$ 5,00 cada.

### 5.1.6 Obras raras

Como destacamos anteriormente, os sebos têm um importante papel na aquisição de obras raras. A raridade destes livros pode se dar em relação à data em que foram publicados, ao número de edição, ao número de exemplares impressos, a autógrafos, a quem pertenceram, entre outros (Rodrigues, 2006 apud AMORIM, 2013; SILVA, 2002).

Na aplicação dos formulários, perguntamos aos livreiros se eles possuíam obras que considerassem raras. Nove livreiros afirmaram que não as possuem. O restante dos sevistas afirmou possuir livros raros em quantidades variáveis. Alguns afirmaram possuir “pouca coisa”, outros “algumas coisas”, outros afirmaram apenas que “sim” e, em dois sebos, o acervo de obras raras é amplo.

Alguns dos sevistas entrevistados consideram que dizer que um livro é raro é algo subjetivo. Para eles, alguns livros podem não ser uma raridade de fato, mas que isso vai de cada um: “um livro que pode não ser raro pra você, pode ser raro pra mim”. Aqui, os livreiros dão aos livros um valor sentimental que não deve ser desconsiderado, mas que vai em desacordo com o que a literatura define como obra rara, com critérios bem definidos como os citados por Rodrigues (2006 apud AMORIM, 2013) e Silva (2002).

Na pesquisa de Almeida (2013, p. 60), o pesquisador entrevistou um sevista, identificado como Livreiro 1, que falou sobre as obras raras em sua livraria: “Com a expansão e concorrência dos sebos virtuais, o conceito de livro raro modificou-se e definiu-se a tal ponto que acabamos por abolir o setor de raridades dentro da livraria. A maior parte dos livros que você julga raro já existe às dúzias no mercado virtual”. O livreiro mostra como o advento da venda virtual de livros usados alterou o modo como eram considerados os livros raros. Pode-se inferir que, sem a garimpagem de livros nos sebos físicos e com a disponibilização de catálogos de sebos *online*, alguns livros, em consequência, perderam a raridade e foram, a certo nível, banalizados.

Alguns dos livreiros citaram exemplos de livros raros que possuem e, sem entrar no mérito de quais deles são de fato raros, citemos o que foi relatado. No Armazém do Livro da Nova Suíça, o livreiro afirmou possuir livros raros de Administração e Direito. Na livraria Amigos do Livro (Centro), foram citadas a Coleção Aero Militar, a obra “Barroco e Lírios” de

Tunga, entre outras. A Espaço Cultural Vídeo possui um livro de Juscelino Kubitschek autografado pelo presidente, e a Livraria Parlenda tem um livro autografado de Oscar Niemeyer. Na Feira Cultural de Campinas, são citados livros em latim, as primeiras edições de obras de Monteiro Lobato, e obras de Moral e Civismo dos anos 1970. A Páginas Antigas Livraria possui obras raras, mas que não estão à venda: estão expostos em um armário de vidro na livraria.

Os sebos que se destacam na venda de obras raras são o Armazém do Livro (Matriz), que possui um acervo grande com coleções completas, livros de teologia, de direito e importados, em uma sala separada do restante dos livros, e a livraria Intellectus, cujo foco é em livros jurídicos, raros, clássicos e esgotados. Além dos livros jurídicos, a livraria possui um acervo vasto de livros de sociologia, filosofia, economia, política, história, entre outros. Ambas as livrarias possuem livros que se encaixam, sem dúvidas, ao conceito de obras raras.

O acervo de livros raros da Intellectus é bastante amplo. O livro mais antigo é datado de 1557. Lá estão presentes coleções completas da historicidade brasileira, de direito, política, Brasilianas completas, a coleção completa de “Retratos do Brasil”, de “*Nuovo Digesto Italiano*”, tudo sobre Rui Barbosa, periódicos de direito desde o século XIX, entre outros. Todas as obras distribuem-se por diversas salas, de acordo com o gênero ou assunto que tratam. O acervo permanente da livraria de revistas especializadas e periódicos, obras raras, clássicas e esgotadas está disponível para consulta gratuita *in loco*. Como afirmam em seu site, “graduandos, mestrados e doutorandos encontram aqui um vasto repositório de consulta para suas teses” (INTELLECTUS, [201-], n.p.).

A livraria realiza também um trabalho de recuperação, restauração e reimpressão de livros raros (em fac-símile, isto é, edições novas que apresentam uma reprodução exata de edições originais). De acordo com o site,

os livros raros, clássicos e esgotados quando indisponíveis em mercado ou os que podem ser encontrados em sebos não estão em condições para uso, folhas amareladas, quebradiças, ácaros e outras impurezas podem ser reimpressos sob encomenda. Papel especial, encadernação luxo, gravação em dourado. O leitor recebe um livro novo em condições de uso e durabilidade superiores aos originais. A obra é produzida artesanalmente com o propósito de permitir que um número maior de pessoas estudiosas e interessadas possam ter acesso a bibliografia de difícil acesso. Originais em bom estado também são comercializados (INTELLECTUS, [201-], n.p.).

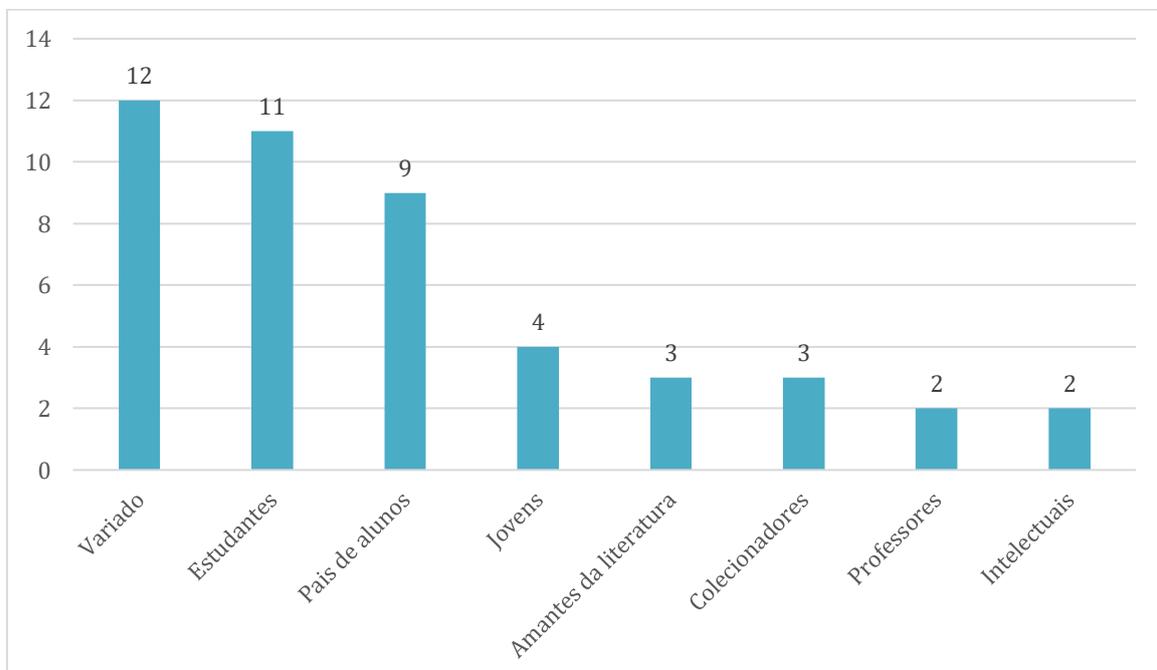
O slogan da empresa traduz o seu objetivo: “Resgatando o conhecimento, imprimindo o futuro”. Podemos afirmar que a empresa desempenha um importante papel que atribuímos

aos sebos, retomando o que afirma Oliveira (2012), de que os sebos atuam como uma fonte de preservação da cultura e a afirmação de Zilberman (2003 apud MATOS, 2014), de que essas livrarias cumprem o papel de salvar do esquecimento a literatura e garantir sua circulação. No caso da livraria Intellectus, ela não apenas comercializa obras raras em edições novas, como permite o acesso ao acervo a pesquisadores para consultas sem ganho comercial, mostrando o compromisso da livraria com o acesso à informação e preservação do conhecimento, assemelhando-se, desse modo, a uma biblioteca. O pesquisador recomenda pessoalmente que esta livraria seja visitada e divulgada pela atitude louvável que tem com os livros e com a difusão do conhecimento.

### 5.1.7 Clientes

Aos livreiros questionamos ainda “Quem costuma frequentar esse espaço?”, ou seja, como são os clientes que costumam ir aos sebos. As respostas mais relevantes podem ser observadas no Gráfico 3, de acordo com o número de vezes que os sevistas as repetiram.

Gráfico 3 – Clientes dos sebos de acordo com os vendedores



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

A partir do Gráfico 3, é possível observar que a maioria das respostas vão no sentido de que o público é geral e variado, sem distinções de idade, classe social ou ocupação. Foi a resposta dada por 12 livreiros.

Em seguida são citados 11 vezes os estudantes. Nessa categoria reunimos os termos utilizados pelos entrevistados: “estudantes”, “alunos”, “acadêmicos”, “estudantes de direito”, “estudantes de cursinho”, “vestibulandos”, e “estudantes da rede particular de ensino médio e superior”. Logo após os estudantes, nove livreiros citaram os pais de alunos, que compram livros didáticos ou literários indicados em escolas para seus filhos. Com esses dois públicos principais, é evidente aqui o papel que os sebos goianienses têm sobre a educação principalmente escolar, mas também no ensino superior. Os estudantes têm nesses espaços acesso a materiais usados e que saem mais em conta em relação a livros novos vendidos em livrarias tradicionais, promovendo um acesso maior à informação.

Os dados da pesquisa referentes à frequência de estudantes condizem com a literatura relativa aos sebos no Brasil. Conforme Silva (2002, p. 168), “os sebos são muito procurados para a aquisição de livros didáticos no início do ano letivo”. No artigo de Cavaglieri e Steindel (2009), os pesquisadores constataram que os usuários que mais frequentam os sebos são os estudantes e os aposentados. Para os autores,

O estudante continua sendo um dos principais frequentadores e consumidores, talvez pela obrigação da leitura em seus deveres ou porque está percebendo cada vez mais a necessidade de buscar conhecimento e aprimorar suas técnicas para poder competir no mercado de trabalho (CAVAGLIERI; STEINDEL, 2009, p. 60).

A relação que há entre sebos e estudantes está presente desde o início da história destas livrarias no Brasil. Da década de 1850, Antunes (2010, p. 67) cita um sebo carioca que era muito popular especialmente entre estudantes, localizado próximo ao Imperial Colégio de Pedro II. O próprio termo “sebo”, como vimos, tem, como uma de suas possíveis origens, a “sebenta”, que era a “lição ou explicação litografada, datilografada ou manuscrita, para uso de estudante” (ALMEIDA, 2013, p. 24), e “sebenteiro” era o modo como se denominava o estudante que se utilizava de sebatas para seus estudos.

Retomando ao Gráfico 3, observamos que o público jovem é citado por quatro vendedores. A proprietária da Feira Cultural de Campinas afirma que seu público é composto principalmente por jovens, segundo ela, de 40 anos para baixo. Já a sobreloja da Hocus Pocus afirma que 70% do público tem menos de 30 anos de idade.

Apenas três sebistas citam os “amantes da literatura” ou “leitores por lazer”. Três também citam os “coleccionadores” (um deles cita “coleccionadores de vinhos”). Dois citam “professores” e dois “intelectuais”. Deixamos de fora do Gráfico 3 os termos que foram

citados apenas uma vez, mas cabe registrá-los: “apreciadores de obras raras”, “antropólogos”, “historiadores”, “pesquisadores”, “escritores” e “clientes que compram para presentear”.

### 5.1.8 A crise no mercado de livros usados

Por último, questionamos aos vendedores sobre o impacto na crise do mercado livreiro em seus sebos. A pergunta realizada foi: “Tem sentido alguma queda no número de vendas ou frequência ao local nos últimos anos?”.

A resposta dada foi quase unânime: sim. Apenas um sebo, a Livraria Didática, afirmou que não, justificando que a venda e frequência são sazonais: existem meses em que são maiores e meses em que são menores. Quanto aos outros sebos levantados, a situação tem se mostrado preocupante pelo tom das respostas obtidas. Uma questão bastante apontada pelos livreiros foi a queda na venda de livros didáticos nos últimos anos. O motivo para essa queda, segundo os livreiros, é que as escolas passaram a adotar apostilas específicas que não são vendidas pelos sebos. Além disso, as editoras passaram a atuar dentro das escolas, vendendo diretamente aos pais dos alunos com descontos.

Ainda que 21 dos 22 livreiros que responderam aos formulários tenham confirmado que estejam passando por uma queda nestes números, é possível notar que os sebos não foram igualmente afetados. Alguns afirmam que a queda foi pequena, outros só afirmam que houve uma queda, e outros afirmam que a queda foi grande. Optamos por não identificar os sebos que estão em crise, para que não haja possíveis constrangimentos.

Com base em suas respostas, dois sebos mostraram que foram pouco afetados. Um deles é a Feira Cultural de Campinas, cuja proprietária afirmou que apenas a venda de livros didáticos caiu, mas que de resto está normal. Segundo ela, muitos clientes comparecem todos os dias, e ela acredita que o diferencial da livraria para manter seu público são o atendimento atencioso e as mensagens espalhadas pelo estabelecimento em cartazes.

Sete outros sebos afirmaram apenas que sim, houve uma queda de vendas e de frequência nos últimos anos. Um dos livreiros culpa a crise econômica pela qual o país tem passado, mas afirma que a frequência depende do período escolar. Outro livreiro também destaca que as vendas caem depois do período das aulas, e ele acredita que devem cair ainda mais com a adoção pelas escolas de apostilas específicas. Outros três sebastas citam a queda de venda dos livros didáticos. Para um deles, além da questão das apostilas nas escolas, pode-se citar também o aumento das vendas virtuais de livros e a ascensão dos *e-books*. Um último

livreiro cita a crise, e afirma que a 15 anos esse tipo de comércio era uma coisa completamente diferente, e na época existia uma demanda muito maior do que hoje em dia.

Os últimos doze sebos demonstraram que a queda nas vendas e na frequência foi muito grande. Os termos utilizados pelos livreiros dão conta da dimensão do problema. Alguns disseram que houve uma “queda brusca” (2 livreiros), “queda brutal” (1), e que as vendas “caíram assustadoramente” (1), “bastante” (3) ou “muito” (3). Retomando a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (2016, p. 50), o estudo já havia detectado uma queda no número de pessoas que compravam livros em sebos. Em 2011, das pessoas que afirmam ter comprado livros em algum momento da vida, 11% os fizeram em livrarias de livros usados. Em 2015, o número caiu para 8%. A partir do relato dos livreiros e levando em consideração a crise pela qual o mercado livreiro tem passado nos últimos anos, é de se supor que a queda na porcentagem se acentuaria em uma edição atualizada da pesquisa.

Um dos proprietários afirma que a queda foi brutal desde o ano passado e principalmente neste ano, tendo a possibilidade de colocar em risco a sobrevivência da loja. Para ele, apenas a venda virtual salva. Outro também cita os últimos dois anos, e afirma que esse ano foi um dos piores. Segundo ele, de 2014 a 2018 houve uma queda de 30% a 40% no número de vendas. Para outra vendedora, esse ano foi o pior dos anos, e houve uma queda de mais de 50% de vendas. Ela cita a questão da venda pelas editoras de livros didáticos e apostilas dentro das escolas. Para ela, está difícil resistir. O período de maior procura por materiais didáticos, que antes ia de dezembro a abril, hoje em dia dura apenas a metade de janeiro.

Um vendedor também afirma que caiu muito e que as perspectivas não são boas. Para ele, se o estabelecimento não vendesse produtos variados como camisetas e placas decorativas, já teriam quebrado. Outro livreiro afirma que a queda foi brusca e, para ele, está quase impossível trabalhar nesse ramo. Ele considera que a situação está horrível, e que todos estão com medo de falir. Uma proprietária afirmou que as vendas caíram bastante. Das quatro lojas que possuíam, restou apenas uma, que ainda teve seu espaço reduzido para a ocupação de outro estabelecimento. Ela afirma que continua no ramo por paixão, porque pelo dinheiro não compensa. A livreira cita a venda virtual de livros e as editoras que vendem em escolas. Essa razão também é citada por mais um proprietário.

Para um último sebilista, a situação aparenta estar péssima. Ele afirma que não está vendendo nada, e que as vendas caíram mais de 70% nos últimos quatro anos. Para ele, está difícil de continuar. Ele quer fechar as portas, mas não tem onde colocar o acervo. Chegou a

parar de passar cartão de débito e crédito porque nem mesmo o aluguel da máquina compensava.

Além dos fatores citados pelos livreiros para a queda de vendas, alguns outros podem ser aventados. Como citamos anteriormente, o presidente da ANL, Bernardo Gurbanov, elencou em julho deste ano algumas razões para o mau momento econômico pelo qual as livrarias brasileiras passam, entre elas o contexto macro de recessão, o baixo índice de leitura dos brasileiros e o crescimento do comércio eletrônico e da leitura em dispositivos digitais (LIMA, 2018). Embora Gurbanov se refira às grandes livrarias, podemos inferir que estas razões também se aplicam aos sebos.

A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2016) questionou aos entrevistados quais são os locais em que seus livros são comprados. Em 2015, 44% afirmaram comprar em livrarias físicas, e 15% em livrarias digitais. A pesquisa não pôde realizar uma comparação com a pesquisa de 2011, pois estes comércios estavam juntamente listados como “livrarias”, recebendo 65% das menções. É possível supor que a próxima edição da pesquisa trará um número maior de menções à opção de livrarias digitais, tendo em vista o fechamento de grandes livrarias físicas pelo país e o progressivo foco delas no comércio virtual. Além disso, em 2015, quando a última pesquisa foi realizada, a gigante virtual *Amazon* não completava nem um ano desde que começou a realizar operações no Brasil, e os efeitos de sua chegada ainda não eram tão sentidos pelo mercado.

Outro possível fator que pode ser citado tem relação com a localização dos sebos de Goiânia, lembrando que mais de 50% deles localizam-se no Centro da cidade. Relatamos anteriormente que as livrarias goianas, como o Bazar Oió e a Livraria Cultura Goiana, localizadas no Centro, eram ponto de encontro da intelectualidade goiana entre as décadas de 1950 e 1970. Os sebos também eram espaços onde estes encontros ocorriam. Como, de lá para cá, o Centro gradualmente passou de um bairro residencial e administrativo a ser cada vez mais um bairro comercial, pode-se inferir que as livrarias pararam de ser ponto frequente de encontro devido à distância das moradias de seus frequentadores, o que explicaria a queda na frequência destes espaços de outras décadas até os dias de hoje.

Com os dados que recolhemos, comprova-se nossa hipótese de que as perspectivas neste comércio não são nada boas. A situação tem se mostrado preocupante. Levando em consideração que o número de sebos goianienses em 2005 era de 32, de acordo com o levantamento de Pereira (2005), e que hoje, em 2018, o número passou a ser de 23 sebos, nove a menos, é de se imaginar que um levantamento a ser realizado em um futuro próximo nesta cidade observará uma queda ainda maior no número de livrarias, ainda mais levando em

conta a crise quase unânime pela qual os livreiros têm passado no último ano. O pesquisador sugere a realização de novas pesquisas que investiguem mais a fundo as razões da crise pela qual esse comércio tem passado, cuja própria existência nos próximos anos parece comprometida, e recomenda que novos levantamentos sejam realizados periodicamente para detectar tendências no mercado.

Passemos, no tópico seguinte, ao estudo de caso do sebo Feira Cultural de Campinas, para entendermos mais a fundo como é esse comércio e sua história.

## 5.2 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso da Feira Cultural de Campinas foi realizado através de uma observação simples do sebo e de uma entrevista não-estruturada com a proprietária do mesmo, Rose Mary de Camargos Lourenço, que assinou um Termo de Consentimento permitindo que as informações por ela fornecidas fossem aqui divulgadas. Estes instrumentos de pesquisa foram aplicados no dia 30 de outubro de 2018, nos horários das 10h às 13h e das 14h30 às 18h30. As observações foram anotadas em um caderno e as entrevistas foram registradas em áudio, gravadas por celular.

Algumas informações sobre o sebo já tinham sido coletadas anteriormente na etapa de aplicação dos formulários: a loja localiza-se em Campinas, na Rua Santa Luzia, Quadra 80, Lote 01, nº 622. O telefone para contato é (62) 3087-6652. O sebo não possui site, e-mail, não realiza vendas virtuais e não está em nenhuma rede social. Também não passa cartão de crédito ou débito. Funciona de segunda a sexta, das 9h30 às 18h e aos sábados das 9h30 às 13h. Lá são vendidos livros usados, revistas, HQs e discos de vinil. A proprietária não sabe estimar um número aproximado da quantidade de exemplares que possui em sua loja.

Este capítulo divide-se em dois tópicos. No primeiro, contamos a história do sebo e da vida de sua proprietária, Rose Mary, conforme relatado por ela na aplicação da entrevista. No segundo tópico, descrevemos as características e o funcionamento da livraria, tendo como base a observação realizada e a entrevista.

### 5.2.1 História

Rose Mary (Fotografia 6) nasceu em Uberlândia, Minas Gerais, em 1957. Criada pela mãe e pela avó, mudou-se para Anápolis aos quatro anos de idade, onde passou a morar com a

avó enquanto a mãe trabalhava em Goiânia. Aos onze anos mudou-se para a capital e aos doze começou a trabalhar como babá.

Fotografia 6 – Rose Mary, proprietária da Feira Cultural de Campinas



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

Rose relembra que, no dia em que o homem foi à lua, em julho de 1969, enquanto estava cuidando da criança, ouviu no rádio uma propaganda anunciando que uma lanchonete procurava uma pessoa para trabalhar no caixa do estabelecimento. No mesmo dia, no final do serviço, foi à lanchonete, informou seus dados pessoais para a vaga e foi para a escola. Estudava à noite no Instituto de Educação, onde cursava a quinta série. Algumas semanas depois, ao chegar em casa, encontrou um homem na porta de sua casa. Era o proprietário da lanchonete, Edgar Silva, que quis conversar com ela e sua mãe para obter mais informações. Foi contratada.

A lanchonete localizava-se na Rua 3, próxima à Avenida Tocantins, no Centro. A loja tinha um gerente e mais três funcionários, e Rose trabalhava no caixa. Como era uma criança ainda, conta que “passava mais tempo comendo chocolate, bombom e mascando chiclete, do que fazendo a coisa certa”. Por volta de um ano e meio trabalhando neste estabelecimento, Edgar vendeu a lanchonete e o novo proprietário demitiu todos os funcionários, inclusive Rose.

Desde então conseguiu outros empregos, como vendedora em loja de tecidos, caixa em uma barbearia famosa da época, entre outros. Nesse período, Rose conta que a Feira *Hippie* estava começando em Goiânia, e foi lá que ela se descobriu artesã. Com retalhos que conseguiu de uma tapeçaria, costurou bolsas, que levava para vender na feira. Depois, passou a trabalhar com arame e miçangas, fazendo anéis, brincos, pulseiras e colares.

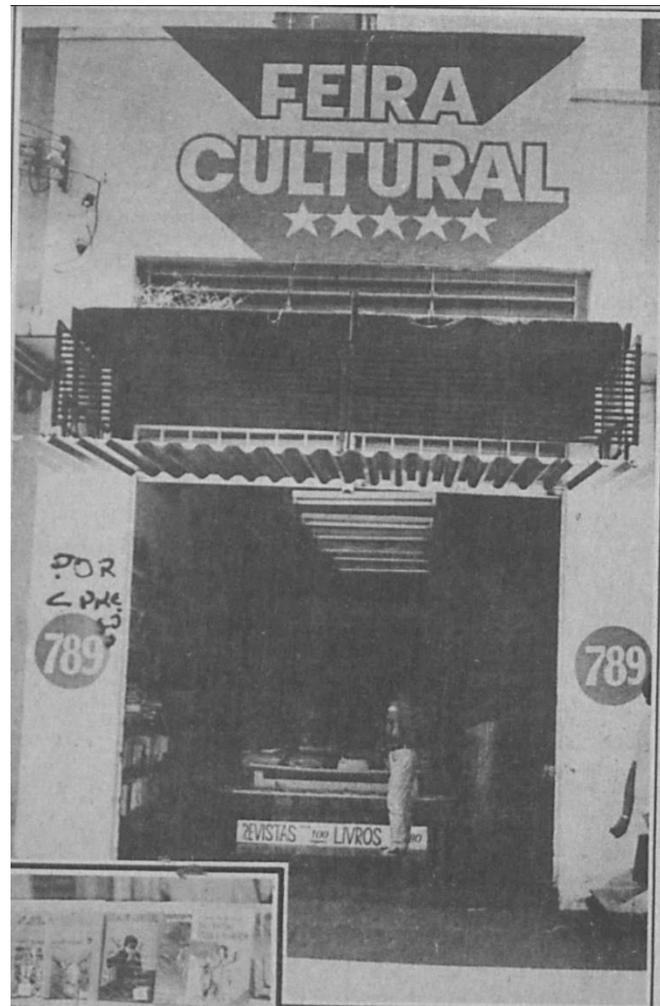
Questionada sobre sua relação com a leitura quando jovem, Rose conta que seu contato com os livros se deu primeiramente através do trabalho de sua mãe. Ela trabalhava com a família Tormin Borges, que possuíam uma biblioteca pessoal onde Rose gostava de passar seu tempo quando acompanhava a mãe no período em que estava de férias. Quanto a outras bibliotecas, ela afirma que não costumava frequentar a de sua escola, no Instituto de Educação, mas que ia às vezes à biblioteca da Praça Universitária, atualmente denominada Biblioteca Marieta Telles Machado.

Em relação às livrarias que frequentava, conta que ia a uma na Rua 4 com a Avenida Araguaia, cujo nome não se recorda, e foi lá onde, aos doze anos, comprou o primeiro livro de sua vida, um livro infantil chamado “O Castelo dos Três Pendões”, de Balthazar de Godoy Moreira, com seu primeiro salário. Lá comprava também muitos livros de José de Alencar. Conta ainda que frequentou o Bazar Oió, onde comprou seu primeiro caderno. Diz que tudo o que se lembra da livraria é que era grande e que ficava em uma esquina. Na época da Livraria Cultura Goiana já trabalhava no salão e estudava à noite, e por isso não tinha tempo de frequentá-la para comprar livros. Só passou a ter acesso à livraria quando abriu seu próprio sebo e às vezes ia até lá buscar livros a algum cliente.

Aos 17 anos decidiu sair da casa que dividia com a mãe e alugou um barracão na Rua 73. Na época, sustentava-se apenas com o artesanato que vendia na Feira *Hippie*. Sabendo que seu primeiro patrão, Edgar, tinha um sebo, pediu a ele um emprego na livraria. Foi a partir daí, no final do ano de 1975, que Rose entrou para o mercado livreiro.

O sebo de Edgar chamava-se Feira Cultural e localizava-se no Centro. Na Fotografia 7 podemos observar uma imagem encontrada em um jornal de 1982 com a livraria, no local onde hoje está a Livraria Didática.

Fotografia 7 – Sebo Feira Cultural, em 1982



Fonte: Azeredo (1982, n. p.).

Em 1977, Rose casou-se com Joaquim Lourenço, amigo de Edgar que frequentava a Feira Cultural. Ela relata que, quando se casaram, Edgar sugeriu a Joaquim, que era agrimensor, que vendesse seu Fusca e que ele ajudaria o casal a montar uma livraria “pra Rose”. Joaquim vendeu o carro e montaram a livraria em Campinas em março, um mês após se casarem. Parte do material (livros, mesa e prateleiras) foi comprado de uma livraria que tinha sido fechada em razão da prisão de sua dona, acusada de assassinato. É nesse ponto que se inicia a história da Feira Cultural de Campinas, onde Rose trabalha até hoje, depois de 41 anos.

Questionada sobre como era o comércio de livros usados em Goiânia na época, Rose conta que era um mercado pequeno. Além de sua livraria havia em Campinas uma pequena na Rua José Hermano e a que citamos no parágrafo anterior, na Rua P-25. No Centro havia a

Feira Cultural de Edgar e a homônima do pai de Edgar, Seu João, na Avenida Goiás. Em 1977, portanto, a cidade contava com cinco sebos, de acordo com Rose.

Na época, segundo ela, a demanda por livros usados era grande, principalmente pelos livros didáticos que demoravam muitos anos para serem atualizados e circulavam por mais tempo. Hoje em dia, livros didáticos têm edições novas quase todos os anos e as edições anteriores são inutilizadas. Rose conta que quando as editoras passaram a lançar edições novas de três em três anos,

as livrarias do Centro, pra ganhar dinheiro, se adequaram a essa história de trabalhar com novo e usado. O novo vende e o usado troca. Só que eu não, eu fiquei na minha, eu vou trabalhar com usado até onde der [...]. Hoje em dia já não dá mais [para trabalhar com didáticos], porque você não consegue vender (informação verbal).

Pouco depois de ter aberto o sebo, Rose teve um filho, Guilherme. Quando ele completou sete anos, seu marido abriu a livraria Páginas Antigas, que ficava na rua Benjamin Constant, em Campinas. Na época, o comércio na região era pequeno, e o local do sebo não era muito propício. Um jovem funcionário da livraria, segundo Rose, era o atual dono da Livraria Opção Cultural, Lúcio. Ele também trabalhou na Feira Cultural de Campinas. Rose gosta de mostrar que até hoje, embaixo de seu balcão de atendimento, é possível sentir a cola seca dos livros que ele encadernava quando criança. Os excessos de cola que ficavam nos dedos eram passados sob o balcão.

Rose conta que, quando a Feira Cultural de Campinas foi aberta, Edgar e seu marido fizeram um pacto: “Enquanto eu tiver uma livraria aqui, Joaquim, você não abre uma nova livraria no Centro, [e] a partir do momento que eu não tiver ou eu vender, você abre onde você quiser”. Ela diz que na época as pessoas não “incomodavam” as outras, não abriam o comércio muito perto para não haver muita concorrência. Depois de alguns anos, Edgar vendeu sua livraria para Juary, que depois de alguns anos mudou o nome do sebo para Livraria Didática, ainda em funcionamento. Acabado o pacto, portanto, Joaquim decidiu mudar a Páginas Antigas para seu local atual no Centro, onde seu sebo tinha melhores chances de prosperar.

As melhores obras e coleções à venda na Feira Cultural de Campinas foram sendo guardadas e depois passaram para a Páginas Antigas. Naquela época, conta Rose, era comum que os livreiros fossem às casas das pessoas para comprar livros aos finais de semana ou feriados. Quando a livraria abriu, Lúcio e seus irmãos trabalhavam na loja. “Era a família inteira dele [que] ajudava ali, eram crianças, o Lúcio estudava à noite, a turma que estudava

de manhã chegava da escola, almoçava e [...] já ficava lá pra limpar uma prateleira, colar um livro, colocar [...] na prateleira, bater um carimbo”, etc. “Todo mundo hoje é livreiro”, diz Rose.

Nos primeiros anos da Páginas Antigas, Rose trabalhava nas duas livrarias. Na época, ainda tinha uma funcionária na Feira Cultural de Campinas e Rose “ficava meio período lá, ou então ia todos os dias à noite colocar preço e saber em qual prateleira que ficava a coisa que eles não conheciam”. Referindo-se a Lúcio e aos livros da outra livraria, Rose relata:

O que chegava de diferente que ele não conhecia ele me ligava “Rose, pode comprar isso, pode trocar?”, o que ele não conhecia ficava esperando eu chegar pra mim orientar “ó, o preço é esse”. E era preço de memória, eu [...] não pesquisava, naquela época não tinha internet igual hoje tem. [...] Eu olhava pro livro e falava assim: “o livro é tal e vai ficar em tal lugar e o preço é assim” (informação verbal).

É interessante observar como os atuais proprietários dos sebos da cidade têm relação uns com os outros, às vezes de parentesco, como relata Rose. O proprietário da Opção Cultural, Lúcio, como já falamos, trabalhou desde jovem com Rose e seu marido em suas livrarias, tendo trabalhado também no sebo Bazar do Livro. Seus irmãos também possuem livrarias em Goiânia e Brasília. A dona da Livrocultura é prima de Joaquim Lourenço, marido de Rose. O proprietário do Armazém do Livro também é seu cunhado.

Observando os livros mais antigos do sebo, é possível notar certos elementos que fazem referência a outras livrarias goianas, inclusive à própria Feira Cultural de Campinas, principalmente através dos carimbos presentes nas primeiras páginas. A livraria ainda tem livros que vieram da livraria de Edgar, de quando Rose trabalhava lá. Em alguns deles, Rose escreveu na primeira página “Na loja desde 1976” em referência à outra loja, tendo em vista que sua livraria é de 1977. Muitos desses livros, Rose não os deixa à venda porque gosta de guardá-los como “reliquias”, isto é, são livros aos quais ela atribui valor afetivo. Em outros dois livros, encontramos carimbos das extintas livrarias Bazar Oió e da Livraria e Editora Cultura Goiana (Figura 1).

Figura 1 – Carimbos de outras livrarias



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Estes aspectos vão de encontro ao que Silva (2002, p. 171) destacou ao argumentar que os sebos contribuem ao campo das práticas de leitura, pois os livros lá encontrados “são testemunhas das mudanças ocorridas durante sua passagem através do tempo e do espaço, dos leitores e das diversas épocas e os diversos lugares nas suas mais variadas concepções”. Neste caso, os livros possuem marcas que remetem à história do mercado livreiro de Goiânia.

A própria Feira Cultural de Campinas no decorrer dos anos foi alterando seu carimbo, como pode ser observado na Figura 2. Nos dois primeiros carimbos da imagem, os mais antigos, o nome do sebo aparece juntamente ao da Páginas Antigas. Do terceiro carimbo em diante, apenas o nome da livraria de Rose está presente. O último carimbo, mais recente, feito por volta de 2010, não possui desenho. O desenho da menina lendo um livro é ainda hoje o símbolo da Páginas Antigas. Rose conta que o desenho “foi tirado de uma revista Cláudia, quando meu marido fez a primeira impressão do carimbo. [Antes] nós não tínhamos carimbo, a gente só colocava o preço. Aí ele tirou esse daí de uma revista Cláudia, dos anos 70”.

Figura 2 – Carimbos da Feira Cultural de Campinas



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Os sebos são ambientes onde se guarda história, tradição e memória (AMORIM, 2013) através de seus livros e seus sujeitos, e andar pelos corredores de um sebo é contemplar o passado junto ao presente (LIMA, 2012 apud AMORIM, 2013). Com base na memória de Rose, pudemos perpassar por sua história de vida e pela história de seu sebo, abordando ainda a história de outras livrarias da cidade. Alguns destes aspectos também puderam ser analisados a partir do que foi encontrado nos materiais à venda no espaço. Passemos, adiante, ao que pôde ser observado no sebo atualmente.

### 5.2.2 Funcionamento e características da livraria

O sebo encontra-se em meio a uma rua repleta de lojas de tecidos, destoando do comércio típico de Campinas. Nesta rua, da quadra anterior ao sebo até a posterior, são quase

trinta lojas têxteis ou de malhas. Na fachada, uma pintura vermelha antiga, desbotada. Na parede anunciam que compram, vendem e trocam livros, revistas e gibis usados. Da rua já é possível ver que o espaço é diferente do comum. No poste em frente ao estabelecimento, encontramos várias mensagens coladas, escritas por Rose e com flores pintadas por ela. Na parede, desgastada pelo tempo, uma mensagem com a frase “O novo está nos olhos de quem vê, ou transforma quem observa”. Podemos observar estes elementos na Fotografia 8.

Fotografia 8 – Fachada da Feira Cultural de Campinas



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

O estabelecimento é composto por uma sala onde estão expostos os livros e um cubículo que serve de depósito de livros didáticos. Os livros estão dispostos nas quatro paredes em doze prateleiras que vão do chão ao teto. Atrás dos livros expostos nessas prateleiras existem mais duas fileiras de livros escondidos por falta de espaço. Além disso, uma ilha no centro do sebo com livros deitados à venda. A ilha serve de armário: abaixo dos livros encontram-se várias revistas antigas. Há também um balcão de atendimento com mais livros expostos, e outro balcão com cestas de livros em promoção, revistas e gibis.

O que chama a atenção de quem entra ou passa pela frente é a decoração da loja. Pelas estantes e balcões estão inúmeras frases ou poesias que Rose colecionou de suas leituras, com flores pintadas por ela. Na ilha central e balcão, alguns livros antigos foram modificados com pinturas ou colagens, com mais frases inspiradoras. Dois sapatos expostos no balcão, com a frase “Poesia não compra sapato. Mas como andar sem poesia?”. Também no balcão de atendimento e na parede logo atrás dele, fotografias de Rose com sua família, amigos e clientes. O ventilador de teto, que não mais funciona, também sofreu modificações: dele sai uma espécie de móbile, com imagens, frases, fotografias e objetos diversos pendurados por fios. Em outro balcão, as cestas de livros foram pintadas, e uma mala antiga serve para a exposição de livros. Na parede interna acima da porta de entrada, estão coladas figuras de diversas personalidades, entre cantores e atores. Por todo o dia que o pesquisador esteve lá, diversas pessoas passaram pela loja e pediram para tirar fotos. A decoração é muito elogiada e perguntam se foi a Rose quem fez tudo. As Fotografias 9 e 10 mostram o ambiente interno.

Fotografia 9 – Área interna da Feira Cultural de Campinas



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

### Fotografia 10 – Área interna da Feira Cultural de Campinas



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

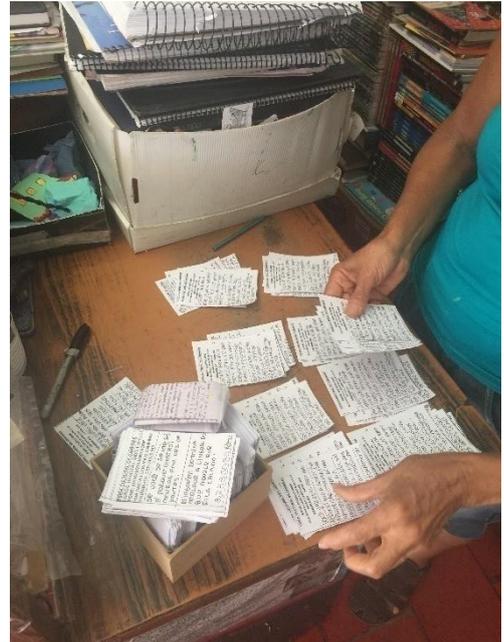
Na entrada há uma caixinha onde as pessoas podem retirar mensagens soltas para que levem consigo (Fotografia 11). Rose as escreve à mão, faz várias cópias e as corta em pequenos papéis (Fotografia 12). As mensagens mudam quase todos os dias. Estes papéis, além das mensagens, servem como cartões de contato da loja, contendo informações como endereço e número de telefone. Dois exemplos podem ser vistos na Figura 3. As mensagens são populares, clientes e não clientes gostam de colecioná-las. Um homem que não aparentava ser cliente, mas alguém da região perguntou de fora da loja se “tem mensagem nova hoje?”. Com a resposta afirmativa, pegou uma, agradeceu e foi embora.

Fotografia 12 – Rose corta mensagens

Fotografia 11 – Caixa de mensagens



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

Figura 3 – Exemplos de mensagens diárias

<p><b>FEIRA CULTURAL DE CAMPINAS</b></p> <p><b>ROSE: (62)3233-5080</b></p> <p><b>RUA SANTA LUZIA Nº622 Q.80 LT.01</b></p> <p><b>SETOR CAMPINAS</b></p> <p><b>GOIANIA-GO 74070-160</b></p> <hr/> <p><u>VOCÊ FAZ SUAS ESCOLHAS.</u></p> <p>APRENDI QUE A GENTE PODE APROVEITAR MELHOR CADA MOMENTO, QUANDO DÁ UM PASSO DE CADA VEZ.</p> <p>PEQUENAS CONCESSÕES SÃO PARTE DO DIA-A-DIA, MAS GRANDES CONCESSÕES SÃO</p> <p>ESCUTAR É FUNDAMENTAL</p>	<p><b>FEIRA CULTURAL DE CAMPINA!</b></p> <p>Rose Mary do Camargos Lourenço</p> <p>Livros, Coleções, Revistas, Gibis, Discos e Cd's Usado</p> <p><b>FONE: 0623   233-5080</b></p> <p>Rua Santa Luzia nº 622 - Qd. 80 Lt. 01 - Setor Campinas</p> <p>Goiania - Goiás - CEP 74525-040</p> <hr/> <p>QUEM RECONHECE A IGNORANCIA, COMEÇA A SER SÁBIO -</p> <hr/> <p>A VAIDADE CRIA UM MURO EM VEZ DE PONTES, ENTRE AS PESSOAS.</p> <hr/> <p>SE PODES OLHAR - VÊ, SE PODES VER - REPARA</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Este não é o único cartão de visita que a vendedora oferece aos seus clientes. A qualquer um que compre algo ou peça informações sobre algum livro ou sobre a livraria, Rose entrega alguma pintura que ela mesma fez sobre materiais reciclados como pedaços de azulejo, telha ou pedras. Normalmente as pinturas são de casas ou flores. Ela escreve na hora o número de telefone do sebo na lateral, às vezes com alguma mensagem como “Quem lê, viaja”. Em seguida, molda em um arame uma base para que a obra possa ficar em pé e vire um elemento decorativo na casa de quem os ganhar. O pesquisador pôde observar que todos os clientes que ganharam estes cartões inusitados demonstraram uma grata surpresa. Uma senhora, agradecendo, disse que ia colocar a peça em um lugar de destaque e que achou a vendedora muito carinhosa. Na Fotografia 13, observamos o momento em que uma cliente escolhe um dentre os “cartões” pintados por Rose, e na Fotografia 14, Rose, com sua caneta na mão, momentos após escrever o número de telefone e pouco antes de moldar a base de arame.

Fotografia 13 – Cliente escolhe pintura



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

Fotografia 14 – Rose elabora cartão de visita



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

Durante a aplicação do formulário, quando o pesquisador questionou a Rose se a livraria observou uma queda no número de vendas e frequência nos últimos anos, ela afirmou

que, ainda que a venda de livros didáticos tenha caído, de resto as vendas se mantiveram normais e que alguns clientes a visitam quase todos os dias. Para ela, o sebo não foi tão afetado porque seu diferencial é o atendimento e as mensagens espalhadas pelo estabelecimento.

O pesquisador pôde observar que Rose de fato mostrou-se muito atenciosa e prestativa a todos os clientes que por lá passaram no período. Além da gentileza de dar a eles suas pinturas e de conversar amigavelmente, em todos os casos que os clientes perguntaram se ela tinha disponível algum livro que ela não possuía, ou quando os visitantes ofereciam livros para troca ou venda que Rose não tinha interesse, a vendedora ligava para outros sebos para lhes perguntar se eles possuíam o livro ou se tinham interesse em adquirir outros títulos. Quando as respostas são afirmativas, Rose dá ao cliente a opção de buscar em seu próprio sebo o livro da outra livraria no dia seguinte. Ou ela mesma realiza trocas em sua livraria quando outro sebo demonstra interesse. Este modo de atender aparenta ser uma prática de longa data em seu sebo. Em uma matéria de jornal de 1982 que tratava dos sebos de Goiânia, a livraria já dizia que “o que se deve fazer é ‘procurar sempre’” (AZEREDO, 1982, n.p.).

Na maioria das vezes, Rose liga para a Páginas Antigas, cujo proprietário, Joaquim Lourenço, é seu marido. Desse modo, se algum cliente quer um livro que não está disponível na Feira Cultural de Campinas, mas está disponível na Páginas Antigas, Joaquim leva o livro para casa e o entrega a Rose, que leva à sua livraria no dia seguinte. Como a Páginas Antigas localiza-se na Rua 4, onde há a maior concentração de sebos, caso outras livrarias próximas possuam algum livro que um cliente de Rose deseje, eles entregam o livro ao proprietário da Páginas Antigas, que realiza a mesma operação.

Questionada sobre seu modo de trabalhar, Rose explica:

Quando eu não tenho [um livro], eu trabalho nesse sistema, é meu jeito de trabalhar, né. Foi herança do meu patrão Edgar, que disse “se você não tem...”, você pode buscar na outra empresa e vender na sua, mas se o cliente quiser buscar lá também ele busca [...]. Aqui ele volta na loja, ele tem um atendimento que você se preocupou com ele e leva o meu cartão [...]. Mas se ele vai para a loja do outro também, se ele quiser buscar lá, vai levar o meu cartão do mesmo jeito com a pedrinha para ele lembrar de mim, ele pode voltar e sempre achar o livro lá, mas ele vai lembrar de mim. Então se eu não tenho a mercadoria, eu consigo para o cliente [...]. Tem pessoas que acham errado o que eu faço. Falam que eu estou mandando cliente para o outro. Não é. Assim, do meu modo de pensar, eu estou conquistando o cliente, querendo ajudá-lo. Se ele quiser buscar lá ele vai, o endereço está aí, ele pode pegar na internet, pegar todos os sebos, mas se ele veio até aqui, é porque ele me escolheu. Então eu tenho que tratar ele bem, eu tenho que conseguir as coisas para ele. E não é que eu ganho nada da outra loja [...]. Aí o povo fala assim: “mas tem que ganhar comissão em cima disso”, não, não

tenho, eu tenho é que cativar o cliente. Porque se a gente não manter o cliente, o que que vai ser de nós? (informação verbal)

Rose evidencia sua dedicação aos seus clientes quando fala que “tenho que tratar ele bem, eu tenho que conseguir as coisas pra ele” e que “do meu modo de pensar, eu estou conquistando o cliente, querendo ajudá-lo”. Para ela, mesmo que ela não tenha um lucro imediato ao não vender um livro de sua livraria a algum comprador, com sua atitude prestativa ela acredita cativar o cliente, que vai sair de sua loja com seu cartão, sua “pedrinha” para que ela seja lembrada. Ao mesmo tempo em que age assim, Rose contribui com as outras livrarias da cidade, possibilitando que eles realizem vendas a novos compradores e fomentando, portanto, o comércio de livros usados em Goiânia.

No estudo de Delgado (1999), a pesquisadora realizou entrevistas a vendedores de sebos da cidade de Belo Horizonte, e alguns paralelos podem ser estabelecidos entre o atendimento de alguns destes sebitas ao de Rose. Um deles, Pedro Uildon, segue como regra, segundo a pesquisadora, o “princípio da máxima atenção ao cliente”. De acordo com o livreiro, “o cliente chega aqui com uma lista de cinco livros, se eu não tiver nenhum, eu anoto o pedido e faço questão de conseguir pelo menos três. Então, quando eu acho eu ligo para ele, e ele fica muito satisfeito” (UILDON apud DELGADO, 1999, p. 105). Outra livreira, Ângela Maria Vaz Leão crê que sua formação de terapeuta ocupacional é o que distingue seu atendimento ao dos demais sebitas do mercado: “eu não olho o cliente de um jeito comercial, eu olho o ser humano que está ali, o que aquele ser humano está buscando, então eu acho que o meu atendimento é de mais qualidade” (LEÃO apud DELGADO, 1999, p. 106). As características de atendimento dos dois livreiros assemelham-se às de Rose, que busca em outras livrarias o que seus clientes desejam e preocupa-se em cativá-los mais do que em obter lucros imediatos.

E quem é o público que frequenta seu espaço? Quem são seus clientes mais comuns? Rose afirma que, fora os estudantes ou pais de estudantes que procuram livros literários para a escola, frequentam o espaço professores, acadêmicos, estudantes de direito, clientes assíduos na área evangélica, clientela de livros infantis, clientes que gostam da sessão de promoção, entre outros. Segundo ela, seu público é composto principalmente por jovens, que ela define como de 40 anos de idade para baixo. No passado escritores goianos frequentavam o local, mas hoje não frequentam mais. Esse público, segundo ela, “hoje em dia frequenta mais as livrarias do Centro, porque lá virou o *point* de livrarias, então eles vão pra lá mesmo. E assim, era comum no sábado, como não tinha lá no Centro, vir em Campinas. Então vinham aqui”.

Entre os escritores, Rose cita Antônio José de Moura, Helvécio Goulart e José Brás Coelho. Miguel Jorge ela afirma que não frequentava, mas que ela já comprou livros na casa dele.

Durante o espaço de um dia, o pesquisador pôde observar as pessoas que frequentaram o espaço, e ao menos 27 interações entre essas pessoas e a vendedora foram apontadas. Entre as 10h da manhã e 13h da tarde, ao menos 16 pessoas estiveram no local. As observações, escritas em um caderno, estão enumeradas a seguir:

1. Duas mulheres. Elogiam a loja e pedem para tirar fotos do local. Pegam mensagens que estão na entrada.
2. Casal de idosos. A mulher pergunta se o sebo compra revistas de moda. Com a resposta afirmativa, afirma que depois voltaria para trazê-las.
3. Homem idoso. Entra na livraria para cumprimentar e conversar um pouco. Rose afirma que ele aparece lá todos os dias.
4. Mãe e filho. Ela pergunta se a loja possui um livro literário para a escola, de Pedro Bandeira. Rose não possui o livro, mas liga para a Páginas Antigas, que tem. A vendedora avisa à cliente que o livro pode ser buscado aqui no dia seguinte.
5. Homem. Olha livros da ilha central sem pedir informações. Sai sem levar nada.
6. Casal. Homem pergunta se Rose compra livros. A vendedora não demonstrou interesse em seus livros.
7. Homem. Pergunta se Rose encontrou um livro que ele havia pedido em outro dia.
8. Mãe e filho, de 11 anos. Ela pergunta se tem o livro “O Estudante”, de Adelaide Carraro, que quer que o filho leia. A livraria tem o livro, que custa R\$ 30,00. A cliente não gosta do preço, pede desconto, não consegue, mas leva o livro. O filho, enquanto isso, explora as HQs e pede à mãe, que não as compra.
9. Homem jovem. Amigo de Rose, entra para dar-lhe um abraço.
10. Duas mulheres. A mais jovem quer vender livros. Rose não tem interesse por eles, mas liga para outro sebo para ver se eles têm. Lê, pelo telefone, os títulos. A outra livraria não tem interesse para compra, somente troca.
11. Homem e mulher. Ele pergunta à vendedora se ela tem interesse em dois livros para troca. Não tem, mas novamente liga para outro sebo para conferir se eles querem. A outra livraria aceita os livros para R\$ 20,00 de troca. A troca pode ser feita por livros da própria Feira Cultural. O rapaz procura por livros de Paulo Coelho, encontra um livro dele pelo mesmo valor, e a troca é realizada. Depois, perguntam por livros de Augusto Cury, mas não os levam.

Entre as 13h e 14h30, o pesquisador não esteve presente na loja. Rose relatou, porém, mais seis interações:

12. Idosa. Ela, que faz parte de um coral, comprou o livro “Aquarela Sertaneja”, de Beth Cancado.
13. Rose reservou um livro a uma pessoa.
14. Rose reservou um livro a outra pessoa.
15. Pessoa liga pedindo livro de psicologia que a livraria não possui.

16. Pessoa liga pedindo que Rose tirasse da reserva um livro que havia solicitado, pois encontrou o livro em outro lugar.
17. Pessoa pede livro espírita “Os Filósofos”, de José Herculano Pires. Rose não possuía o livro, nem o encontrou ligando a outras livrarias.

Por fim, entre as 14h30 e 18h30, mais dez interações foram observadas:

18. Homem jovem. Amigo de Rose, nos cumprimenta e conversa sobre as eleições, ocorridas no domingo anterior. Ficou por vários minutos olhando os livros, mas não comprou nada.
19. Homem adulto e sua mãe. Ele vasculha os livros. Rose diz que ele frequenta o sebo desde que era adolescente. Sua mãe procura por livros católicos e Rose mostra a ela, em seu caderno, a lista de títulos do gênero que possui em sua livraria. Não encontra os livros que desejava. Ela acredita que, quando jovem, frequentou a livraria algumas vezes. Não compram nenhum livro, mas afirmam que querem voltar posteriormente. Prestes a saírem, Rose pede a ela que escolha um de seus cartões para levarem para casa (suas pedrinhas pintadas). A senhora fica surpresa e feliz com os cartões, escolhe dois e agradece muito.
20. Mulher. Solicita o livro “O milagre do amanhã”, de Hal Elrod, livro lançado recentemente. Rose afirma que não vende livros novos. Porém, possui um exemplar deste livro, que veio do Páginas Antigas, reservado para outro cliente, que o buscaria em outra semana. A vendedora disse que, se ela quisesse, poderia levar o exemplar, e depois ela reservaria outro para o outro cliente. A cliente, porém, não gostou do preço do livro, e disse que ia comprar virtualmente pela Saraiva, onde estava mais barato.
21. Mulher. Observa os *pocket books* no balcão e compra três.
22. Criança, menina. Olha livros infantis e gibis enquanto a mãe está em outra loja. Mostra-se encantada com a livraria, pela decoração e pelos livros que encontra. Pede livros à mãe, que não quer comprar.
23. Mulher. Amiga de Rose, visita-a para conversar.
24. Homem. Pede livros do “Cabeça Oca” (personagem goiano de quadrinhos) para levar para seu filho. Compra dois livros.
25. Casal. Olham livros. Homem quer levar dois, mas desiste ao descobrir que a livraria não passa cartão. Afirma que pretende voltar outro dia.
26. Idosa. Amiga de Rose, entra para visitá-la.
27. Homem aparece na porta para pegar uma das mensagens que estão na entrada.

A partir do que observamos, algumas constatações podem ser feitas. Das pessoas que estiveram na livraria no dia 30 de outubro, cinco eram amigos ou conhecidos que foram visitar a proprietária (interações 3, 9, 18, 23 e 26). Cinco vendas ou trocas foram efetuadas (8, 11, 12, 21 e 24) e houveram quatro interações relacionadas à reserva de livros (7, 13, 14 e 16), sendo que três pediram uma reserva, e um cancelou outra.

Quatro visitantes desejavam vender ou trocar livros ou revistas (2, 6, 10 e 11). Não questionamos as razões que levaram os clientes ao desejo de realizar vendas ou trocas, mas, segundo Antônio Humberto (apud DELGADO, 1999, p. 84), geralmente as pessoas que

oferecem livros aos sebos podem fazê-lo “motivadas por dificuldades financeiras, falta de espaço ocasionado por mudança de residência, motivos de viagem, desinteresse pelos livros ou desejo de reciclar o gênero de leitura”.

Destes clientes, Rose não teve interesse em realizar trocas. Em apenas um dos casos ela realizou uma troca em nome de outra livraria para a qual ela telefonou. Em relação às ligações a outros sebos, em quatro casos ela ligou para perguntar se as livrarias possuíam algum livro ou tinham interesse em livros que seus clientes traziam para troca ou venda (4, 10, 11 e 17).

Dos clientes que demonstraram interesse em comprar ou trocar livros, oito foram à livraria procurando por títulos ou autores específicos (4, 8, 11, 12, 15, 17, 19 e 20) e seis aparentaram observar os livros sem títulos ou autores em mente, olhando os mesmos sem pedir informações à vendedora (5, 8, 18, 19, 21, 22 e 25). Entre esses, dois eram crianças interessadas na sessão de livros infantis e/ou HQs (8 e 22). Ambos desejavam levar algo, mas suas mães não quiseram comprar.

Em três casos, ocorreu o contrário: eram pais comprando livros para seus filhos (4, 8 e 22). Na interação de número 4, a mãe procura por um livro literário indicado pela escola de seu filho. Como vimos anteriormente, compras relacionadas ao ensino são muito comuns em sebos. Imagina-se que, durante o dia, mais interações do gênero não tenham ocorrido por estarmos fora do período de vendas escolares, que costumam ocorrer no início dos anos letivos. Na de número 8, a mãe compra um livro para o filho que ela acredita que será uma leitura instrutiva a ele. O livro “O Estudante”, de Adelaide Carraro, é um livro infanto-juvenil que trata das consequências do uso de drogas. O filho pede que ela leve também HQs, que ela rejeita. Por último, na de número 22, o pai compra para o filho livros em quadrinhos, uma leitura de lazer.

Em relação a isso, podemos retomar a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2016), que, entre os aspectos investigados, questiona aos leitores quem foi a pessoa que mais os influenciou na leitura. As pessoas mais citadas são as mães ou responsáveis do sexo feminino, com 15% das respostas, e, em terceiro, com 6%, os pais ou responsáveis do sexo masculino. Nos casos relatados, podemos observar esse incentivo em prática. A pesquisa conclui que esses resultados “reforçam a análise de que o hábito de leitura é uma construção que vem da infância, bastante influenciada por terceiros, especialmente por mães e pais”, e observa que “essa influência tem impacto no fato do indivíduo ser ou não leitor, uma vez que, enquanto 83% dos não leitores não receberam a influência de ninguém, o mesmo ocorre com 55% dos leitores” (RETRATOS, 2016, p. 131).

Os sebos são espaços onde as práticas de leitura ocorrem e se manifestam. Através dos livros que os leitores buscam, pode-se ter uma ideia de suas preferências literárias. Entre os clientes da livraria, notamos a busca por livros infantis, infanto-juvenis, HQs, livros religiosos católicos e espíritas, livros de autoajuda, livros de música, livros de Paulo Coelho e de Augusto Cury. São, portanto, gêneros literários muito variados.

Uma das clientes, no relato de número 19, que veio acompanhada do filho adulto, relembra suas leituras do passado. Disse que “gostava tanto de ler quando era moça”, e que lia muito. Um livro que lembra que a impactou foi a autobiografia de Pablo Neruda, “Confesso que vivi”, livro de que hoje tem poucas lembranças. Afirmo também que lia muitos livros de caubói e lia tudo da série Sabrina (“Eu acho que eu lia umas três por dia. Vida boa aquele tempo. Tinha tempo demais”). Cita ainda os livros “O lobo da estepe”, de Herman Hesse, “O hotel”, de Arthur Hailey, “O profeta”, de Khalil Gibran e livros de Gore Vidal (“que hoje eu já nem gosto muito”). Um breve diálogo entre Rose e a cliente evidencia as gerações que o sebo presenciou em suas quatro décadas de existência:

- [Era] menino, vinha aqui, agora já tá um rapaz, trás a mãe pra conhecer, você não conhecia aqui?
- Eu acho que... Aqui não é muitos anos atrás, antes de 80 não?
- É uai, eu tô aqui tem 41 anos!
- Uai então, eu lia muito, eu vinha demais...
- Provavelmente você trocava comigo! (informação verbal).

Rose também fala de seu gosto pela leitura. Tem uma paixão pelos livros. “Eu gosto de ler e escrever, eu não sei pegar um livro e [...] só ler aquele texto ali, ler só um poema ali, eu gosto de copiar”. Ela gosta de ler “folha por folha”, “tirando a essência” do que está escrito. “Às vezes tem um poema longo que [...] eu olho e não entendo, mas eu leio tudo e tiro uma palavrinha mágica. Já muda o dia de alguém”. Nos livros que lê costuma fazer anotações às margens das páginas. Diz que lê de tudo, poesias, crônicas, etc. Cita suas leituras atuais: um livro de Rubem Alves e outro de Stephen Covey.

As preferências literárias dos sujeitos presentes no sebo indicam que parte significativa deles praticam ou praticavam leituras de lazer, indicadas pela leitura de romances. Para Dumont (2000, p. 117), a ação de ler romances é uma atividade de entretenimento, e pesquisas que investigam este tipo de leitura indicam que a distração é o primeiro motivo alegado por entrevistados para sua realização. Barthes e Compagnon (1987, p. 186 apud DUMONT, 2002, p. 3), afirmam que a leitura como lazer é uma forma de sabedoria quando desenvolvida criticamente e não mecânica ou inocentemente. Ler, portanto,

conforme os autores, “adquire três auréolas prestigiosas [...]: a da ciência (exatidão, rigor), a da razão (desmitificação), [e] a do gosto (conformidade com o belo)”.

Dumont (2000, p. 121-122) observa que um dos principais motivos para leitura de romances, como apontado por estudiosos e pesquisadores, é a liberação do espírito que transcende para outro contexto em um verdadeiro escape, compensando as dificuldades e frustrações do dia-a-dia e propiciando devaneios geralmente agradáveis. Os romances se utilizam “de critérios para que o discurso seja o mais natural possível e a ficção seja entendida como uma ferramenta que possibilita o esclarecimento da realidade”. Nesse gênero de leitura, “as situações retratadas reproduzem [...] cenas que se encontram nos limites entre a ficção e a vida real e o seu leitor pode identificar fatos e heróis do seu cotidiano, ou do imaginário de domínio público”. Desse modo, o universo da história não termina “na última linha do livro, pois pode continuar indefinidamente e de forma criativa no pensamento do leitor”.

Em relação ao acervo de sua livraria, nas estantes algumas sinalizações indicam os gêneros dos livros à venda. São livros de História, Filosofia, Sociologia, Geografia, Pedagogia, Culinária, Artesanato, Serviço Social, Astrologia, Livros esotéricos, Literatura espírita, Literatura evangélica, Literatura católica e Literatura infantil. Também estão separadas as HQs e as revistas. Dentre estas, a livraria conta com revistas de moda, de divulgação científica, de artesanato, de música, revistas das décadas de 1950 e 1960 etc.

De modo geral, os preços dos livros variam de R\$ 15,00 a R\$ 30,00. Em cestas expostas no balcão, estão presentes livros promocionais por R\$ 5,00 ou até valores menores. Os preços dos livros são em geral redondos. “Eu detesto essa história de 19,90”, diz Rose. Na hora de decidir os preços dos livros que colocará à venda, por vezes quando não conhece alguma obra lançada recentemente, liga para a Páginas Antigas para descobrir uma média do livro novo: “se eu ligo no Centro e os meninos falam pra mim assim ‘o livro tá 49,90’, novo. Usado a gente trabalha com 40% [a menos do valor]. Usado ele é 30 reais. Eu às vezes faço [por] 25”.

Em relação à organização do acervo, Rose diz que não trabalha com ordem alfabética por falta de costume e apenas nos casos de duas editoras se “dominou” a trabalhar em ordem alfabética: da Editora Ática a série Bom Livro, de clássicos da literatura, e da Editora Moderna as coleções Veredas e Girassol, de livros infantis. O acervo evangélico também está ordenado alfabeticamente. O restante do acervo não é organizado nesta ordem, e os livros dependem da boa memória da vendedora para serem encontrados. Rose diz que é boa de visualizar as capas dos livros de memória e de lembrar as cores das lombadas. Ela explica um pouco como se dá essa organização:

Aqui dentro não tem nome[s] nas prateleiras, mas como [os livros] estão [há] muitos anos na[s] mesma[s], você pede um livro literário e eu já vou ali [buscá-lo] [...]. As prateleiras são muito fundas, então são três fileiras de livros [um atrás do outro] [...]. O catálogo evangélico por milagre é em ordem alfabética, só [...]. O catálogo evangélico eu cansei, porque [...] [a sessão] evangélica são mais de mil títulos, oito prateleiras super lotadas. Se alguém queria um autor eu não sabia se eu tinha [...]. Aí eu cataloguei (informação verbal).

A livraria, como já afirmamos, não é em nada informatizada: não realiza venda virtual, não possui seu catálogo em sistema, nem tem site ou e-mail. Alguns tipos de livros, como os religiosos, encontram-se listados manuscritos em um caderno.

Questionada sobre a razão de não utilizar as tecnologias para seu trabalho, Rose diz que se considera uma pessoa “desligada de tecnologia”, e não possui nem celular. Para ela, “o computador [...], o celular, na minha concepção de uns anos pra cá, ele [...] aproxima as pessoas que estão distantes, e as que estão aqui vão se afastando”. É, portanto, por uma questão de convicção pessoal que prefere não informatizar sua livraria, e a ausência de tecnologias para ela não faz falta.

Rose compreende que o uso da internet tem suas facilidades, como a compra virtual de objetos. Quando um cliente fala, por exemplo, que achou um livro mais barato pela Saraiva, ela às vezes gosta de responder: “Eu não concorro com Saraiva. Ela é multinacional, você é só um número pra eles, você não tem vínculo nenhum. E pra onde vai esse dinheiro? Só pros grandão”. Nesse sentido, segundo ela,

Aquilo ali é uma máquina. Aqui é pessoas. Você sente o cheiro do outro, você toca no outro, você toma água com o outro, você olha pro outro. Você é um número pra eles [...]. Quando você compra um livro baratinho pela internet, [...] [você está] tirando a chance de uma pessoa abrir uma livraria aqui. De ter um vendedor [...]. De uma maneira geral, essa parafernália toda aí, ela tá tirando esse contato das pessoas. Facilita, [...] porque as pessoas não têm que sair mais do sofá, eles entregam em casa. [...] [Mas] quando você sai de casa pra comprar, você vê pessoas, você vê outras coisas, você [...] tem o sol pra você (informação verbal).

A crítica de Rose à venda virtual reflete uma vendedora tradicional que vê que seu tipo de comércio, que prioriza o contato entre clientes e vendedores, está perdendo espaço no contexto tecnológico.

No mesmo sentido, Delgado (1999, p. 102) relata como os sebos, para seus proprietários, distinguem-se das livrarias que vendem apenas livros novos ao estabelecerem

com os clientes uma espécie de relação que ultrapassa o âmbito comercial. Segundo ela, “os sebos são instâncias privilegiadas de convivência humana, em comparação com as livrarias comuns”. De acordo com um livreiro entrevistado pela autora, Eduardo Brito, isso se explica pela forma como as livrarias comuns e os sebos se organizam: aquelas se assemelham a “hipermercados” e estes a “mercados”: nas livrarias comuns “você entra, não tem ninguém pra te atender, você [...] pega o livro, vê o preço no computador, vai ao caixa, o caixa libera e acabou. Enquanto o sebo [...] tem aquela confusão, aquela bagunça, tem alguém pra te atender. Não fica aquela coisa uniformizada e impessoal”. A partir da chamada “garimpagem” de livros nos sebos, os clientes ficam muitas vezes por horas na loja, o que propicia o contato humano e a troca de ideias.

A crítica de Rose reflete ainda a crise pela qual as livrarias físicas de livros (tanto de novos como de usados) têm passado nos últimos anos. Muitas livrarias vêm fechando por não suportarem a concorrência das livrarias virtuais, que vendem por preços menores e entregam em casa. Este é um dos fatores principais citados por Gurbanov (apud LIMA, 2018) para explicar o mau momento econômico pelo qual passam as livrarias brasileiras: o crescimento do comércio eletrônico e da leitura em dispositivos digitais. Em consequência à ascensão do comércio virtual, há um declínio no tipo de atendimento praticado por Rose.

Rose também aborda a questão dos livros didáticos, que, como já discutimos, tem sido um problema nos últimos anos para o comércio de livros usados. Décadas atrás a demanda por livros didáticos usados era muito grande e as edições demoravam muito mais tempo para serem atualizadas, circulando no mercado, portanto, por mais tempo. De alguns anos para cá, os livros são atualizados quase todos os anos e as edições anteriores ficam ultrapassadas.

A situação se agravou ainda mais para as livrarias com a adoção pelas escolas de apostilas ao invés de livros didáticos, e o fato de que o governo distribui gratuitamente os materiais didáticos para muitos colégios. Também há o fato de que as editoras estão vendendo dentro das escolas, o que para os pais dos alunos é mais conveniente até pelos descontos que oferecem. Ela acredita que muitos sebos da cidade estão ameaçados e explica um pouco do contexto e como sua livraria foi afetada:

A última vez que eu tive funcionários foi em 2009. Despedi a última, porque não dava pra manter funcionários, eu já tive três, quatro funcionários fixos na loja. Que tinha um movimento tão grande escolar. Eu não podia despedir eles porque eu precisava deles [em] dezembro, janeiro, fevereiro e março, quatro meses. Quatro meses a gente trabalhava sem parar. Ninguém sentava não, era corrido mesmo, telefone tocando e reservas, aquela correria toda. Só [livro] usado. Com o tempo as editoras passaram a levar nas escolas, veio a

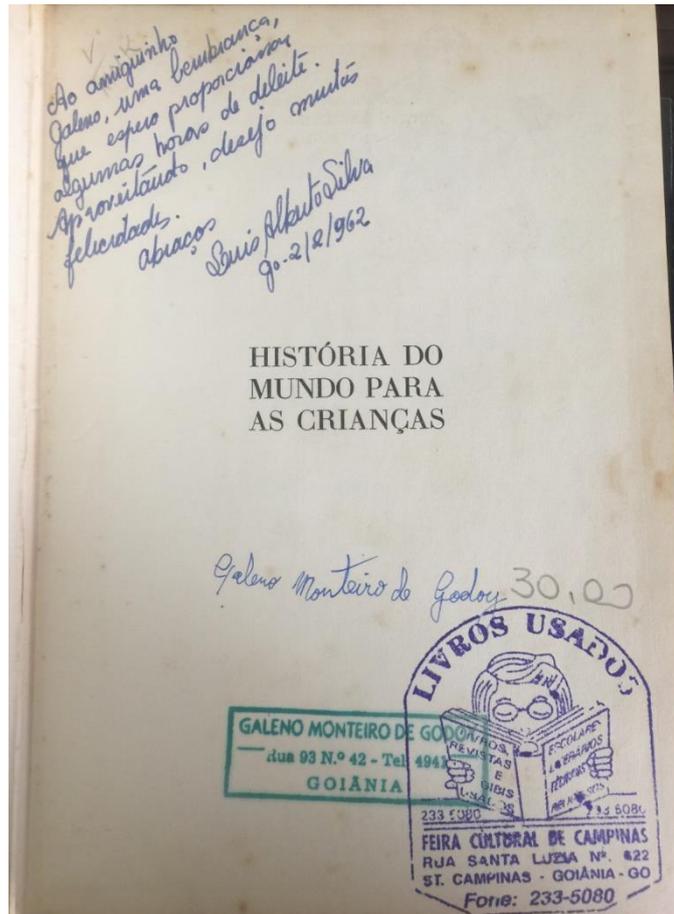
internet e as pessoas compram [por ela] [...], as escolas fazem feirinhas [...] para os pais irem lá trocar entre eles mesmos [...]. Então em 2009 eu tinha o último funcionário, em junho eu despedi [...]. Despedi e passei a ficar só. E aí fui diminuindo cada vez mais a parte didática. Porque hoje em dia é só lançamento que as escolas adotam [...] Antes as minhas vendas concorriam com a Páginas Antigas no passado. Hoje em dia não concorre mais. Final do ano [...], tipo assim, dezembro, eu vendia tanto, ficava paralelo a ela, só no usado. Depois que entrou [a venda de livro] novo acabou (informação verbal).

Atualmente, segundo ela, os sebos que estão mais fortes no mercado de Goiânia são o Armazém do Livro, a Páginas Antigas e a Opção Cultural, situadas no Centro.

Voltemos agora a abordar brevemente as práticas de leitura. Silva (2002) defende que os sebos contribuem aos estudos de práticas de leitura por disponibilizarem livros usados, que podem revelar vestígios dos leitores que os possuíam em diferentes épocas, indicando práticas de leitura e modos de circulação dos livros. Também contribuem aos estudos sobre os livros, em referência à maneira como eram editados, impressos e encadernados em épocas anteriores.

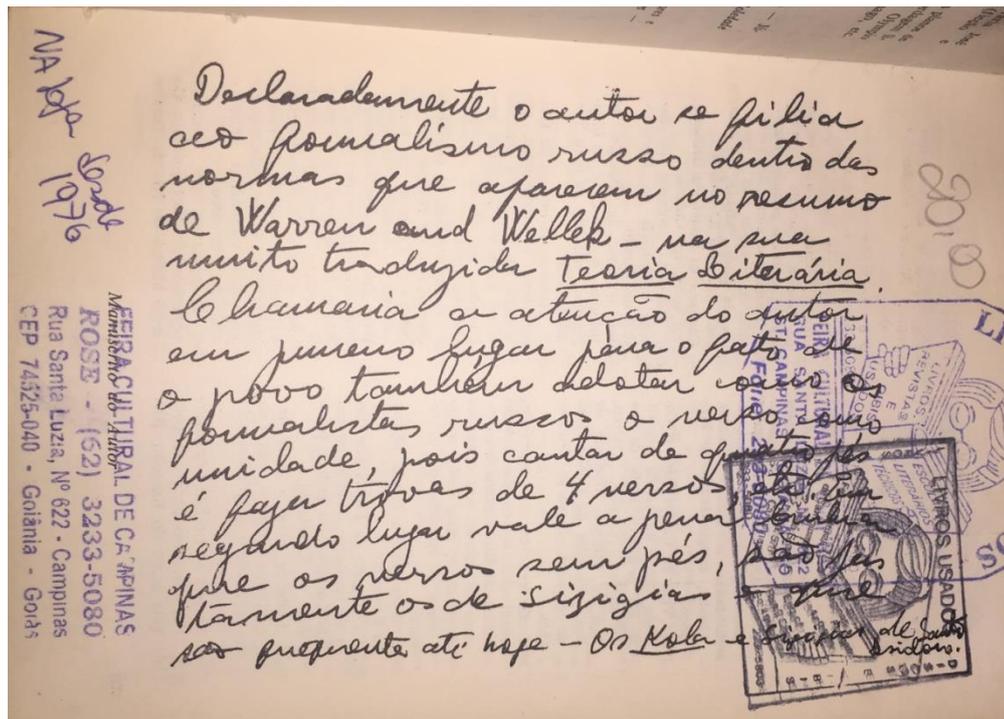
Observando o acervo da Feira Cultural de Campinas, diversos livros revelaram essas marcas. Os carimbos, que observamos nas Figuras 1 e 2 no tópico anterior são exemplos disso, revelando um pouco sobre a história do mercado livreiro de Goiânia. É muito comum encontrarmos também livros com dedicatórias, que se tratam de escritos deixados nas primeiras páginas dos livros de alguém que presenteia o livro a outra pessoa. Um exemplo pode ser visto na Fotografia 15. Trata-se do livro “História do Mundo para as Crianças”, de Monteiro Lobato. É a 14ª edição, publicado em 1957 pela Editora Brasiliense. O livro foi presenteado em 1962 e possui a assinatura e um carimbo do dono. Em outro caso, na Fotografia 16, o proprietário do livro escreve suas impressões sobre a leitura que fez. Na Fotografia 17, um livro de uma antiga biblioteca, provavelmente escolar, traz na primeira página indicações de como o usuário deve cuidar do livro. Por último, na Figura 18, um “Guia prático da saúde”, indicado a famílias e enfermeiros, foi utilizado por pais para registrar as datas e horários de nascimento de dois filhos em 1931 e em 1934.

Fotografia 15 – Dedicatória



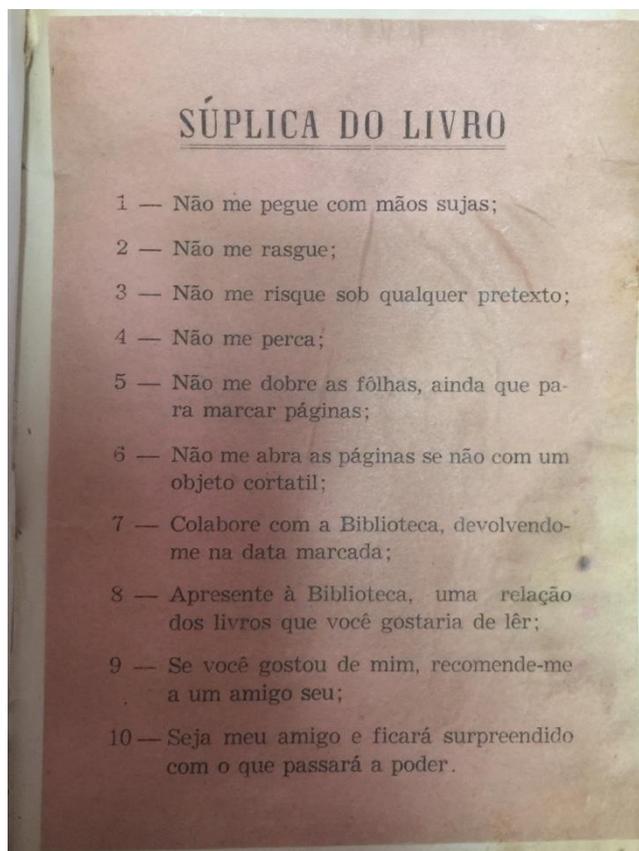
Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

Fotografia 16 – Impressões de leitura



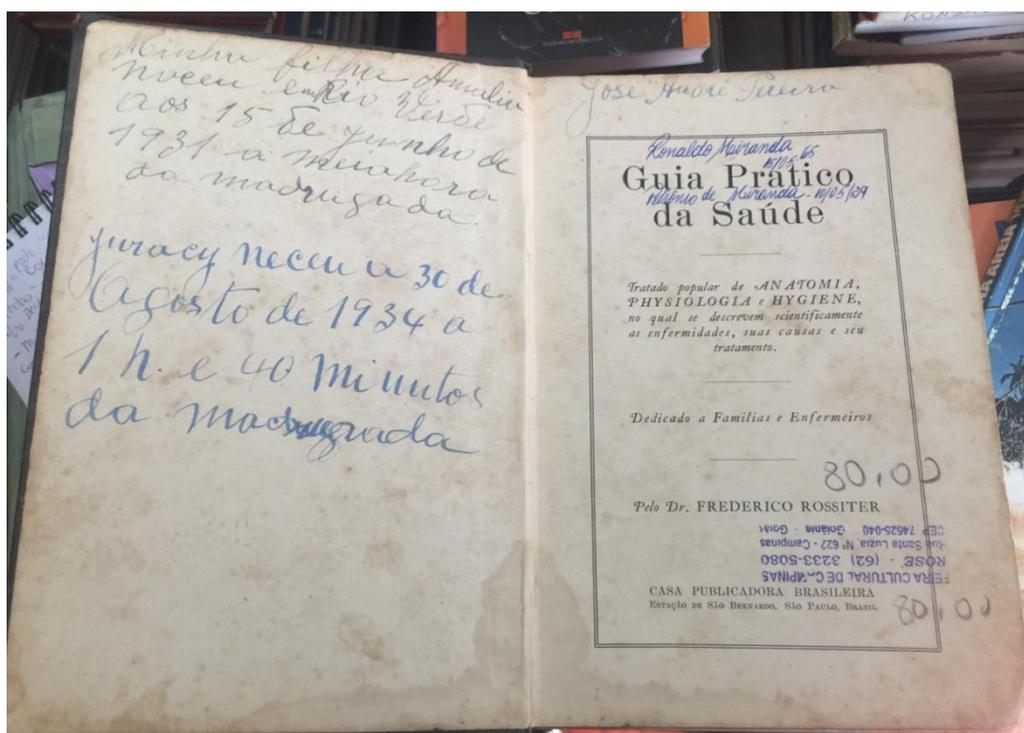
Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

Fotografia 17 – Regras de biblioteca



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

Fotografia 18 – Registros manuscritos em livro



Fonte: Fotografado pelo autor (2018).

Abordemos novamente, por último, os aspectos do sebo que chamam a atenção das pessoas que por ele passam: as mensagens presentes em cartazes, bilhetes e livros pintados por toda a livraria. As mensagens são em sua maioria motivacionais. Os cartazes que estão próximos à sessão de livros religiosos fazem mais referência a Deus e a orações, trazendo maior identificação a esse público. Diversos autores estão entre as frases da livraria, como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Bandeira, Castro Alves, Ruy Castro, Pablo Neruda, Charles Bukowski, Cícero e Confúcio.

Muitas das frases fazem referência aos livros e à leitura. Alguns exemplos podem ser citados: “Quem lê, viaja”, “Quem escreve constrói um castelo, quem lê passa a habitá-lo”, “Poesia não compra sapato. Mas como andar sem poesia?”. As três frases, que não possuem a autoria citada, tratam do poder que a leitura exerce sobre os leitores. De Cícero, “Quem tem um jardim e uma biblioteca tem tudo que precisa”.

Outras fazem referência às livrarias e aos sebos. De Pedro Bandeira, a citação “Lá na rua em que eu pensava tinha uma livraria bem ao lado da farmácia. Todo mundo ia à farmácia comprar frasco de saúde – e depois ia à livraria comprar liberdade”. Duas frases de Ruy Castro, um apaixonado por sebos: “Os livros trocados ou vendidos num ‘sebo’ não são necessariamente desprezados... Na verdade é o livro que tem uma nova chance de ser amado” e “Sebo arrumadinho demais espanta os clientes”.

Em relação à última frase, Rose conta que a retirou de uma entrevista do autor de quando ele foi a Goiânia há alguns anos atrás. Ele quis conhecer os sebos da cidade e o levaram aos sebos da Rua 4. Como lá a maioria das livrarias, segundo Rose, “são muito organizadas, muito limpinhas, tudo muito certinho”, Castro, que gosta dos sebos tradicionais, mais bagunçados, fez essa crítica aos sebos que visitou. “Então quando eu vi esse negócio, eu pensei comigo: ele tem que visitar a minha livraria”, diz Rose.

Uma última frase encontrada no sebo que podemos citar é a de Castro Alves: “Oh! Bendito o que semeia / Livros... livros à mão cheia... / E manda o povo pensar! / O livro caindo n’alma / É germe – que faz a palma, / É chuva – que faz o mar”. Acerca da frase e do que podemos constatar neste estudo de caso, podemos afirmar que a própria Rose, com sua profissão de livreira, “semeia / Livros... livros à mão cheia”.

Para finalizar, passemos, no tópico seguinte, a um breve apanhado do que foi constatado a partir da realização do levantamento de sebos e do estudo de caso.

### 5.3 APONTAMENTOS GERAIS

É importante, em conclusão, que façamos um balanço das informações que foram obtidas pela pesquisa a partir dos formulários aplicados no levantamento de sebos e da entrevista e observação realizados no estudo de caso da Feira Cultural de Campinas.

A partir do levantamento de sebos, diversos dados foram obtidos e analisados. A pesquisa conseguiu encontrar 23 sebos físicos em funcionamento em Goiânia, oito sebos virtuais e três estabelecimentos que não são sebos, mas que vendem livros ou revistas usados. Observamos a distribuição espacial dos sebos físicos pela cidade e vimos que mais da metade destas livrarias localizam-se no Setor Central, com 13 sebos.

No estudo de caso, perpassamos primeiramente pela trajetória de vida de Rose até a fundação de seu sebo, em 1977. A partir de seu relato, foi possível abordar também parte da história de outros sebos e de maneira geral o mercado de livros em Goiânia. Em seguida, realizamos uma descrição da livraria: seu espaço, seu acervo, a maneira como ele se organiza e a decoração do ambiente que chama a atenção de quem por ele passa, com cartazes trazendo mensagens e livros pintados espalhados por toda a loja.

Com o levantamento, foi possível observar também como se dá o comércio virtual de livros usados em Goiânia. Entre os sebos físicos, quatro não realizam venda virtual e 19 realizam. A grande maioria destes vende pela Estante Virtual, o maior portal de sebos do Brasil, mas alguns outros vendem pelo Mercado Livre ou por sites próprios. Na Estante Virtual, o sebo Hocus Pocus é o que está a mais tempo no portal e o que possui mais livros à venda no acervo digital.

A Feira Cultural de Campinas é um dos sebos que não realizam comércio virtual. As críticas que Rose faz a este tipo de comércio evidenciam uma vendedora tradicional que prioriza o contato pessoal entre clientes e compradores, e que vê que seu estilo de comércio tem perdido espaço no contexto tecnológico, especialmente quando a venda virtual de livros se dá em grandes livrarias.

Foram investigados ainda os materiais que são vendidos nos sebos de Goiânia além dos livros usados. Os números mais expressivos são os seguintes: 21 sebos vendem livros novos, 16 vendem HQs, oito vendem discos de vinil e sete vendem CDs, DVDs, revistas e artigos de papelaria. Outros materiais, em menor número, também são vendidos. Entre os treze tipos de materiais comercializados, os sebos com maior diversidade de vendas são o Espaço Cultural Vídeo (11 materiais), a matriz do Armazém do Livro (oito materiais), a Hocus Pocus e a Páginas Antigas (sete materiais cada). O sebo Feira Cultural de Campinas comercializa quatro: livros antigos, HQs, revistas e discos de vinil.

Quanto aos clientes que frequentam estes espaços, doze livreiros responderam que o público é variado, onze identificam estudantes como um público frequente, nove identificam os pais de alunos e quatro identificam os jovens. Com a forte indicação de estudantes e pais de alunos, fica evidente o papel que os sebos têm sobre a educação escolar e superior, com a venda de livros didáticos, literários ou de determinadas áreas do conhecimento.

No estudo de caso, foi possível observar os clientes que frequentam o espaço e o atendimento atencioso que Rose proporciona a eles, razão que, para Rose, explica o porquê de seu sebo não ter sido tão afetado pela crise no mercado. Ao realizar ligações a outras livrarias para ver se elas possuem livros que seus clientes desejam ou se têm interesse em comprar ou trocar livros que seus clientes queiram se desfazer, Rose mostra não se preocupar tanto em lucrar com suas vendas e que prioriza cativar e manter os clientes que a procuram. Com isso, Rose também coopera com as outras livrarias da cidade e fomenta, assim, o comércio de livros usados de Goiânia.

Observando os clientes e entrevistando Rose foi possível ainda detectar as leituras que estes sujeitos praticam, pelos livros que liam ou costumam ler e pelos livros que buscam adquirir. As práticas de leituras puderam ser percebidas também a partir da observação de livros antigos que possuem marcas de seus leitores e de livrarias, com carimbos, assinaturas, dedicatórias, impressões de leitura e anotações gerais.

Por último, no levantamento, os vendedores foram questionados se sentiram uma queda no número de vendas ou frequência nos últimos anos. Dos 22 livreiros que responderam, 21 deram uma resposta positiva. Destes, doze afirmaram que a queda foi muito grande, principalmente neste ano. Os sevistas indicaram que as perspectivas não são nada boas no mercado de livros usados, e alguns deles estão com sua sobrevivência ameaçada. A razão mais citada é a mudança que tem ocorrido na venda de materiais didáticos: muitas escolas estão adotando apostilas ao invés de livros, as editoras estão passando a atuar dentro das escolas vendendo materiais com desconto e, em algumas escolas, o governo fornece livros gratuitamente.

Com estes fatores, houve um desfalque muito grande neste mercado, que dependia dos livros didáticos para boa parte de suas vendas. A questão dos livros didáticos também é citada por Rose, que mostra como a dinâmica de seu comércio mudou, tendo sido necessário demitir todos os funcionários que possuía, e tendo parado de concorrer com o número de vendas da Páginas Antigas, uma livraria que ainda está forte no mercado de Goiânia.

Em comparação aos outros sebos, a Feira Cultural de Campinas mostrou-se ao mesmo tempo um sebo tradicional e incomum. É tradicional por não ser em nada informatizado, não

possuir e-mail, site, ou realizar venda virtual, e também por não ser um sebo “arrumadinho”, onde o cliente pode garimpar livros e descobrir preciosidades escondidas. E é um sebo incomum pelas mesmas razões que fazem dele um sebo tradicional, tendo em vista que hoje em dia são poucos os sebos que possuem estas características. É incomum também pela decoração com mensagens espalhadas pela loja e pelos cartões de visita entregues pela vendedora, que são materiais reciclados pintados por ela com o número de telefone da livraria.

Frente ao que expusemos, alguns paralelos podem ser traçados entre os sebos e a biblioteconomia. Deixando de lado o aspecto comercial, os sebos, como as bibliotecas, são pontos de acesso à informação onde o conhecimento e a cultura são preservados. Estes espaços não são obrigados a seguirem a lógica mercadológica das livrarias comuns, que costumam priorizar os últimos lançamentos e os livros mais vendidos. Silva (2002) e Zilberman (2003 apud MATOS, 2014) ressaltam a importância dos sebos, que mantêm um espaço de circulação de informações resguardando-as das imposições do modo de dominação vigente da sociedade e cumprem o papel de salvar a literatura do esquecimento e garantir sua circulação. O mesmo se aplica às bibliotecas.

As premissas das Leis da Biblioteconomia formuladas por Ranganathan (2009, apud RIZZI, 2016, p. 34) são também aplicáveis às livrarias. São elas: 1ª: “Os livros são para usar”; 2ª: “A cada leitor o seu livro”; 3ª: “A cada livro o seu leitor”; 4ª: “Poupe o tempo do leitor”; 5ª “A biblioteca é um organismo em crescimento”. A primeira lei se opõe ao papel que algumas bibliotecas têm de unicamente preservar livros, barrando o uso destes materiais. Esta lei nos remete em especial ao caso da livraria Intellectus, que não apenas comercializa livros como permite o acesso ao acervo aos pesquisadores para consultas sem custos, contribuindo à difusão do conhecimento.

A segunda lei, “A cada leitor o seu livro”, nos remete, segundo Rizzi (2016, p. 36-37), ao caráter universal das bibliotecas, aos diferentes tipos de bibliotecas e usuários e ao modo como ela se organiza. Nesse sentido, a lei entende que “cada usuário deve encontrar na biblioteca ao menos um livro que atenda a seu gosto pessoal ou necessidade de informação naquele momento”. Além disso, existem diferentes tipos de bibliotecas para atender a grupos e propósitos variados (bibliotecas escolares, universitárias, especializadas, especiais etc.), do mesmo modo como existem livrarias variadas (voltadas aos livros didáticos, jurídicos, raros etc.). Os bibliotecários e os livreiros, deste modo, levam em conta as demandas de seus usuários e clientes para a formação de seus acervos. A organização também é outra questão a ser levada em conta para que o leitor encontre o seu livro. Para tal, tanto os bibliotecários

como os livreiros podem se utilizar de duas estratégias: a classificação do acervo por assunto e a construção de catálogos que permitam a busca por assunto, título ou autor. As bibliotecas podem disponibilizar seus catálogos através de *softwares* como *Sophia*, *Pergamum*, *Alexandria*, *Aleph* ou *Bibliivre* e os sebos podem fazê-lo através da Estante Virtual ou de sites próprios.

A terceira lei, “A cada livro o seu leitor”, diz que cada livro deve ser ajudado a encontrar seu leitor, ou seja, indica a importância da divulgação e disseminação do livro existente no acervo. Para tanto, o bibliotecário e o livreiro devem estar atentos “tanto para a formação do acervo, quanto nas estratégias de busca e recuperação” (RIZZI, 2016, p. 37-38). Almeida (2013, p. 46) investigou o desenvolvimento de acervos em sebos de Porto Alegre e, segundo ele, “as mesmas técnicas que são utilizadas para o desenvolvimento de coleções em uma biblioteca não comercial podem ser espelhadas para o desenvolvimento de coleções de um sebo”. Para o pesquisador,

O desenvolvimento de coleções segue seu caminho nos sebos; o livreiro é seu balizador, que organiza o acervo, segundo sua ótica de classificação, que avalia o que vai compor ou não o acervo. Nas bibliotecas tradicionais, o papel é desempenhado pelo bibliotecário, possuidor de conhecimento especializado, e do conhecimento do conjunto de objetos do acervo, é este que impulsiona o acervo, atendendo as necessidades de seu público.

Nesse sentido, o sebista, ao formar seu acervo decidindo o que comprar ou trocar de seus clientes de acordo com os interesses de seu estabelecimento, assemelha-se ao bibliotecário, que busca atender às necessidades de seus usuários ao adquirir novos materiais.

A quarta lei, “Poupe o tempo do leitor”, aponta para o acesso livre às estantes e aos serviços de referência pelos usuários, sendo importante para tanto a organização e catalogação do acervo. Desse modo, tanto em unidades de informação como em livrarias, é oportuno que os usuários e clientes consigam encontrar rapidamente o que buscam. Em geral, as livrarias permitem que os clientes acessem livremente aos livros pelas estantes, que costumam estar organizadas por assuntos, e a maioria dos sebos observados possuem parte do catálogo disponibilizado na Estante Virtual. Além disso, livreiros e bibliotecários auxiliam os usuários e clientes a buscarem os materiais que desejam. A Feira Cultural de Campinas, apesar de não ser em nada informatizada e não possuir um catálogo, cumpre este princípio de Ranganathan por ter seus livros organizados por assunto, e em especial pelo atendimento de Rose, que, quando não possui um livro desejado pelo cliente, liga para outras livrarias da cidade para conseguir encontrá-lo, mesmo não obtendo lucros com isso.

Por fim, a quinta lei, “A biblioteca é um organismo em crescimento”, também aplicável às livrarias, indica que uma biblioteca pode começar pequena e ir crescendo aos poucos. Segundo Rizzi (2016, p. 40), “com boa estrutura e oferecendo bons serviços, o número de usuários deve crescer; mais livros serão incorporados ao acervo; os espaços poderão ser melhorados ou ampliados; novos equipamentos e serviços podem ser oferecidos” e, em consequência, mais usuários e clientes podem ser atraídos, alimentando o ciclo de crescimento destes espaços.

Acreditamos, por meio destes aspectos, ter contribuído à biblioteconomia ao investigarmos os sebos que em muito se assemelham às bibliotecas, por serem ambos espaços que disseminam e preservam a informação, que desenvolvem, organizam e catalogam seus acervos atentos às demandas dos usuários, e que, embora o aspecto comercial os diferencie, buscam satisfazer às necessidades de informação das pessoas que os frequentam. Além disso, ao descrevermos a história e o funcionamento do mercado livreiro de Goiânia e observarmos as demandas de livros dos clientes e os vestígios de outros leitores encontrados em livros usados, acreditamos ainda ter contribuído ao campo das práticas de leitura. Os sebos mostraram-se espaços onde a leitura se manifesta, e pesquisas que enfoquem este campo podem ser realizadas de modo a investigar as práticas de leitura dos clientes de sebos.

Através da pesquisa, julgamos ter demonstrado a importância dos sebos enquanto espaços de preservação do conhecimento e da cultura. O pesquisador, um fascinado por sebos, apreciou ter conhecido todo o mercado de livros usados de Goiânia, em especial a Feira Cultural de Campinas e sua simpática proprietária. É, porém, um sentimento agridoce, pois a pesquisa é concluída com preocupação. Como observamos, o comércio de livros usados mostrou-se bastante ameaçado pelo comércio virtual e pelas mudanças relativas aos livros didáticos, e o mesmo se aplica às livrarias comuns.

É difícil apontar caminhos para que estes espaços sejam preservados, pois não existem muitos meios de alterar a lógica do mercado e dos hábitos de consumo de compradores de livros. Afinal, há indicações de que a tendência é que mais pessoas prefiram livros novos a preços menores e sem sair de casa, anseios legítimos que devem ser respeitados, e, em relação aos livros didáticos, é louvável, por exemplo, que governos os distribuam gratuitamente em uma sociedade tão marcada pela desigualdade social. Por ora, para que estes espaços se mantenham, só nos resta indicar aos que prezam por este comércio que frequentem mais os sebos, indiquem-nos a conhecidos e comprem mais livros.

## 6 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou apontar características do mercado de livros usados em Goiânia a partir de um levantamento de sebos e descrever o funcionamento e a história do sebo Feira Cultural de Campinas a partir de um estudo de caso.

O trabalho se justificou pela ausência de pesquisas recentes do gênero que investigassem esse tipo de mercado que se encontra tão presente no Centro da capital. Acredita-se que a pesquisa contribui à Ciência da Informação ao investigar a história do comércio livreiro de Goiânia e observar seus clientes, que apontam práticas de leitura diversas e comportamentos de consumo de livros. A partir do levantamento de sebos, a pesquisa contribui à divulgação destas livrarias e tem a pretensão de incentivar às pessoas que as frequentem para que elas possam manter-se economicamente e sejam preservadas.

Pelo referencial teórico, abordamos os aspectos históricos do livro e do comércio livreiro no Brasil, desde seus primórdios na época colonial até a atual crise pela qual o mercado passa em meses recentes. Posteriormente abordamos a imprensa, o ensino, as instituições culturais e as livrarias da capital de Goiás, dando, nesse sentido, uma base histórica para a análise da leitura e do contexto atual dos sebos de Goiânia.

No capítulo seguinte tratamos dos sebos. Abordamos seus conceitos, suas características, sua história no Brasil e o modo como estes espaços contribuem às práticas de leitura, ao acesso à informação e à preservação da cultura. Em seguida fizemos uma breve contextualização dos sebos de Goiânia a partir de materiais disponíveis em pesquisas, matérias em sites e artigos de jornais. Por último, perpassamos por todos os estudos encontrados pelo pesquisador que tratavam do tema no Brasil.

Após o referencial teórico, analisamos as informações obtidas a partir da aplicação dos instrumentos de pesquisa. Com a análise, acreditamos ter atingido a todos os objetivos da pesquisa. Descrevemos as características do mercado de livros usados de Goiânia no levantamento e a história e o funcionamento do sebo no estudo de caso, constituindo nosso objetivo geral. Para tanto, foi necessário atingir aos cinco objetivos específicos da pesquisa, descritos a seguir.

Primeiramente, realizamos um levantamento dos sebos da cidade e pudemos constatar a existência de 23 sebos físicos em funcionamento, oito virtuais e três espaços que não são sebos, mas que vendem livros ou revistas usados. Estes estabelecimentos espalham-se por oito bairros da cidade e concentram-se principalmente no Centro.

Analisamos, em seguida, as informações coletadas dos formulários aplicados a todos os sebastas, e com elas pudemos caracterizar aspectos como o comércio virtual, sendo que 19 sebos possuem loja física e fazem venda virtual e oito realizam venda exclusivamente virtual; o número aproximado de itens nos acervos; quais objetos além de livros são comercializados; quais sebos vendem obras raras; quem são seus clientes; como estão sendo afetados pela crise do mercado livreiro, entre outros.

Posteriormente, comparamos as informações obtidas com o levantamento de Pereira (2005), atualizando o levantamento realizado treze anos atrás. O levantamento anterior listava 32 sebos. Destes, 13 permanecem abertos, 17 foram fechados, um passou a ser uma papelaria e outro passou a realizar venda exclusivamente virtual. De lá para cá, oito novos sebos foram abertos. Comparando a quantidade de sebos listados nos dois levantamentos, detectamos uma queda de 28% no número de livrarias de livros usados.

Em seguida, com o estudo de caso, registramos a história, o funcionamento e as características da Feira Cultural de Campinas. Descrevemos o ambiente, o acervo, a maneira como se organiza, o atendimento e outros aspectos. Com isso, foi possível constatar um sebo que é ao mesmo tempo tradicional e incomum, por não ser informatizado e pelos aspectos que o distingue de outros sebos: sua decoração e o atendimento da livreira que busca cativar o cliente.

Por último, foi possível observar o perfil dos clientes do sebo e o modo como se dá a relação entre a vendedora e os potenciais compradores. A partir de conversas e dos livros que buscavam, foi possível ainda detectar as práticas de leitura destes sujeitos.

Com tudo isso, acreditamos que a hipótese formulada foi confirmada. Houve uma queda no número de sebos na cidade desde o levantamento anterior e as perspectivas do mercado de livros usados não têm se mostrado boas, conforme o que foi relatado pelos livreiros e tendo em vista a crise das livrarias físicas no país. A razão principal que apontamos na hipótese, de que a compra de livros *online* tem substituído a compra presencial, embora seja um fator importante, não aparente ser, porém, o fator determinante para a crise nos sebos dos últimos anos. O fator mais impactante para as livrarias foi a queda na venda de livros didáticos, um gênero anteriormente muito significativo neste mercado. Pelo relato da maior parte dos livreiros, teme-se que em breve muitos destes sebos não resistam e sejam fechados.

Por fim, sugerimos a outros pesquisadores a realização de novos estudos que investiguem mais a fundo as razões e os efeitos da crise pela qual os sebos e as livrarias comuns têm passado. A existência de muitas livrarias e sebos parece estar comprometida, e

sugere-se que novos levantamentos dos sebos de Goiânia sejam realizados periodicamente, de modo a observar tendências e a detectar se tais receios se confirmam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ARTE de sobreviver em um país de analfabetos. **Diário da Manhã**, Goiânia, 4 mar. 1982. Não paginado. Disponível em: <<https://photos.app.goo.gl/d8kErJjZUF8G9jHX7>>. Acesso em: 26 out. 2018.

ALMEIDA, Rogério Carlos Petrini de. **Sebos de Porto Alegre: os percursos, históricos e dos acervos**. 2013. 119 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88837/000913427.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

AMORIM, Aryanna da Costa. Sebos e o acesso à memória escrita na cidade de Fortaleza/CE: um estudo preliminar. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: Anpuh, 2013. p. 1 - 17. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364657713\\_ARQUIVO\\_SIMPOSIO.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364657713_ARQUIVO_SIMPOSIO.pdf)>. Acesso em: 7 dez. 2017.

ANTUNES, Graciele Andrea da Silva. **A organização da informação em sebos de Porto Alegre**. 2010. 127 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27829/000766900.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

AZEREDO, Rachel. Sebo: leitura ao alcance de todos. **Diário da Manhã**. Goiânia, 15 abr. 1982. Não paginado. Disponível em: <<https://photos.app.goo.gl/GChvD52yYJUPRR9T9>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes de. Livros e leituras do Gabinete Literário Goiano na sociedade oitocentista de Goiás. **Educativa**, Goiânia, v. 11, n. 1, p.85-97, jan./jun. 2008.

BIASOTTO, Livia Donida. Comportamento do consumidor no sebo Beco dos Livros. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 17., 2005, Porto Alegre. **Resumos ...** Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 759. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/36765>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

BIRAM, Tagore. As livrarias de Goiânia. **Diário da Manhã**. Goiânia, 13 mar. 1983. Não paginado. Disponível em: <<https://photos.app.goo.gl/qgCrLc91wmNv9CzU6>>. Acesso em: 26 out. 2018.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro; LIMA, Angelita Pereira de. História da imprensa goiana: dos velhos tempos da colônia à modernidade mercadológica. **Revista UFG**, Goiânia, v. 10, n. 5, p.68-87, dez. 2008.

BRAGANÇA, Aníbal et al. **O consumidor de livros de segunda mão: perfil do cliente dos sebos**. São Paulo: USP, 2005. 53 p. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.com.br/leitura/perfil%20sebo.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

BRETAS, Genesco Ferreira. **História da instrução pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF UFG, 1991.

CABALLERO, Indira Nahomi Viana; SANTOS, Liége Adamski dos. Entre o passado e o presente: estudo etnográfico realizado em dois sebos do centro de Porto Alegre. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 17., 2005, Porto Alegre. **Resumos ...** Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 797. Disponível em:

<[https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/60067/Resumo\\_20050759.pdf?sequence=1](https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/60067/Resumo_20050759.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. **Associação**. 2016. Disponível em: <<http://cbl.org.br/a-cbl/a-associacao>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

CAVAGLIERI, Marcelo; STEINDEL, Gisela Eggert. Um lugar para conversar, ler, comprar - livros e outros suportes de informação e lazer: uma análise dos sebos da cidade de Florianópolis. **Inf. & Soc.: est.**, João Pessoa, v. 19, n. 3, p.55-64, set. 2009. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/2170>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

CAVEDON, Neusa Rolita et al. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p.345-371, jul/dez 2007. Semestral. ISSN 1806-9983. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832007000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200014)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

CAVEDON, Neusa Rolita; STEFANOWSKI, Fabiana de Lima. O riso que integra, o riso que separa: identidade organizacional em um sebo de Porto Alegre. **Organizações & Sociedade**, [s.l.], v. 15, n. 46, p.137-152, set. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-92302008000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302008000300007)>. Acesso em: 7 dez. 2017.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

COELHO, Fernanda Martins. **Bibliofilia: principais características e seus adeptos em Goiânia**. 2013. 83 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4203/3/TCCG%20-%20Biblioteconomia%20-%20Fernanda%20Martins%20Coelho.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CURTA MAIS. **13 livrarias para comprar ou trocar livros didáticos usados em Goiânia**. 2018. Disponível em: <<http://www.curtamais.com.br/goiania/13-livrarias-para-comprar-ou-trocar-livros-didaticos-usados-em-goiania>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

CURTA MAIS. **Um dos maiores acervos de HQs do país, Hocus Pocus preserva cultura e a arte de garimpar**. 2017. Disponível em: <<http://www.curtamais.com.br/goiania/um-dos>>

maiores-acervos-de-hqs-do-pais-hocus-pocus-preserva-cultura-e-a-arte-de-garimpar>. Acesso em: 13 jul. 2018.

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Esquadrinhando sebos: uma incursão pelos alfarrábios de Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 11., 1998, Recife. Anais eletrônicos. Recife: [s.n.], 1998. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/02ccfbda4d2f2f47b2084bee61ad0cbd.PDF>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

DESIDÉRIO, Mariana. **Crise na Cultura escancara apocalipse das livrarias no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/crise-na-cultura-escancara-apocalipse-das-livrarias-no-brasil/>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

DRUMMOND, Patrícia. Nos sebos, o prazer do comprar mais barato. **O Popular**. Goiânia, 21 jan. 1995. p. 10. Disponível em: <<https://photos.app.goo.gl/Da9ptKmLEVRKcptw5>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Lazer, leitura de romances e imaginário. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 5, p.117-123, jan/jun. 2000. Semestral. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/131/315>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. **DataGramZero**, v. 3, n. 6, 2002. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/1276>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ENCONTRAGOIÁS. **Sebos em Goiânia**. 2018. Disponível em: <<http://www.encontragoiania.com.br/s/sebos-em-goiania.shtml>>. Acesso em: 11 jul. 2018

ESTANTE VIRTUAL. **Por dentro da Estante Virtual**. 2018. Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Sebos e livreiros em Goiânia, GO**. 2018. Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/garimpepor/sebos-e-livreiros/go/goiania>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

FAILLA, Zoara. Retratos: leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p. 19-42.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 15. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

GABINETE literário. **O Goyaz**. Goiânia, p. 3, out. 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIRÃO, Eduardo Tristão. **Ruy Castro passeia pelos sebos do Maletta e se mostra um bibliófilo apaixonado**. 2016. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2016/04/03/noticia-e-mais,178725/ruy-castro-passeia-pelos-sebos-do-maletta-e-se-mostra-um-bibliofilo-ap.shtml>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

GOIÂNIA. Prefeitura de Goiânia. **Bibliotecas**. Disponível em: <<http://www4.goiania.go.gov.br/portal/goiania.asp?s=2&tt=con&cd=1693>>. Acesso em: 16 out. 2018.

GOIANO só compra obra didática, diz livreiro. [Título de jornal desconhecido]. [Goiânia], [197-]. Não paginado. Disponível em: <<https://photos.app.goo.gl/AgJsYVBDMhWwhi5r5>>. Acesso em: 26 out. 2018.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 107-116.

GUIA MAIS. **Sebos em Goiânia, GO**. 2018. Disponível em: <<https://www.guiamais.com.br/goiania-go/arte-e-cultura/sebos>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INTELLECTUS (Goiânia). **Empresa**. [201-]. Disponível em: <<https://www.intellectuslivraria.com.br/pages/Empresa.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2009.

LIMA, Juliana Domingos de. **De onde vem a crise de grandes redes de livrarias no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/31/De-onde-vem-a-crise-de-grandes-redes-de-livrarias-no-Brasil>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

LOBO, Ariana. A riqueza que falta em Goiânia. **Diário da Manhã**. Goiânia, p. 3. 16 dez. 2015. Disponível em: <<https://photos.app.goo.gl/cBHx3CdEYK5jRrCj6>>. Acesso em: 16 out. 2018.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCELLO NETO, Mario; IENCZAK, Paulo Renato Souza. O ofício de vender o que se ama?: as narrativas de donos de sebos em Pelotas. In: ENCONTRO DE PESQUISAS HISTÓRICAS, 1., 2014, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: PUCRS, 2014. p. 826 - 841. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/19073/12132>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MATOS, Daiane Rosa de. **O impacto da internet no futuro dos sebos de Porto Alegre**. 2014. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/112198/000953210.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

MEIRELES, Maurício. **Livraria Cultura entra com pedido de recuperação judicial**: empresa vem atrasando pagamentos a fornecedores há cerca de dois anos. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/livraria-cultura-entra-com-pedido-de-recuperacao-judicial.shtml>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

MELO, Orlinda Carrijo. **A invenção da cidade**: leitura e leitores. Goiânia: Ed. UFG, 2007.

MÉNDEZ, Chrystal. **Feira Cultural de Campinas é o sebo mais antigo e charmoso de Goiânia**. 2016. Disponível em: <<http://www.curtamais.com.br/goiania/feira-cultural-de-campinas-e-o-sebo-mais-antigo-e-charmoso-de-goiania>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

MENEZES, Flávia. Herança cultural de Paulo Araújo. **Diário da manhã**. Goiânia, 20 out. 2014. p. 6. Disponível em: <<https://photos.app.goo.gl/ENVHDZSkyn3Esqcc9>>. Acesso em: 26 out. 2018.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros**: reencontros com o tempo. São Paulo: Edusp: Companhia das Letras, 2005.

MIRANDA, Janira Sodré. Prefácio. In: PEREIRA, Patrícia Martins (coord.). **Guia dos sebos de Goiânia**. Goiânia: UCG; Conceito, 2005.

MOLLO, Lúcia Tormin. **Bazar Oi **: uma livraria, um livreiro e um campo literário. 2016. 135 f. Disserta o (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-gradua o em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/23894>>. Acesso em: 26 out. 2018.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

MOURA, Eduardo. **Com futuro incerto, Saraiva pede recupera o judicial**: rede deve R\$ 675 mi e tenta medida para garantir natal e volta às aulas, afirma sindicato. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/11/saraiva-entra-com-pedido-de-recuperacao-judicial.shtml>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

O ESTERTOR de um mercado em agonia. **Diário da Manhã**. Goiânia, 6 fev. 1982. Não paginado. Disponível em: <<https://photos.app.goo.gl/ZVYDZzcRgULRPzV26>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

OLIVEIRA, Lucas Rufino de. **Confraria do Sebo**: blog sobre os sebos de Curitiba. 2012. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Faculdades Integradas do Brasil, Curitiba, 2012. Disponível em: <<https://tccunibrasil.files.wordpress.com/2010/05/confraria-do-sebo.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PEREIRA, Patrícia Martins (coord.). **Guia dos sebos de Goiânia**. Goiânia: UCG; Conceito, 2005.

RETRATOS da leitura no Brasil. São Paulo: Instituto Pró-Livro; IBOPE Inteligência, 2016. Disponível em: <[http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2018.

ROCHA, Luiz Célio Souza; SILVA, Éldo Santiago da; SOUSA NETO, Manoel Veras de. E-commerce: uma ferramenta formadora de alianças e redes organizacionais ou motivadora da concorrência? Um estudo de caso com os "sebos" de Natal (RN). **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 1, p.72-89, jan/abr. 2011. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/1124/1368>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

RODRIGUES, Maria Fernanda. **Fnac fecha as portas na Avenida Paulista; só resta uma loja no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/fnac-fecha-as-portas-na-avenida-paulista-so-resta-uma-loja-no-brasil/>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Livraria Cultura fecha sua última loja no Rio de Janeiro**. 2018. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/livraria-cultura-fecha-sua-ultima-loja-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

RIZZI, Iuri Rocio Franco. As cinco leis da biblioteconomia no Brasil. In: LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; EGGERT-STEINDEL, Gisela (orgs.). **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia**: reflexões e desafios. São Paulo: FEBAB, 2016. Disponível em: <[http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/As\\_contribuicoes\\_de\\_Ranganathan.pdf](http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/As_contribuicoes_de_Ranganathan.pdf)>. Acesso em: 2 dez. 2018.

SAMPAIO, Nathan. **Prestes a fechar, Fnac de Goiânia vende estoque com até 40% de desconto**. 2018. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/prestes-a-fechar-fnac-de-goiania-vende-estoque-com-ate-40-de-desconto-138389/>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

SANTOS, Alaide Pereira. **Sebos virtuais**: possibilidades de informação, leitura e conhecimento. 2008. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em:

<<http://www.labtecgc.udesc.br/tabd1/bitstream/handle/123456789/24780/tcc.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

SANTOS, Andréa Pereira dos. **Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura**. 2014. 194 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5358>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

SARAIVA anuncia fechamento de 20 unidades no país em meio a crise das livrarias: rede centenária continua com 84 lojas no Brasil, além do serviço de vendas online. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/livraria-saraiva-fecha-20-unidades-nesta-segunda-30.shtml>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. 2. ed., 4. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SEBOS DO BRASIL. **Goiás**. 2018. Disponível em: <<http://minhalivraria.net/mapas/default.asp?estado=GO>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

SECCHIN, Antonio Carlos. **Guia dos sebos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo: acrescido de um anexo com alguns dos principais sebos de Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Goiânia, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Luís do Maranhão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SILVA, Catarina Capella. Sobre sebos e livros. **Cronos (Pedro Leopoldo): revista de história**, Pedro Leopoldo, MG, n. 5, p. 165-176, 2002.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <[https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes\\_4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf)>. Acesso em: 6 dez. 2017.

SIMMONDS, Fernanda. **Garimpamos 17 sebos de Goiânia e achamos verdadeiros tesouros escondidos**. 2015. Disponível em: <<http://www.curtamais.com.br/goiania/garimpamos-17-sebos-de-goiania-e-achamos-verdadeiros-tesouros-escondidos>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. **Lista de associados**. 2018. Disponível em: <<https://app.snel.org.br/ui/associado/listaAssociado.aspx>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

TELELISTAS.NET. **Livros usados em Goiânia**. 2018. Disponível em: <<https://www.telelistas.net/go/goiania/livros+usados>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: \_\_\_\_\_. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 331-385.

## APÊNDICE A – FORMULÁRIO PARA LEVANTAMENTO DE SEBOS

Nome do sebo: \_\_\_\_\_

Ano de fundação: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone(s): \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Site: \_\_\_\_\_

Dias e horários de funcionamento: \_\_\_\_\_

Formas de pagamento: \_\_\_\_\_

Número aproximado de itens do acervo: \_\_\_\_\_

Realiza venda virtual? ( ) Sim; ( ) Não

Se sim, por onde? ( ) Estante Virtual; ( ) Livronauta; ( ) Mercado Livre; ( ) Sebos *Online*;  
( ) Site do próprio sebo; ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

O sebo possui perfil ou página em alguma rede social? Se sim, qual(is) rede(s)? \_\_\_\_\_

Materiais vendidos no sebo: ( ) Livros; ( ) Revistas; ( ) Histórias em Quadrinhos;

( ) Jornais; ( ) DVDs; ( ) Blu-rays; ( ) Fitas VHS; ( ) CDs; ( ) Vinis; ( ) Fitas K7;

Outros (quais?) \_\_\_\_\_

Fazem compra de materiais avulsos? ( ) Sim; ( ) Não

Aceitam trocas de materiais avulsos? ( ) Sim; ( ) Não

Vendem livros novos ou exclusivamente usados? \_\_\_\_\_

Possuem obras raras? Se sim, exemplos: \_\_\_\_\_

A livraria é voltada para alguma(s) área(s) específica(s)? Qual(is)? Ou é geral? \_\_\_\_\_

Quem costuma frequentar esse espaço? \_\_\_\_\_

Tem sentido alguma queda no número de vendas ou frequência ao local nos últimos anos?



Livraria Feirão do Livro (Antiga Feirão do Livro Usado)	X	X	X		X		X	X	X
Livraria Jurídica Onze de Agosto					X		X		X
Livraria Opção Cultural	X	X			X	X	X		X
Livraria Victória					X				
Livraria Parlenda				X					X
Livrocultura	X				X		X		
Livromania	X					X			
Livros e Cia (Antiga Livraria Cora Coralina)	X	X	X		X		X	X	X
Livros e Livros	X			X					X
Livros Gyn				X					
Manuscritos Livraria				X					
Mercado dos Livros	X				X		X	X	X
Namastê - Livros, Cafés e Cervejas									X
Oliveiras Livraria (Antiga filial Páginas Antigas Livraria)	X	X	X						
Páginas Antigas Livraria	X	X	X	X	X	X	X		X
Planet Music							X	X	
Planeta dos Livros		X				X			
Portal dos Livros		X	X	X					
Preguinho	X								
Primus Livraria			X	X		X		X	
Sebo Figura de Linguagem				X					
Sherazade Mercado de Livros Usados	X								
Toca do Livro	X								
Universo do Livro	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

## APÊNDICE C – GUIA DOS SEBOS DE GOIÂNIA

Neste apêndice estão listados todos os sebos que foram achados e que se encontram em funcionamento, seguidos por seus dados. Os dados foram obtidos a partir da aplicação de formulários aos livreiros, de seus cartões de visitas, e de suas páginas na Estante Virtual. Os sebos estão divididos entre os que possuem loja física, os exclusivamente virtuais listados na Estante Virtual e os estabelecimentos que não são sebos, mas que vendem livros ou revistas usados.

Uma observação deve ser feita em relação ao ano de fundação dos sebos: os anos que não possuem asterisco (\*) estão conforme o que foi informado pelos livreiros no ato de aplicação do formulário, e os anos que possuem um asterisco são as datas conforme informado por Pereira (2005) em seu levantamento, caso haja discordância com o que foi informado nos formulários. Como a maioria dos vendedores citou o ano de cabeça, é possível que não tenham sido exatos, de modo que as informações colhidas por Pereira (2005) talvez estejam mais corretas, caso a pesquisa tenha sido mais investigativa. Não é informada no trabalho, porém, a metodologia empregada nesse quesito.

Por último, em relação ao acervo, o número aproximado de itens está conforme o que foi respondido pelos entrevistados, e em seguida informamos a quantidade de livros disponíveis na Estante Virtual. A diferença que há entre os números não é relevante, pois nem todos os sebos disponibilizaram o seu acervo completo no site. E como a quantidade de itens no portal varia a cada minuto à medida que novas vendas são realizadas e novos itens são incluídos no acervo, destacamos que os números são referentes ao que foi coletado no dia 10 de novembro de 2018.

### 1 SEBOS FÍSICOS

1) Amigos do Livro Livraria & Papelaria (Centro)

**Ano de fundação:** 2002

**Endereço:** Rua 4, nº 735 - Centro - CEP: 74020-060

**Telefone:** (62) 3224-7570

**E-mail:** amigosdolivro@hotmail.com

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @amigosdolivrogo, Instagram: @amigosdolivrolivro

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 12h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, HQs e artigos de papelaria

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/amigoslivros>)

**Acervo:** Aproximadamente 17 mil itens em ambas as lojas (16.528 itens à venda na Estante Virtual)

2) Amigos do Livro Livraria & Papelaria (T-63)

**Ano de fundação:** 2011

**Endereço:** Av. T-63, nº 737 - Setor Bueno - CEP: 74230-105

**Telefone:** (62) 3093-5132

**E-mail:** amigosdolivrot63@hotmail.com

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @amigosdolivrogo, Instagram: @amigosdolivrolivro

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, HQs e artigos de papelaria

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito, cheque pré-datado

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/amigoslivros>)

**Acervo:** Aproximadamente 17 mil itens em ambas as lojas (16.528 itens à venda na Estante Virtual)

3) Animus Livraria

**Ano de fundação:** 2015

**Endereço:** Rua 20, Quadra 51, Lote 07 - Vila Santa Helena - CEP: 74555-325

**Telefone:** (62) 3877-0087, (62) 98557-7360, (62) 98426-3461

**E-mail:** livrariaanimus@gmail.com

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @animuslivraria

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 19h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/animuslivraria>)

**Acervo:** Aproximadamente 3.500 itens (3.440 itens à venda na Estante Virtual)

4) Armazém do Livro (Matriz)

**Ano de fundação:** 1999

**Endereço:** Av. Goiás (esq. c/ Rua 5), nº 929 - Centro - CEP: 74005-010

**Telefone:** (62) 3212-8761, Fax: (62) 3213-3178

**E-mail:** vendas@armazemdolivro.com.br

**Site:** www.armazemdolivro.com.br

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @armazemdolivro, Instagram: @armazemdolivrogo

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, HQs, DVDs, Blu-rays, CDs, discos de vinil, placas decorativas

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/armazemdolivro>)

**Acervo:** Entre 40 e 50 mil itens (19.272 itens à venda na Estante Virtual)

5) Armazém do Livro (Nova Suíça)

**Ano de fundação:** 2010

**Endereço:** Praça Wilson Sales (Pça. da Nova Suíça), nº 195, Loja 1 - Setor Nova Suíça - CEP: 74280-370

**Telefone:** (62) 3224-6941, Fax: (62) 3225-8571

**E-mail:** ldlivros@gmail.com

**Site:** www.armazemdolivro.com.br

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @armazemdolivro, Instagram: @armazemdolivrogo

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, artigos de papelaria

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/armazemdolivropns>)

**Acervo:** Aproximadamente 10 mil itens (7.964 itens à venda na Estante Virtual)

6) Armazém do Livro (T-63)

**Ano de fundação:** 2008

**Endereço:** Av. T-63 c/ T-36, Quadra 146, Lote 03, nº 679 - Setor Bueno - CEP: 74230-105

**Telefone:** (62) 3093-5030, Fax: (62) 3954-5090

**E-mail:** vendasfilial@armazemdolivro.com.br

**Site:** [www.armazemdolivro.com.br](http://www.armazemdolivro.com.br)

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @armazemdolivro, Instagram: @armazemdolivrogo

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, HQs, DVDs, discos de vinil, placas decorativas

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/armazemfilial>)

**Acervo:** Aproximadamente 12 mil itens usados (9.449 itens à venda na Estante Virtual)

#### 7) Bazar do Livro

**Ano de fundação:** 1989\*

**Endereço:** Rua 4, nº 1.035 - Centro - CEP: 74200-600

**Telefone:** (62) 3223-3939, (62) 98462-9134

**E-mail:** [bazardolivro\\_gyn@hotmail.com](mailto:bazardolivro_gyn@hotmail.com)

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/bazardolivrogyn>)

**Acervo:** 12.263 itens à venda na Estante Virtual

**Observação:** não responderam ao formulário. Os dados foram obtidos do cartão de visita do estabelecimento e de sua página na Estante Virtual.

#### 8) Espaço Cultural Vídeo

**Ano de fundação:** 2008

**Endereço:** Av. Goiás, Quadra 111, Lote 119, nº 1.161 - Centro - CEP: 74050-100

**Telefone:** (62) 3223-2531, (62) 98581-2189

**Site:** [espacoculturalvideo.blogspot.com](http://espacoculturalvideo.blogspot.com)

**Páginas em redes sociais:** Facebook

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 7h às 19h; sábado das 7h às 15h

**Produtos oferecidos:** Livros usados, revistas, HQs, jornais, DVDs, Blu-rays, fitas VHS, CDs, discos de vinil, fitas K7, etc.

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Mercado Livre

**Acervo:** Aproximadamente 150 mil itens

#### 9) Feira Cultural de Campinas

**Ano de fundação:** 1977 (ou 1976\*)

**Endereço:** Rua Santa Luzia, Quadra 80, Lote 01, nº 622 - Campinas - CEP: 74525-040

**Telefone:** (62) 3233-5080

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 9h30 às 18h; sábado das 9h30 às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros usados, revistas, HQs, discos de vinil

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Somente dinheiro

10) Hocus Pocus

**Ano de fundação:** 1992

**Endereço:** Av. Araguaia, nº 957 - Centro - CEP: 74030-100

**E-mail:** h.pocus@uol.com.br

**Observação:** A livraria é dividida em duas lojas, a do térreo e do primeiro andar. Por terem focos e dados diferentes, optou-se aqui pela coleta de dados separadamente.

a) Sobreloja

**Telefone:** (62) 3087-6652

**Páginas em redes sociais:** Facebook: Livraria HocusPocus Net, Instagram:

@livrariahocuspocus, Twitter: @sebohocuspocus, Tumblr: livrariahocuspocus.tumblr.com

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 9h às 18h; sábado das 9h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, DVDs, CDs, discos de vinil, itens e placas decorativas, etc.

**Realizam:** Troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/hocuspocus>)

**Acervo:** Aproximadamente 50 mil itens (59.987 itens à venda na Estante Virtual)

b) Térreo

**Telefone:** (62) 3092-1927

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @hocuspocusloja, Instagram: @hocuspocusjr

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 10h às 18h; sábado das 10h às 13h

**Produtos oferecidos:** HQs, camisetas, placas decorativas, chaveiros, etc.

**Realizam:** Troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/hocuspocus>) (poucos itens)

**Acervo:** Aproximadamente 20 mil itens

**Área:** HQs

11) Intellectus

**Ano de fundação:** 1978 (como livraria, pois a empresa existe desde 1976)

**Endereço:** Rua 802, nº 234 - Leste Vila Nova - CEP: 74633-110

**Telefone:** (62) 3202-1500, Whatsapp: (62) 99282-1293

**E-mail:** falecom@intellectuslivraria.com.br

**Site:** www.intellectuslivraria.com.br

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @paginaintellectus

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 12h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, raros e esgotados

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Site próprio

**Acervo:** Aproximadamente 57 mil títulos em mais de 100 mil itens

**Observações:** A empresa realiza também restauração e reimpressão de livros (em fac-símile).

Permitem consulta ao acervo a pesquisadores. A livraria é focada em obras raras, voltadas principalmente para a área jurídica. Possuem coleções completas de direito, política, historicidade brasileira, brasilianas completas, periódicos jurídicos desde o século XIX, tudo sobre Rui Barbosa. O livro mais antigo da livraria é datado de 1557.

12) Livraria Didática

**Ano de fundação:** 1974 (ou 1983\*)

**Endereço:** Rua 4, nº 789 - Centro - CEP: 74620-140

**Telefone:** (62) 3224-4014

**E-mail:** contato@livrariadidatica.com.br

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/livrariadidatica>)

**Acervo:** Aproximadamente 25 mil itens (10.649 itens à venda na Estante Virtual)

## 13) Livraria Feirão do Livro

**Ano de fundação:** 1999\*

**Endereço:** Rua 4, nº 1.077 - Centro - CEP: 74015-175

**Telefone:** (62) 3223-1040, Fax: (62) 3213-6003

**E-mail:** livrariafeiraodolivro@hotmail.com.br

**Páginas em redes sociais:** Facebook: Livraria Feirão do Livro

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, artigos de papelaria

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual

**Acervo:** Aproximadamente 25 mil itens

## 14) Livraria Opção Cultural

**Ano de fundação:** 1996

**Endereço:** Av. Goiás, nº 759 - Centro - CEP: 74015-200

**Telefone:** (62) 3223-5713, (62) 3229-2703

**E-mail:** opcaolivraria@terra.com.br

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @livrariaopcaocultural, Instagram: @opcaocultural

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, HQs, DVDs, CDs, discos de vinil

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/opcaocultural>,  
<https://www.estantevirtual.com.br/livrariaopcaodois>)

**Acervo:** Aproximadamente 300 mil itens (42.187 itens à venda na Estante Virtual)

## 15) Livraria Parlenda

**Ano de fundação:** 2012 (como sebo, pois a empresa existe desde 1999)

**Endereço:** Rua C-134 c/ C-146, Quadro 272, Lote 12, nº 168 - Jardim América - CEP: 74255-480

**Telefone:** (62) 3281-5452

**E-mail:** rfeditora@rfeditora.com.br

**Site:** [www.rfeditora.com.br](http://www.rfeditora.com.br)

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @LivrariasParlenda

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h (sujeito à disponibilidade da atendente)

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, revistas, HQs

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/Parlenda>), Livronauta, Mercado Livre, Sebos *Online*, site próprio

**Acervo:** Aproximadamente 8 mil itens (3.309 itens à venda na Estante Virtual)

16) Livrocultura

**Ano de fundação:** 1994 (ou 1997\*)

**Endereço:** Av. 24 de Outubro, nº 1.870 - Setor Campinas - CEP: 74505-011

**Telefone:** (62) 3233-6736

**E-mail:** [livrocultura@hotmail.com.br](mailto:livrocultura@hotmail.com.br)

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, revistas, HQs, CDs

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

17) Livros & Cia

**Ano de fundação:** 1996 (ou 2004\*)

**Endereço:** Av. Goiás, nº 771 - Centro - CEP: 74005-010

**Telefone:** (62) 3225-3592

**E-mail:** [alivrosecia@hotmail.com](mailto:alivrosecia@hotmail.com)

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados (foco maior em didáticos), HQs

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Mercado Livre

**Área:** Livros didáticos, principalmente

18) Mercado dos Livros

**Ano de fundação:** 1990 (ou 1992\*)

**Endereço:** Av. 4ª Radial, nº 324 - Setor Pedro Ludovico - CEP: 74830-130

**Telefone:** (62) 3093-4639

**E-mail:** mercadodoslivros@yahoo.com.br

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, artigos de papelaria

**Realizam:** Troca

**Formas de pagamento:** Somente dinheiro

**Acervo:** Aproximadamente 10 mil itens

19) Oliveira's Livraria

**Ano de fundação:** 2012

**Endereço:** Rua 4, nº 867 - Centro - CEP: 74015-150

**Telefone:** (62) 3225-3389, (62) 3224-8103, (62) 98602-0605

**E-mail:** contato@oliveiraslivraria.com.br

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, discos de vinil

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Acervo:** Aproximadamente 10 mil itens

20) Páginas Antigas Livraria

**Ano de fundação:** 1981 (ou 1984\*)

**Endereço:** Rua 4 c/ Rua 9, nº 870 - Centro - CEP: 74025-020

**Telefone:** (62) 3223-5803, Fone/Fax: (62) 3229-0963

**E-mail:** livraria@paginasantigas.com.br

**Site:** www.paginasantigaslivraria.com.br

**Páginas em redes sociais:** Facebook: Páginas Antigas Livraria

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, HQs, DVDs, Blu-rays, CDs, discos de vinil

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/antigas>)

**Acervo:** 26.859 itens à venda na Estante Virtual

## 21) Portal dos Livros

**Ano de fundação:** 2010

**Endereço:** Rua 4, nº 1.053 - Centro - CEP: 74015-175

**Telefone:** (62) 3086-6585

**E-mail:** livrariaportal doslivros@gmail.com, portaldoslivros ltda@gmail.com, portaldoslivros ltda@hotmail.com

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 9h às 17h; sábado das 9h às 12h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, revistas, HQs, DVDs, CDs

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/portaldoslivros>)

**Acervo:** 12.399 itens à venda na Estante Virtual

## 22) Primus Papelaria &amp; Livraria

**Ano de fundação:** 2003, mas desde 2014 no local atual

**Endereço:** Av. T-63, nº 127 (Praça Nova Suíça) - Setor Nova Suíça - CEP: 74280-370

**Telefone:** (62) 3225-7859, (62) 3225-7869, Fax: (62) 3225-5140, Whatsapp: (62) 98215-5823

**E-mail:** primusdolivro@hotmail.com

**Páginas em redes sociais:** Instagram: @primuslivraria

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, HQs, artigos de papelaria

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/primus>)

**Acervo:** Aproximadamente 8 mil itens (5.742 itens à venda na Estante Virtual)

## 23) Universo do Livro

**Ano de fundação:** 2002 (ou 2003\*)

**Endereço:** Rua 3 c/ Rua 7, nº 657 - Centro - CEP: 74005-010

**Telefone:** (62) 3224-8585, (62) 98500-1468

**E-mail:** universodolivro@hotmail.com

**Site:** [www.universodolivro.com.br](http://www.universodolivro.com.br)

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @universodolivrogo, Instagram: @universodolivrogo

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 8h às 18h; sábado das 8h às 13h

**Produtos oferecidos:** Livros novos e usados, revistas, HQs, artigos de papelaria

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/981019191>)

**Acervo:** Entre 40 e 45 mil itens (8.951 itens à venda na Estante Virtual)

## **2 SEBOS EXCLUSIVAMENTE VIRTUAIS LISTADOS NA ESTANTE VIRTUAL**

1) A Casa de Vidro

**Ano de fundação:** 2010 (desde 2016 na Estante Virtual)

**E-mail:** educarlidemoraes@gmail.com

**Site:** [www.acasadevidro.com](http://www.acasadevidro.com)

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @blogacasadevidro, Twitter: @acasadevidro

**Venda virtual:** Estante Virtual ([https://www.estantevirtual.com.br/acasadevidro\\_livraria](https://www.estantevirtual.com.br/acasadevidro_livraria))

**Acervo:** 348 itens à venda na Estante Virtual

2) Avalon Revistaria

**Ano de fundação:** Desde 2007 na Estante Virtual

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/avalon>)

**Acervo:** 5.684 itens à venda na Estante Virtual

3) Excelência Livraria

**Ano de fundação:** Desde 2018 na Estante Virtual

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/excelencialivraria>)

**Acervo:** 916 itens à venda na Estante Virtual

4) Gold Livros

**Ano de fundação:** Desde 2017 na Estante Virtual

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/goldlivros>)

**Acervo:** 1.904 itens à venda na Estante Virtual

5) Livros e Livros

**Ano de fundação:** Desde 2017 na Estante Virtual

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/livroselivrosgoiania>)

**Acervo:** 25.950 itens à venda na Estante Virtual

6) Livros Gyn

**Ano de fundação:** Desde 2016 na Estante Virtual

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/livrosgyn>)

**Acervo:** 3.112 itens à venda na Estante Virtual

7) Manuscritos Livraria

**Ano de fundação:** Desde 2008 na Estante Virtual

**Venda virtual:** Estante Virtual ([https://www.estantevirtual.com.br/j\\_junior8](https://www.estantevirtual.com.br/j_junior8))

**Acervo:** 227 itens à venda na Estante Virtual

8) Sebo Figura de Linguagem

**Ano de fundação:** 2014 (desde 2015 na Estante Virtual)

**Telefone:** (62) 9966-7713

**E-mail:** contato@figuradelinguagem.com.br

**Site:** www.figuradelinguagem.com.br

**Páginas em redes sociais:** Instagram: @sebofiguradelinguagem

**Venda virtual:** Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/figuradelinguagem>)

**Acervo:** 4.798 itens à venda na Estante Virtual

### **3 ESTABELECIMENTOS QUE NÃO SÃO SEBOS, MAS QUE VENDEM LIVROS OU REVISTAS USADOS**

1) Avalon Variedades

**Ano de fundação:** 2009

**Endereço:** Av. Araguaia, nº 955 - Centro - CEP: 74030-100

**Telefone:** (62) 99337-5874

**E-mail:** avalonvariedades@hotmail.com

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @AvalonVariedades, Instagram: @avalonvariedades

**Horário de funcionamento:** 2ª a 6ª das 9h30 às 18h; sábado das 9h às 15h

**Produtos oferecidos:** HQs, variedades (camisetas, decoração, piercing, chaveiros, etc.)

**Realizam:** Compra e troca

**Formas de pagamento:** Cartões de crédito e débito

**Acervo:** Aproximadamente 10 mil itens

**Área:** HQs

2) Evoé Café com Livros

**Ano de fundação:** 2013

**Endereço:** Rua 91, nº 489 - Setor Sul - CEP: 74083-150

**Telefone:** (62) 3092-3733

**E-mail:** evoecafecomlivros@gmail.com

**Páginas em redes sociais:** Facebook: @evoelivros, Instagram: @evoelivros

**Horário de funcionamento:** 4ª a domingo das 17h às 0h.

**Observação:** dados obtidos em página do Facebook.

3) Namastê - Livros, Cafés e Cervejas

**Endereço:** Rua U 82, Quadra 50, Lote 10, nº 284 - Vila União - CEP: 74313-740

**Telefone:** (62) 98245-5899

**Páginas em redes sociais:** Instagram: @namastelivroscafescervejas

**Horário de funcionamento:** 3ª a 5ª das 15h às 23h; 6ª a sábado das 15h às 0h.

**Observação:** dados obtidos em busca no Google.